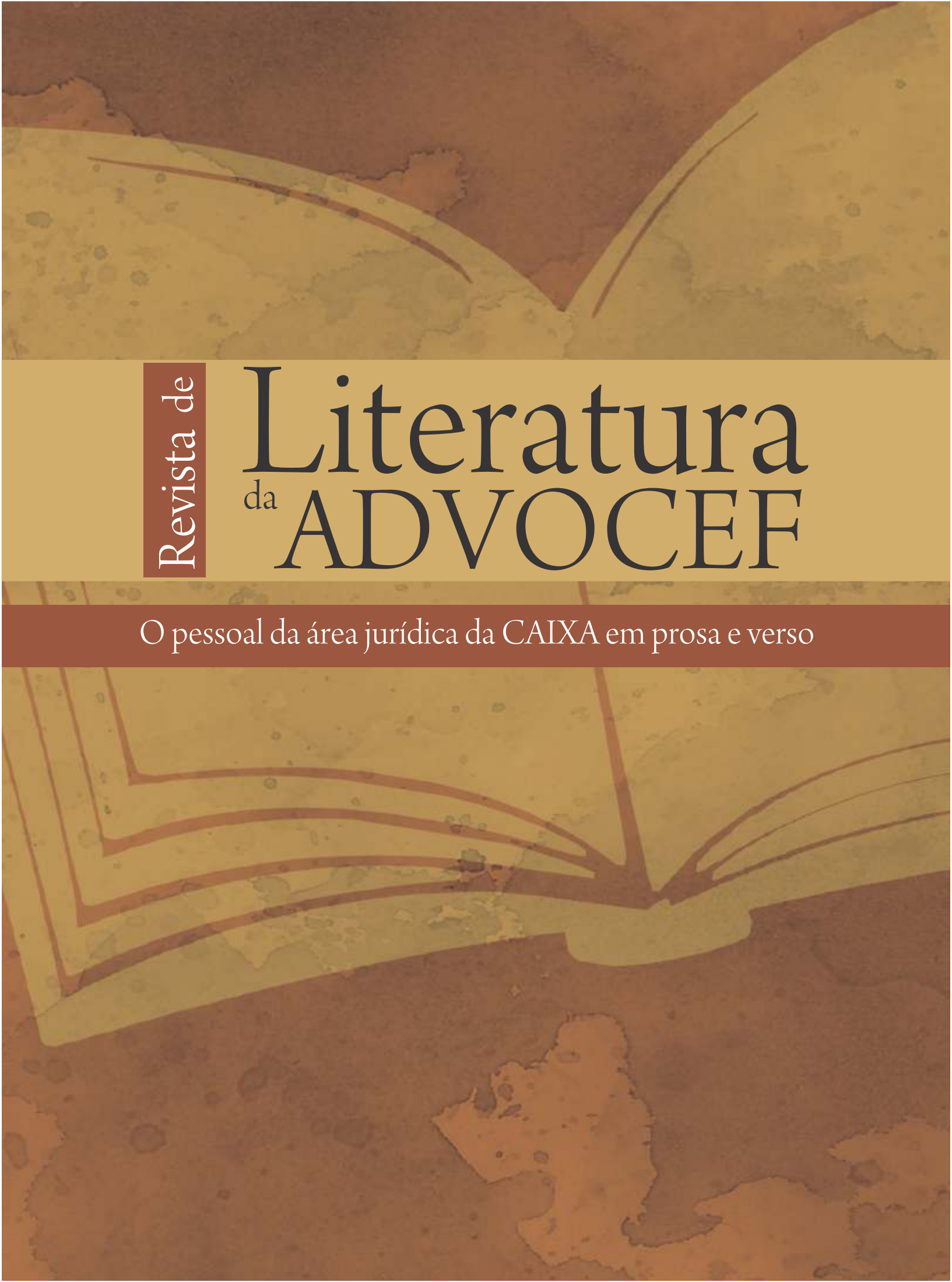


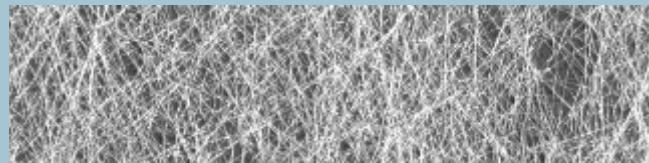


Revista de

Literatura da ADVOCEF

O pessoal da área jurídica da CAIXA em prosa e verso

Expediente



DIRETORIA EXECUTIVA 2008-2010

Presidente: Davi Duarte (Porto Alegre)
Vice-Presidente: Bruno Vicente Becker Vanuzzi (Porto Alegre)
1º Secretário: Ricardo Gonçalves Tavares (Porto Alegre)
2º Secretário: José Carlos Pinotti Filho (Londrina)
1º Tesoureiro: Fernando da Silva Abs da Cruz (Novo Hamburgo)
2º Tesoureiro: Mariano Moreira Júnior (Florianópolis)
Diretor de Articulação e Relacionamento Institucional: Carlos Alberto Regueira de Castro Silva (Recife) - articulacao@advocéf.org.br
Diretor de Comunicação: Roberto Maia (Porto Alegre)
comunicacao@advocéf.org.br
Diretor de Honorários: Marcelo Quevedo do Amaral (Porto Alegre)
honorarios@advocéf.org.br
Diretor de Negociação: Anna Claudia de Vasconcellos (Florianópolis)
negociacao@advocéf.org.br
Diretor de Prerrogativas: Júlio Vitor Greve (Brasília)
prerrogativas@advocéf.org.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Membros efetivos: Laert Nascimento Araújo (Aracaju), Marcelo Dutra Victor (Belo Horizonte), Renato Luiz Harmi Hino (Curitiba), Patrícia Raquel Caires Jost Guadanhim (Londrina) e Henrique Chagas (Presidente Prudente)

Membros suplentes: Maria Eliza Nogueira da Silva (Brasília), Arcinélito de Azevedo Caldas (Campos dos Goytacazes) e Daniele Cristina Alaniz Macedo (São Paulo)

CONSELHO FISCAL

Membros efetivos: Liana Cunha Mousinho Coelho (Belém), Rogério Rubim de Miranda Magalhães (Belo Horizonte) e Alfredo Ambrósio Neto (Goiânia)

Membros suplentes: Fábio Romero de Souza Rangel (João Pessoa) e Sandro Cordeiro Lopes (Rio de Janeiro)

Endereço em Brasília/DF:

SBS, Quadra 2, Bloco Q, Lote 3, Sala 1410
Edifício João Carlos Saad | CEP 70070-120
Fone (61) 3224-3020 | E-mail: brasilia@advocéf.org.br
Auxiliar administrativo: Priscila Christiane da Silva

Endereço em Porto Alegre/RS:

Rua Siqueira Campos, 940 / 201 | Centro | CEP 90010-000 Fones (51) 3286-5366 e (51) 3221-7936
Auxiliares Administrativos: Lisandra de Andrade Pereira (Financeiro) e Rafael Martins Dias (Secretaria)

www.advocéf.org.br – Discagem gratuita 0800.647.8899



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ADVOGADOS
DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

REPRESENTANTES REGIONAIS

Laert Nascimento Araújo (Aracaju) | Patrick Ruiz Lima (Belém) | Leandro Clementoni da Cunha (Belo Horizonte) | Elisia Sousa Xavier (Brasília) | Juliana Varella Barca de Miranda Porto (Brasília) | Júlio Vitor Greve (Brasília) | Carlos Henrique Bernardes Castello Chiossi (Campinas) | Alfredo de Souza Briltes (Campo Grande) | Renato Luiz Ottoni Guedes (Cascavel) | Eber Saraiva de Souza (Cuiabá) | Jayme de Azevedo Lima (Curitiba) | Edson Maciel Monteiro (Florianópolis) | Adonias Melo de Cordeiro (Fortaleza) | Ivan Sérgio Vaz Porto (Goiânia) | Leopoldo Viana Batista Junior (João Pessoa) | Rodrigo Trezza Borges (Juiz de Fora) | Altair Rodrigues de Paula (Londrina) | Dioclécio Cavalcante de Melo Neto (Maceió) | Alcefredo Pereira de Souza (Manaus) | José Irajá de Almeida (Maringá) | Carlos Roberto de Araújo (Natal) | Daniel Burkle Ward (Niterói) | Clarissa Pires da Costa (Novo Hamburgo) | Luis Gustavo Franco (Passo Fundo) | Marcelo Quevedo do Amaral (Porto Alegre) | Melissa dos Santos Pinheiro (Porto Velho) | Henrique Chagas (Presidente Prudente) | Pedro Jorge Santana Pereira (Recife) | Sandro Endrigo de Azevedo Chiaroti (Ribeirão Preto) | Márcio Miranda de Souza (Rio de Janeiro) | Jair Oliveira Figueiredo Mendes (Salvador) | Fábio Radin (Santa Maria) | Antonio Carlos Origa Junior (São José do Rio Preto) | Flávia Elisabete de Oliveira Fidalgo Souza Karrer (São José dos Campos) | Ênio Leite Alves da Silva (São Luís) | Roland Gomes Pinheiro da Silva (São Paulo) | Renato Cavalcante de Farias (Teresina) | Luciola Parreira Vasconcelos (Uberlândia) | Cleber Alves Tumoli (Vitória) | Aldir Gomes Selles (Volta Redonda).

Revista de
Literatura
da
ADVOCEF

Editor: Mário Goulart Duarte
Projeto gráfico, capa, contracapa e ilustrações: Eduardo Furasté
Editoração eletrônica: José Roberto Vazquez Elmo
Tiragem: 2.500 exemplares | Impressão: Gráfica Pallotti

Janeiro de 2010

Apresentação

3

Contos

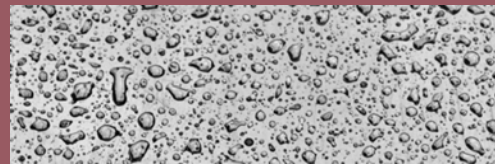
A noiva	60
A porta	50
A truada	56
A viagem da leitura	88
Assédio	8
Café para quatro	30
Cento e cinquenta	42
Cinco da manhã	72
Em carnaval também se ama	44
Inocente no mundo de Kafka	16
Não há sabedoria na cova a que se destina	7
O cofre	12
O pufe	39
Perspectiva	69
Sorte Grande	58
Uma vez após o cinema	36

Crônicas

A estranha mania da Caixa	4
A leitura me dá sorte	20
A mosca	82
De Anselmo a Verdes Trigos	34
Domingo no clube	48
Homem, um eterno insatisfeito	65
Impermanência	66
Menino é bicho infantil, né não?	78
Natal pagão	77
O guarda-noturno	17
O Mosquito	86
O velho general e a dama de ouros	24
Paixão adolescente	70
Passagem	84
Pensamento - força motriz da humanidade	62
Quotidiano	32

Poemas

A duração	68
A morte incondicional	38
A mulher	54
A vida é feita de caminhos	74
Amor de areia e mar	81
Cálice	85
Cartão	55
Com atraso famigerado li suas ditosas linhas	74
Cristal na noite	68
Desconstruindo-se	68
Desculpas perversas	85
Direito Penal em versos	6
Espera	80
Etapas	23
Fica comigo	76
Gosto feminino	55
Luísa	23
Mais que	6
Mensagem de Ano Novo	80
Nuvenzinha (My little cloud)	55
O amor	75
O dizer sem palavras já rompeu o vento	75
Olhos ao mar	81
Paradoxo	23
Por detrás dos sinais	85
Razões de um cantor	74
Renovação	22
Roubei um verso	22
Saga da figueira - A estória de Governador Valadares/MG	28
Sem limites	75
Silêncio	80
Sucessão cinematográfica vital	38
Tantas são as poesias da vida	76
Todos os sonhos	76



Letras e sentimentos

A Associação Nacional dos Advogados da Caixa Econômica Federal - ADVOCEF, com alegria e júbilo, apresenta sua primeira Revista de Literatura.

Nascida de uma proposição do associado Jayme de Azevedo Lima, apresentada no XVII Congresso Nacional da ADVOCEF, aprovada por unanimidade, a Revista de Literatura tomou forma e corpo com a adesão entusiasmada de muitos companheiros.

Participam do projeto autores já conhecidos através das publicações da ADVOCEF. Essenciais, desbravadores, eles valorizam a obra e acompanham os novos talentos, ou simplesmente desconhecidos, que se mostram agora para todos. Advogados e escriturários, os autores são todos integrantes da área jurídica da Caixa.

A concepção gráfica diferenciada emoldura com carinho a produção desses escritores e poetas. Dá o devido destaque a textos em prosa e verso que tratam do amor, das relações humanas, das sensações vividas no cotidiano. Alguns autores põem em cena situações e gentes do seu habitat profissional - que abrange a Justiça e, especialmente, o Jurídico da Caixa.

A Revista pretende ir além do mero exercício de aproximação entre as pessoas que tornaram a ideia uma realidade. Consolidando em suas páginas uma resenha da produção literária desse segmento, ela propicia um profundo reconhecimento do valor de cada um para a totalidade da categoria.

Receba este exemplar como demonstração do afeto dos que fazem do Jurídico da Caixa um órgão peculiar, composto de trabalhadores que se expressam, também, através da arte, a boa arte.

Desejamos um ótimo 2010, repleto de graças e de realizações. Que não nos falte trabalho e que nos disponhamos, sempre, a dar uma parada, para refletir e (re)ler as manifestações de sensibilidade e de cultura com que somos brindados.

Boa leitura!

Diretoria Executiva da ADVOCEF

A estranha mania da Caixa

Éder Maurício Pezzi López

A primeira coisa que percebi quando entrei na Caixa foi que ela não era aquele típico ente abstrato e impessoal que constitui uma pessoa jurídica. A "Caixa" era mais do que isso. Ela é quase uma verdadeira pessoa, com sentimentos, bondade, malícia. Em tempos de dissídio coletivo, tem gente que diz "a Caixa tá sacaneando!", "a Caixa tem que abonar os dias parados!", "a Caixa disse que vai dar aumento", e assim por diante. Dá quase pra ver a cara dela às vezes. Até quem duvida dessa personalidade dela, e adora dizer "eu ganhei a causa", "eu cobre a dívida", "eu assinei o contrato", na hora do aperto manda um clássico "a Caixa errou", "a Caixa perdeu", falando com uma voz baixinha entre os dentes. Então, visto que ela existe, vamos agora falar da sua estranha mania: trocar o nome das coisas.

A nossa velha e boa Caixa tem um vício incontrolável de dar novos nomes para as coisas, criar novas siglas, rebatizar áreas inteiras. Não que ela também não goste de mudar as coisas de verdade, na sua substância. Nada disso. O fato é que, antes de qualquer coisa, ela tem um gosto especial por ficar horas pensando no novo nome que as coisas terão. Olhem só: um dia ela viu que o nome SEREN estava meio batido e resolveu mudar o nome dos jurídicos regionais para CEJUR, reforçando mais o "jur", talvez pra botar mais juridicidade no órgão. Não satisfeita, mudou para JURIR, botando o "jur" bem no começo, pra dizer logo a que vinha aquele setor da empresa. Esses tempos mesmo, depois de ligar umas três vezes para o mesmo número achando que tinha errado o ramal, descobri que a antiga GITER tinha virado GICOT, e a GIPRO agora se chamava GICOP.

E as mudanças não envolvem só os funcionários que estão do lado de dentro. Tem gente de fora que também se atrapalha toda. Há alguns anos, uma colega minha quase saiu no tapa no consultório médico para que aceitassem o "Saúde Caixa" dela. A secretária do médico insistia



que eles só aceitavam o PAMS, e não tinha conversa. O plano de saúde tinha mudado de nome (de novo), e algumas pessoas estavam menos atualizadas do que o necessário.

Se a Caixa fosse participar de uma entrevista dessas da televisão, onde fazem aquele "bate bola" de perguntas curtas, e perguntassem qual o livro de cabeceira, acho que todos se surpreenderiam. Alguns esperariam algum livro de Keynes, ou de Adam Smith, ou até de Karl Marx, mas todos estariam tremendamente enganados. O livro preferido da nossa querida Caixa é "Marcelo, Martelo, Martelo", aquele clássico da literatura infantil sobre o menino que adorava mudar o nome das coisas. Ao invés de chamar colher de "mexedor", a Caixa gosta de alterar o nome de gerências, superintendências, escritórios, ou mesmo de transformar um no outro, só para mudar de "EN" para "SR".

Na realidade, essa obsessão por criar títulos e nomes meio que acabou ganhando vida própria na empresa, e os próprios funcionários acabaram inventando as suas próprias siglas. Quem já trabalhou em agência pode até não saber o que é

o "boletim de ocorrências diárias" (acho que é isso), mas conhece o "BOD" como velho amigo e companheiro do dia a dia. O problema é que sempre tem gente que abusa. Há alguns anos, na época em que corriam rumores de privatização da Caixa, uns empregados marotos soltaram o boato de que estavam adiantadas as negociações com a empresa americana Organizational Design and Management Co. (ODAM), as quais previam uma série de medidas de enxugamento de salários e cargos. Seria então formado o conglomerado CEF-ODAM. A Caixa, é claro, não gostou da nova sigla - nem da brincadeira - e resolveu cortar o mal pela raiz. Mandou reformar o logo da empresa e eliminar toda e qualquer alusão à "CEF". Dali para a frente era só "Caixa", e fim de papo.

Se as mudanças são complicadas para quem está na ativa, para os aposentados isso é um verdadeiro drama. É comum ver alguns ex-colegas tentando visitar seu antigo local de trabalho, não raro trazendo uma daquelas carteiras compridas debaixo do braço, acompanhados de algum netinho que carrega um sorvete recém comprado. Esses tempos mesmo vi um deles na portaria do prédio da Almirante Barroso, no centro do Rio, dizendo que tinha trabalhado na GEAFI. Não vi o desfecho da conversa, mas lembro de ouvir a atendente dizer que ali não tinha nenhuma área com esse nome, e que ele deveria estar enganado. Enganado não. Atrasado, porque a área já tinha mudado de nome, pelo menos umas três vezes. Na verdade, acho que a cada mudança a Caixa deveria mandar uma espécie de glossário para os colegas aposentados lerem e fazerem as devidas conversões, até para poderem conversar uns com os outros.

A realidade - sou forçado a reconhecer - é que todos nós temos uma dificuldade enorme de aceitar as mudanças, especialmente aquelas que mudam o nome das coisas e, às vezes, até a maneira como chamamos o nosso próprio local de trabalho. Contudo, talvez isso seja o início das verdadeiras transformações, e uma forma de a gente não se acomodar, deixando de acreditar que tudo pode de alguma forma ser melhorado. Mas há que se ter cuidado, pois o tiro pode sair pela culatra. Uma vez chegou uma mensagem da matriz para todas as agências, determinando que o já citado BOD passasse a ser feito por meio de formulário, o que alteraria radicalmente a sigla do documento. O resultado foi uma outra mensagem no dia seguinte, cancelando a anterior e, principalmente, fazendo renascer o nome do velho BOD, que conseguiu vencer a mania da Caixa. Pelo menos dessa vez. ■



Direito Penal em versos

Manoel Messias Fernandes de Souza

Penal é o ramo do Direito
Falem-me recursos, "engenho e arte",
Faço dele, modéstia à parte,
Uma fonte de cultura e inspiração!

Ainda que tudo vá para os ares,
Talvez, quiçá, buscar o infinito,
Quero degustar, gota a gota,
O mal de seu veneno intangível!

Ao que me parece, ao contrário
Do que pensa nobre criminalista alemão,
Não se me afigura um "mal necessário"
Que, superada a necessidade, só resta o mal".

Não acredito ter o Direito Penal
Tão-somente pela influência da moral
Judaico-cristã, de índole sensacional
Padecer, insólito, no seu próprio calvário!

Não há que se vê-lo, portanto, isolado,
Assistêmico e antiquado, doravante
Atribua-se-lhe missão de combater o crime
Pois, intento, de tamanho calado, incumbe
A toda ordem jurídica imposta pelo Estado.

Inconcebível negar ao delito,
Fenômeno expansivo metastático,
O seu caráter de fato social proscrito,
A indicar a ratio cognoscendi do desprezo
Do conceito de justo em dada sociedade.

Mais que

Luciane Martins de Araújo
Mascarenhas

Mais que o mundo jurídico
Tão preciso
Tão cheio de normas
Que possibilitam
A organização das relações
A convivência civilizada

Mais que as ciências nos
proporcionam
Impulsionando o desenvolvimento
Da tecnologia
Do conhecimento
Trazendo feitos significativos
Alterando a cada instante
Nossa vida civilizada

Vale aquilo que somos
Aquilo que podemos
Transmitir aos outros
Deixando nossa marca
Nosso jeito de ser
A fim de vê-lo prosseguir
Seu caminho
Mesmo distante de nós

Não há sabedoria na cova a que se destina

Henrique Chagas

Final de tarde. Cansado, após ter prolatado inúmeras e sábias sentenças naquele dia de agosto, o velho magistrado sonha com a aposentadoria que não tardará. Da pauta, ainda restou o julgamento de um simples pedido de alvará. Começou a lê-lo, com a calma e a serenidade que lhe são peculiares: "Libera a tua boca pra sorrir/ O melhor remédio pro tédio é se divertir/ livre-se do passado que viveu/ pra ficar também de bem como eu (libera)/ Dane-se tudo que te sufocar/ tudo aquilo que te impede de poder voar/ Libera geral".

Sentiu-se como se adentrasse num programa infantil de televisão; entretanto, diante de si se prosternava um pedido de autorização para saque do FGTS, onde o interessado alegou que a sua conta vinculada se encontrava paralisada há três anos. O interessado sustentou que o entrave se dava por meras questões burocráticas, com as quais ele não concordava. Por isso fundamentou seu pedido no "libera geral".

O interessado declarou-se frustrado com o indeferimento da tutela antecipada pedida (indeferida por inadequação processual, diga-se de passagem), que não correspondeu à sua expectativa. Esperava que o pedido fosse concedido sem procedimento, sem processo, sem delongas, sem formalismos, sem burocracias, "zás traz".

Afirmava ainda que caso não houvesse reconsideração, e, se não lhe fosse deferido o alvará, de nada valeria ter batido às portas do magistrado, pois o interessado poderá sacar o FGTS, na própria Caixa, no seu aniversário em abril vindouro, pelo que, ao contrário, melhor será arquivar o processo.

Incrédulo, palpitava ansioso o coração. Perguntava-se que teria dito a Caixa, defensora do FGTS, nas suas manifestações, em contraposição ao "libera geral".

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu/ Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;/ .../ tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de deitar fora;/ tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra, e tempo de paz."

O inesperado texto sapiencial e bíblico do Coelet, trazido pela defesa, impregna suas retinas como fochos de luz e o atordoa em dilema existencial. Sabe que não se deve desperdiçar o tempo e que não há qualquer sabedoria na cova a que se destina.

A defesa diz que não é tempo de liberar geral. Tudo tem o seu tempo debaixo dos céus, e o tempo de liberar o saque daquela conta vinculada está descrito na lei, que é a vontade democrática da sociedade, vontade essa que impede a liberação geral de qualquer coisa! Pelo contrário, disciplina o instinto, a vontade individual e os desejos de cada um. Se fosse permitido a todos fazerem o que bem entenderem, com certeza não viveríamos em sociedade. "Libera geral" só fica bem na doce e encantadora voz da bela moça de Santa Rosa e nos sonhos infantis de cada um.

O interessado tinha pleno conhecimento de que seu direito ao saque dar-se-ia em abril vindouro, após a data de seu aniversário, independentemente de qualquer decisão. Mas abril já passou. Já era agosto.

Lá fora venta muito como em todo mês de agosto; e, vez ou outra, forma-se um redemoinho de poeira, que se agita, se retorce e logo se acalma. E reaparece em outro lugar.

Tudo é vaidade, diz o Coelet. Tudo tem seu tempo debaixo dos céus. Fechou os autos e foi para casa. ■

Assédio

André Falcão de Melo

Em saia justa. Melhor: calça. Mais apropriado. Me vi assim. Meados dos anos 90. Um pouco mais cedo, o prelúdio de minha advocacia na empresa em que trabalho até hoje. Para ficar na remissão às peças do vestuário, diria de mim, quando tudo começou, como ainda de calças. Senão curtas, no meio das canelas. O responsável pelo ajuste desmesurado daquela peça de roupa ao meu corpo era, então, alta autoridade em município do interior do nordeste. Gerente de banco oficial, em pleno século XXI, ainda é uma "autoridade" numa cidade pequena do interior do nordeste brasileiro, o que dizer de um juiz de Direito. Era a profissão do sujeito. A fama lhe era desfavorável. Corrida à boca miúda. O que eu sabia, por ouvir dizer, é que não era muito afeito às práticas ombreadas com a honestidade.

Conheci-o naquelas plagas. Precisava, então, impulsionar o andamento de um processo que por lá tramitava, mas que decerto estava esquecido, como tantos outros assim permanecem, dormindo nas gavetas empoeiradas de cartórios por este país. Certamente, não fosse tomada a iniciativa de pedir-se ao magistrado para dar prosseguimento ao feito, decerto do sono os autos não acordariam. Assim, lá fui, ansioso para provar ao meu chefe, aos colegas mais velhos e, principalmente, a mim mesmo, que era capaz de consegui-lo, apesar da pouca experiência e da cara ainda imberbe. Mas estava inseguro. Tanto porque teria que pedir ao magistrado que realizasse o trabalho para o qual é pago pelo erário - inaceitável, mas comum -, como em face da já referida má fama do dito cujo.

Cheguei à cidadezinha e logo me dirigi ao cartório. Estava puto da vida comigo, porque me percebi preocupado e receoso. Perdoe-me a expressão chula, complacente leitor, mas era assim que me sentia, muito desapontado mesmo. Havia um único serventuário na mal cuidada sala. Pedi-lhe os autos para exame, após identificar-me, orgulhoso, como advogado. O mandado expedido

pelo juiz naquela Carta Precatória, destinado à citação do devedor da minha empresa, estava há meses com o Oficial de Justiça encarregado de cumpri-lo. Surpreendeu-me mais ainda, porém, o equívoco no rito processual adotado pelo magistrado, o que recomendava um rápido, digamos, colóquio com a referida autoridade, com vistas à correção do inusitado erro. O problema era fazê-lo sem lhe ferir as suscetibilidades. Os advogados chamam essa conversa de "embargo auricular", ou "embargo de orelha", figura evidentemente inexistente nos compêndios acadêmicos. Servia para deduzir algum pedido sem a necessidade de sua formalização em petição escrita. Pedi pra me anunciar ao juiz. Não mais que um minuto depois retorna o escrivão (era escrivão, o servidor). Abre a porta do gabinete do magistrado e me convida a entrar.

- Como vai, Excelência? - cumprimentei a fera, tentando aparentar naturalidade e experiência.

- Tudo bem, doutor! Em que posso servi-lo?

Beleza! Então o sujeito não era tão mau como imaginei...

- Excelência, na verdade não pretendo tomar muito do seu tempo. É simples o que vim solicitar.

- Percebo que o senhor ainda é muito jovem... Tenho um filho que está cursando Direito. Creio que se formará dentro de dois anos - disse-me o juiz, com uma simpatia que, entretanto, não me convencia.

- É verdade. Comecei a advogar há menos de um ano. Peço para me perdoar se a minha inexperiência propiciar algum transtorno maior.

- Não se preocupe, doutor. Todos nós já fomos inexperientes um dia, não é? - repetiu o velho chavão. Mas, pelo menos, grosseiro não foi.

Continuamos a conversar um pouco sobre amenidades. Resolvi era chegada a hora de abordar os fatos.

- Bem, excelência, sem querer tomar mais do seu tempo, vim aqui para verificar o que podemos fazer

para agilizar o andamento deste processo. Verifiquei que Vossa Excelência já determinou a citação do devedor, restando apenas que seja cumprida pelo meirinho. Observei, também - disse, com cuidado e devagar, tentando diminuir a gravidade do equívoco -, que há um engano no rito procedimental imprimido à Carta Precatória, já que não se cuida de execução fiscal, mas execução hipotecária...

- Ah, é? Deixe ver. Tem razão. Vou determinar a retificação, bem como que o Oficial devolva o mandado aos autos, devidamente cumprido, em 48 horas. Está bom para o senhor?

Ufa! Inacreditável! Missão cumprida. Agora, de volta para Maceió. E não me saí mal, afinal.

Desde então, anos se passaram e raríssimas vezes o encontrei, ocasiões em que me limitava a cumprimentá-lo, não havendo jeito de passar despercebido. Sua fama de desonesto já se alastrava por toda a região. Daí a principal razão, certamente, a me empurrar para longe da criatura. Ou simplesmente era intuição.

Um dia, almoçava, toca o telefone. Não sei porque, senti algo estranho. Juro! Um pressentimento ruim. Atendi. Era ele. Esfriei. Que diabos queria comigo? Nunca antes telefonou pra mim. Aliás, como descobriu o número do meu telefone? Explicou que queria contratar meus serviços advocatícios, só que deveria ser realizado em outra cidade. Gelei. Por que eu? Senti, intuitivamente, que deveria declinar do convite, escapar de suas mal-cheirosas garras. Mas como fazer isto sem parecer indelicado ou, pior, sem ter de lhe passar uma descompostura? Precisava ganhar tempo enquanto pensava numa saída.

- Sei... mas... do que se trata? - perguntei, investigando e, ao mesmo tempo, fingindo interesse.

- Prefiro acertar os detalhes pessoalmente. Podemos nos encontrar?

- Ca... ca... claro... Mas para quando seria o serviço? - balbuciei, rogando ao Senhor uma luz.

- Para a próxima sexta-feira. Um carro com motorista poderá levar o doutor e trazê-lo de volta.

Foi a deixa que eu precisava. Obrigado, Deus! Numa vomitada só, disse-lhe:

- Oh, Excelência, lamento! Infelizmente, nesse dia estarei em Salvador, pra receber um parente que retorna de viagem. Lamento, mas terei que declinar do convite.

- Humm... Tudo bem, então, doutor - disse-me, levemente desconfiado. Ou foi imaginação minha?

Alívio. Senti um desaforo imenso. E nem sabia do que se tratava. Mas desconfiei que não seria algo muito, deixe-me ver... ortodoxo. É que de um lado, a fama, má; de outro, um pressentimento ruim. Seria esta influência daquela? Sei lá. Via das dúvidas, fiquei com a sensação de que pulei uma fogueira.

O fato é que mais uma vez me admoestara. Mais uma vez, porém, felizmente, saí incólume. Incomodara-me, de qualquer sorte, ter-se sentido à vontade para me procurar. O assédio, porém, não cessaria aí.

Passaram-se alguns meses e eis que o encontrei novamente, agora num evento sócio-político, bastante informal e interativo, onde nos cumprimentamos rapidamente. Tudo estava bem, até que chegada a hora do primeiro intervalo, quando seria oferecido um lanche pela empresa organizadora.

- Doutor, como vai? Tenho um processo, contra uma empresa para a qual o senhor presta seus serviços advocatícios, que deve estar retornando do Tribunal e sobre o qual gostaria de lhe falar. Segundo a publicação oficial, o senhor seria o advogado responsável pelo acompanhamento do feito.

Engoli em seco. De novo, não!

- É...? Sobre o quê... o processo...? - escapa, rapaz, escapa!, pensei.

Esclareceu-me.

Novo alívio.

- Não sou eu, doutor. Esse processo é acompanhado por outro colega. É que a empresa dispõe de advogados diversos a defendê-la, conforme o assunto discutido em juízo. Apenas a procuração é uma só, com todos os nossos nomes. Lamento.

Mais uma vez a admoestação, pensei. Mais uma vez não sabia o que pretendia, mas intuitivamente desconfiava. Mais uma vez tive que buscar uma saída liminar - para ficar no jargão jurídico. E era verdade. Não era eu o advogado responsável pela condução daquele processo. Despedi-me. Precisava pôr um fim nisso! Conseguira evitar indispor-me com o dito cujo, ou mesmo demonstrar-lhe vigorosamente minha irresignação, caso se cuidasse de pleito indecoroso. Lograra até mesmo evitar ir

às vias de fato, a depender do que me pedisse. Mas o cara não largava do meu pé! Praga!

Nesse ínterim, os organizadores pediram a alguns participantes para discorrerem sobre algum tema, previamente sorteado. A mim me coube falar sobre educação. Não queria. Porém, algo me compelira a aceitar a incumbência. Algo mais do que apenas gentileza com os solicitantes.

Pus-me a pensar em como abordaria o assunto. Mas não me saía da cabeça, também, a necessidade, premente, de resolver definitivamente aquele problema. Isolei-me. Buscava concentrar-me no meio àquele burburinho. Os dois fatos a me martelar a cabeça. Pensei, pensei... Ideia! Claro! A solução estaria no próprio discurso. Teria de ser singelo, como a natureza do evento reclamava, e evidentemente ligado ao tema, tal como me foi atribuído, mas também deveria ser objetivo quanto ao recado - que precisava indiretamente transmitir-lhe - de que seria uma péssima ideia propor-me algo desonesto.

É fato, reconheço, que sequer pude constatar se eram irregulares as pretensões que o fizeram assediar-me. Afinal, delas me desvencilhei até antes de serem deduzidas, por cautela ditada por minha intuição. Mas não me arrependia. Antes, ao contrário, agora sentia a necessidade de pôr um obstáculo definitivo a qualquer outra nova investida que viesse a dirigir contra mim. Nutria, para isto, a íntima expectativa de que o "aviso" fosse captado e que me deixasse em paz de uma vez por todas. Se ele, por si só, não se apercebera da minha honestidade, eu a mostraria, então.

Voltamos à sala de trabalhos. Avisam-me, meu discurso, por enquanto preparado apenas em minha mente, seria o último. Melhor. Assim, poderia aprimorá-lo, improvisado que seria, alinhavando as ideias principais em tópicos para não me perder. Em verdade, todavia, só pensava em como nele encaixar a parte direcionada ao meu algoz. Deveria ser simples e direta, mas de modo que só ele pudesse saber-se dela destinatário. Aquilo poderia significar o fim daquele tormento. Engraçado, pensei novamente, eu sequer sei o que queria, nas vezes em que me procurou, e já tanto me incomodara. Imagino-me se soubesse...

Chegou a minha vez. Pedi ajuda divina. E fui. Normalmente tenso em situações assim, dessa vez estava até eufórico para começar.

Iniciei desenvolvendo os tópicos que alinhabei, no intervalo e durante parte dos discursos que me antecederam, sobre a importância da educação para o desenvolvimento de uma sociedade, o quanto nosso País se ressentia de sua falta, e como é imprescindível à formação de verdadeiros cidadãos. Depois, parti para a defesa da tese de que o alcance desses objetivos prescindiria do rompimento com paradigmas arcaicos incrustados na própria ordem vigente, o que somente se daria em outro ambiente: um ambiente de desordem criativa, de revolução. Uma revolução na educação! Portanto, grandes avanços, grandes mudanças, grandes progressos, talvez não se coadunassem - ao menos não em muitos casos - com a ordem já estabelecida. Ordem para o progresso? Ordem ao lado do progresso? Ordem condição para o progresso? Assim não me afigurava. Teríamos que mudar nossa bandeira. Ao menos em nossa alma.

Fechava o silogismo, então, asseverando que a ordem não permitia a criatividade, antes a engessava, donde com ela contraditória e obstáculo ao progresso. A desordem, assim, seria um ambiente a ele mais propício e, portanto, à disseminação de uma melhor educação. Em circunstâncias que tais, os avanços viriam. Os processos revolucionários são prenhes deles.

Preparava, porém, ao mesmo tempo e finalmente, o terreno para o fecho do discurso, seu clímax, que se traduziria, também, no próprio recado à malfadada autoridade.

- Penso, assim, amigos, que a educação neste país necessita de um movimento verdadeiramente revolucionário, de rompimento com os paradigmas postos pela ordem vigente e passivamente aceitos há décadas. Entretanto, o que me causa estupor e indignação é que a revolução que apregoo há de se dar, antes, para incutir, ou restabelecer, nas pessoas a assimilação de um valor que, entretanto, é básico, e cujo ensino, outrossim, não deveria ser mais necessário difundir. Antes já deveria estar enraizado em cada cidadão, nessa e em outras ordens que se lhe seguissem.

Tomei um gole d'água, respirei fundo e continuei.

- É verdade. E é uma lástima não esteja. A revolução na educação há de ser promovida, sim. Mas, primeiramente, para disseminar um valor esquecido entre nós. Pasmem! Refiro-me à



honestidade! Sim! Infelizmente, haveremos de começar tudo de novo. Pelo bê-á-bá, mesmo! Ensinar que o bom é ser honesto. E não o contrário. Que é errado roubar, enganar, corromper, desprezar, humilhar, apropriar-se do que é dos outros ou do bem comum, e etc. Inclusive o etc.

Nova parada. Não parava de sentir a boca seca. Quis tomar outro gole, mas não me senti à vontade para fazê-lo, já que há pouco o fizera. Achei que chegara a hora. Ele já deveria estar vestindo a carapuça, estivesse eu sendo claro. Concluí.

- Aprendi, com meus pais - tantos de vocês devem tê-lo, também -, que o maior prazer que se pode desfrutar nessa vida é o de poder deitar a cabeça no travesseiro, à noite, e fazê-lo com a consciência tranquila, sem peso extra. Dormir tranquilo, diziam-me eles, era o maior bem da vida, porque significava que estávamos sendo bons, corretos, cumprindo os nossos deveres e respeitando nossos semelhantes. Pena constatar, contudo, que os desonestos, neste País, estão dormindo muito melhor do que nós. Muito obrigado.

Aplausos se seguiram. Mal os ouvia. Em mim mesmo, só a expectativa de que o meu "recado" houvesse alcançado a consciência do sujeito, ou, faltando-lhe ela, o que existisse em seu lugar. Vácuo o fosse. Mas que o houvesse recebido e se entendido dele destinatário.

Deram-se por encerrados os trabalhos; liberados os comes e bebes. Como outros colegas, que efusivamente vieram regozijar-se com minhas palavras de há pouco, também ele veio me cumprimentar. Porém, notei o constrangimento em sua voz, em sua frente, em seu olhar. Mal me fitava.

- Hummm... Olha só... Que discurso, doutor. Parabéns - disse, oferecendo-me a mão, com um sorriso amarelo a moldar, e escancarar, o nítido desconforto que sua face espelhava.

- Obrigado - respondi, disfarçando minha satisfação e o velado propósito de tudo aquilo. Retribuí o cumprimento.

Rapidamente se distanciou. A distância, agora, era querida por ambos. Houvera me cumprimentado, para tentar disfarçar o mal-estar e a carapuça que o sufocava. Eu, fingindo-me de morto, constatei que estava finalmente livre. Logo me vira rodeado de colegas novamente, leve e satisfeito por haver-me posto a salvo.

- Hummm... Que salgados gostosos! Que ar puro! Tem mais uma cervejinha, aí? ■■■

O cofre

Francisco Spisla

A apreensão tomava conta de seu corpo. Sentia um vazio no estômago e uma sensação estranha que o incomodava sobremaneira. Aquele não saber o que fazer, como começar, por que ir, atazanava-o. O sono não vinha, apesar da constante mudança de posição. O lençol que fora carinhosamente estendido sobre a cama já não tinha identidade. Parecia mais uma corda de grosso calibre, daquelas que seguram navios ancorados. E ele era um navio que balançava e jogava para os lados, sem encontrar descanso.

O sol já espiava se valia a pena aparecer, e ele não dormira um minuto sequer. Xingava-se por escolher o último dia da licença de trânsito para viajar. Não ia conseguir dormir no ônibus como, aliás, nunca conseguira. Uma impaciência enorme dava-lhe nos nervos, inclinando-o à neurose. O barulho dos automóveis tornava-se mais intermitente, mostrando o dia que começava a trabalhar.

- Droga! - vociferou ao perceber a hora de abandonar o leito que se tornara maldito por não lhe possibilitar o descanso.

Nem o banho, nem o café foram suficientes para animá-lo. O gosto ruim da noite não dormida persistiu em sua boca. Os olhos ardiam, os músculos estavam enrijecidos e o corpo esquecera os reflexos.

Ainda tinha inúmeras coisas para resolver antes de viajar. Contudo, não possuía ânimo. A eterna mania de deixar tudo para a última hora jogava contra, deixando-o mais agoniado. E mais. Toda a sua família, a partir do momento que soubera da transferência, não cessava de admoestá-lo: "Por quê? Você tem tudo aqui... Vai deixar sua mãe preocupada. Vai abandonar sua família?"

Não aguentava mais aquilo. Criado em "berço esplêndido", a ruptura do cordão umbilical surgia-lhe por demais violenta. Sua fragilidade colidia com a violência e a rudeza do desconhecido. No fundo, sentia-se arrasado. Mas tinha decidido: iria para o interior não tanto porque quisesse, mas tanto falaram e tanto prometeram que resolveu. Além do mais, ganharia uma função para trabalhar de caixa que, para ele, era algo fenomenal. O que lhe atrapalhava, porém, era o seu caráter escrupuloso. Não confiava em si mesmo. Tinha medo do desconhecido e de não poder desempenhar bem o seu papel. O medo do erro aliava-se ao medo do fracasso.

Mentiu em casa sobre a hora do embarque porque queria fugir, de tão perdido que se sentia. Queria desistir, abandonar tudo, não ir. Mas seu ego não tolerou jamais a falta de responsabilidade.



À tardinha, moído de cansaço, esperou o instante em que a família ainda não se tinha reunido, pegou sua enorme mala e dirigiu-se à rodoviária.

No começo da viagem ficou pensando na mãe batendo à porta de seu quarto avisando do horário do ônibus. Reviu a insistência do pai ao ver a luz que deixara acesa com a finalidade de enganá-los. Anteviu a agitação de todos ao perceberem que ele já tinha ido. Melhor, tinha fugido. E isso forçou uma lágrima que não era nem de tristeza, nem de saudade, e sim de raiva, de apreensão, de agonia, de desânimo em saber que chegaria ao destino arrasado.

Seu corpo cansado cedia espaços a pequenos cochilos, todavia, sempre frustrados por solavancos do veículo na estrada desgastada. Isso inchava ainda mais o balão de angústia em que se tornara. A boca seca e amarga ansiava por algum líquido que as paradas ocasionais não podiam oferecer. A somar, havia a estonteante e fétida fumaça de cigarros que obnubilava seu cérebro.

Obsesso, desceu no posto de desembarque naquela cidadezinha da fronteira do Brasil com a Argentina. Um lugarejo com uma rua, umas vinte casas, a igreja e a prefeitura. Foi o que viu na primeira olhada. Até perguntou ao motorista:

- É aqui mesmo?

Desceu. Parado, com a imensa mala ao lado, ficou observando o ônibus levantar a poeira vermelha, bonita aos primeiros albos do dia. Depois de um enorme suspiro, começou a andar ainda não resolvido para onde. Na rua, nada nem ninguém. Apenas um cachorro rebocando uma cachorra, cena que achou esdrúxula.

Sentia-se como em um planeta desconhecido, um alienígena. O que fazer? Aonde ir? O logotipo do banco em uma placa fê-lo decidir-se ficar postado em frente até que chegasse alguém. Comeu um pacote de bolachas sentado na escada, mas sem a sensação de estar matando a fome porque não a sentia.

Era muito cedo ainda, cinco e meia, para que alguma pessoa surgisse. Ele já não se sentia humano, pois o tempo não passava. Não sabia no que pensar, nem o que fazer. Um carreiro de formigas no jardim chamou-lhe a atenção e desejou ser uma delas. Não pensavam, não tinham angústia nenhuma. Eram felizes, pois nunca cansavam.

Quando deu por si, percebeu a passagem de algumas pessoas que olhavam com um misto de curiosidade e receio: "Quem era aquela pessoa?" O mal-estar aumentou. -"E se acharem que sou um ladrão e resolverem me prender e bater?", - pensou baseado no estereótipo que fazia das pessoas de cidades do interior em relação aos estranhos. O medo apertou-lhe a bexiga e uma sensação de diarreia obrigou-lhe a comprimir as bochechas da nalgua. Suou frio quando um homem, de rosto sério e brabo, veio em sua direção.

- Suponho que você é o novo caixa, certo?

- Si... Sim... - tossiu e tentou falar quando a tensão diminuiu.

- Por que não veio antes?

Não respondeu e não gostou da provocação. O homem, que era o gerente do banco, levantava a porta e preparava-se para entrar. Não olhava para ele: antipatia à primeira vista. Dentro do prédio perguntou-lhe secamente:

- Qual o seu nome?

- ãã! Ah! Aloísio...

- Está gostando daqui? - interrompeu o gerente ironicamente.

Era piada? Apenas chegara...

- Não deu para sentir ainda - estava claro que não tinha gostado.

- É... Hoje você já vai pegar no duro. Se tivesse vindo antes... - mudou de assunto o gerente. - O outro caixa fez uma exceção e hoje ainda vem para lhe dar umas dicas e entregar o serviço. Depois, tem de ir embora.

Aloísio, que tinha relaxado um pouco, novamente voltou a se sentir mal. A pose do gerente achando-se dono da cidade não passava pela sua garganta.

- Coloque este trambolho em algum canto, senão o pessoal da cidade vai pensar que aqui é pensão. Temos que manter a imagem... Você tem aí o memorando da transferência?

Tirou da capanga também o cartão-ponto e entregou-os.

- Ah! Ah! Aloísio Tavares!? Você é parente do Zé Tavares lá da gerência financeira?

- Não, não sou.

- Sorte a sua, porque o cara é dose, é um mala, igual à sua, mas sem alça. Ah, ah, ah, ah - riu sozinho.

Aloísio começou a se sentir perseguido. Enquanto escondia sua mala numa pequena sala, matutava em como seria trabalhar naquele lugar distante e desconhecido. Despertou de suas cogitações com o chamado do gerente:

- Aloísio! Telefone para você.

- Para mim?! Como?! - admirou-se. - Alô!.

- Alô! É você, meu filho?

- Oi, mamãe!

- Por que você fez isso? Quer matar sua mãe e seu pai do coração?

- "Oh, meu Deus! Será que não vão me deixar em paz?" - pensou. - É que me enganei no horário do ônibus e tive de sair correndo. Desculpe, mamãe.

- você está bem, filhinho?

- Sim, estou... mamãe. Vou ter de desligar porque tenho muito serviço aqui - mentiu ao perceber o olhar atravessado do gerente. - Tchau, mamãe. Um beijo. Vou escrever logo, tá?!

Ao desligar percebeu que outras pessoas se encontravam na agência. Todos olhavam curiosos.

- Este é o novo colega de vocês, o Aloísio. Este é o Roberto, nosso caixa, que você vai substituir.

- Oi, tudo bem?

- Margarida e Rosilene, nossas estagiárias.

- Oi! - achou-as muito bonitas, e para ele não combinavam com o lugar.

- Este é o Clóvis, nosso boy. Bem, pessoal, vamos lá! - e simplesmente abandonou-os na

agência saindo para suas visitas institucionais.

Aloísio ficou pensando por que o gerente não se apresentara.

- Lá vai ele jogar bola - comentou entre dentes o caixa que estava sendo substituído. - Venha até aqui que vou lhe mostrar o que você vai fazer. Desculpe se estou meio com pressa, mas é que vou embora hoje e tenho muitas coisas a arrumar. O serviço você deve saber porque fez o curso, é óbvio - brincou. - Mas há alguns detalhes... - e passou bom tempo falando das peculiaridades do lugar, do "jeitão" dos clientes de uma maneira que Aloísio foi ficando traumatizado. Na verdade ele era um tanto gozador e carregou nas tintas ao falar do povo.

A concepção que ficou para Aloísio era a de que aquela agência bancária ficava à beira do inferno. Fora o cansaço, que era patente em seu semblante, havia aquele temor. Roberto percebeu:

- Você está se sentindo bem? Está com uma cara cansada...

- Não é nada. Foi a viagem - estava, sim, preocupado com o seu trabalho, com, como imaginava, aquelas pessoas estranhas, rudes, e até violentas que achava que iria atender na boca do caixa.

- Bem... Acho que já disse tudo. Ah! Já ia esquecendo do mais importante. Há uma mulher que... - foi interrompido pelo gerente que voltara e o chamava. - Você mesmo vai sentir... Dá licença. Boa sorte.

Foi o bastante para pô-lo em polvorosa. Tudo o que tinha visto desde que chegara, tudo de informação que Roberto lhe repassara fez um peso enorme nas suas costas, deixando-o bastante angustiado. Queria segurá-lo pela manga para que lhe dissesse o que seria aquela mulher? A encarnação do mal? O que fazia? Era uma bruxa? Uma prostituta que a todos perseguia? Por que o cuidado com ela?

Seus pensamentos esvaíram-se, pois a agência fora aberta e ele tinha de se preocupar com o serviço. A galeria de personagens que foi atendendo jamais imaginou que existisse. As

peessoas tiravam os sapatos ao entrar, e o cheiro de chulé era por demais forte para seu estômago. Alguns chegavam sujos e rasgados diretamente da lida na roça. Um chegou até com o revólver na cintura. Deixavam-no atônito, imaginando um assalto com um "tresoitão" encostado no seu nariz. Nem imaginou que pudesse ser um policial civil.

Aquela tensão não o largava, e já estava enjoado daquele povo. E nem prestou atenção de que não eram muitos os daquela situação. Mas tudo o sufocava. E o tempo não passava. Tinha vontade de gritar, de largar tudo, de correr, de ir embora daquele lugar. Era um pesadelo sentir-se arrasado daquela forma, por quê? Uma força carcomia-o e temia desmaiar, apagar. Sentiu um alívio quando o gerente liberou-o para o almoço:

- Tem uma hora - disse seco.

Levou quase esse tempo até descobrir um restaurante bem simples, no qual engoliu uma péssima comida, lastimando-se por não ter perguntado a ninguém do banco onde podia comer bem. Recheou o estômago porque o corpo estava fraco, senão como aguentar até o final do expediente?

Por volta das três e vinte, entrou na agência uma mulher que ele logo intuiu ser aquela falada pelo ex-caixa. Entrou descalça, com roupas rasgadas e sujas. Estava suando, o que a obrigava a passar o braço para limpar a testa e jogar os cabelos para trás. Não limpou, contudo. Lambuzou. De seu nariz escorria um filete de catarro de uma gripe recém-vinda.

Aloísio tonteou. Enojou-se. Mas ninguém na agência reparou na mulher que se dirigia até ele. E perante os olhos esbugalhados do rapaz, colocou a mão direita no meio dos fartos seios dizendo:

- Vim depositar.

Um maço de notas de mil cruzeiros apareceu umedecido e roto. Os barões todos estavam amassados. Ele achou um absurdo. Sua aversão cresceu. Pegou uma guia de depósito para preencher, mas foi interrompido:

- Moço, tem mais... - e enfiou a mão suja na frente, por dentro das calças de jeans desbotado, remexeu lá no fundo e tirou outro maço de notas recendendo o forte e nauseabundo fedor. Ficou enjoado. Sua visão turvou-se. Teve de se segurar, e com aversão não disfarçada, pegando com o polegar e o indicador, longe do corpo e de outros dedos, jogou o monte de dinheiro na gaveta perguntando:

- Quan... Quan... quanto tem aí?

- Quinhentos mil...

O caixa não conferiu. De que forma? Seria o mesmo que pegar em um cadáver putrefato.

Depois que a mulher saiu e a agência foi fechada, tinha de conferir e fechar o caixa. E teve a nítida impressão de que o gerente olhava de rabo de olho. Ao abrir a gaveta, não aguentou. Tudo estava impregnado daquele fedor. E de repente, carimbos, almofada, canetas, a máquina Burroughs e o dinheiro todo na gaveta sentiram a golfada do regurgito. O arroz, o feijão, os pedaços de carne ainda não aproveitados pelo organismo esparramaram-se por todo o guichê.

Em meio ao silêncio sepulcral na agência, o gerente, com um sorriso sardônico, perguntou:

- Quer que eu ligue para mamãe? 



Inocente no mundo de Kafka

Henrique Chagas

Véspera de feriado prolongado. Ansiedade dobrada. Fui indicado para atuar como preposto numa audiência judicial. Não há como fugir, mas o meu gerente garantiu-me que será coisa rápida, coisa de quinze minutos. Sei não!

Recende um clima de velório sem defunto. Assim é o clima da sala de audiências. Um senhor de uns 60 anos, barbas grisalhas mal cortadas, dentes amarelados por nicotina, está acompanhado do seu advogado, gordo, paletó um número menor.

Quinze horas em ponto. O juiz olha para o alto como quem busca a onisciência divina. Permanece atento a todo e qualquer gesto. Tudo tem importância magnânima. Dá-me a sensação de que o processo se reveste dos desígnios celestiais.

Pergunta por Epaminondas. Não teria outro nome quem se diz apostador contumaz de loterias. Afirmo que rotineiramente aposta os mesmos números 17, 22, 25, 32, 40 e 44 em jogos da Sena. Desatento, conferiu o resultado e atirou o comprovante do jogo ao lixo. Quando ficou sabendo que ninguém levantara o prêmio, constatou tratar-se dos números que sempre jogou. Consequentemente, diz ser ele o único acertador.

É óbvio que o sujeito não tem qualquer direito, penso. Onde está o bilhete? Ele jogou no lixo. Não possui qualquer prova material do que afirma.

Afirmo que o 25 corresponde à primeira dezena da placa da sepultura de sua irmã, o 40 corresponde à última dezena da sepultura de seu genitor - palavra ditada por seu advogado, estou certo disto -, também sepultado no mesmo campo santo, e o 44 corresponde ao ano do seu nascimento.

Nas perguntas, o advogado da Caixa quer saber a razão dos outros números jogados. Fica em silêncio e nada responde. Penso, ele não tem

outras pessoas afins das quais também se lembre dos números das placas de sepultura.

Na oitava das testemunhas, todos repetem o mesmo. Epaminondas gosta de jogar, joga sempre os mesmos números e acertou a Sena, mas jogou o papel no lixo e é o único ganhador daquele prêmio. Verdadeiro teatro. Olhares e gestos calculados. Imagino-me num julgamento na ágora de Corinto. Que diriam Sêneca, Galião ou Dionísio? Que importa o bilhete? O que verdadeiramente importa é que aquele senhor fez o jogo e acertou os números sorteados, é o que ele afirma. Será ele o sortudo? Ou seria apenas uma ficção jurídica? A do jogador contumaz que nunca ganhou nada e quando ganha, perde o bilhete. O apelo à piedade tocou-me o coração.

Quase dezenove horas. O juiz chama o processo à conclusão. Nada mais formal. Falta-lhe apenas um turíbulo para nos envolver com fumaça e com o perfume do incenso. Levanta, imbuído da sabedoria de todos os deuses do Olimpo, por Dionísio ou por Cícero, profere a sentença. Nada compreendo. Ouço que o autor optou por uma ação ordinária, de cunho declaratório, mas com fulcro no velho princípio de repúdio ao enriquecimento sem causa ou locupletamento indevido. Resmungo um palavrão. Sou fulminado com o olhar severo do juiz. Sinto-me debaixo da mesa. O tempo passa e não sei quem tem razão, pelo contrário, acho que perdemos.

Então, finalmente, o juiz diz que a Caixa não será responsabilizada por enriquecimento sem causa porque não obteve aumento patrimonial e que o valor do prêmio foi repassado para a Seguridade Social. Dá por encerrada a audiência e ponto final. Perplexo e aturdido, saio sem saber se Epaminondas acertou ou não na loteria. ■

O guarda-noturno

Jayme de Azevedo Lima

Certa vez, na pequena Ribeirão, a comunidade reunida na década dos anos 70, resolveram contratar um guarda-noturno, para dar mais segurança à população que vivia no centro da pequena cidade. Incontinenti, promoveram a contratação de um senhor que já tinha cerca de 70 anos de idade, mas contava a seu favor o fato de ter sido vigilante noturno e pedreiro em São Paulo na juventude, além de ter uma arma única, que disparava tiros de sal.

Acrescente-se que era um trabalho que começava às 22h e terminava às 6h, e o cidadão contratado tinha um sério problema de insônia. Logo, adaptava-se perfeitamente às atividades propostas, de circular por algumas ruas, apitar de quando em quando como sinal de que as coisas estavam tranquilas, ou emitir vários silvos quando a situação fosse de perigo.

Não havia um quadro de marginalidade ou crime organizado na cidade. As pessoas de bem e os jovens se reuniam nas sextas-feiras para organizar as chamadas "pacholas"; ou seja, furtava-se a galinha do vizinho, através de técnicas avançadas de ataques aos galinheiros, e na casa de algum deles se deliciavam com arroz e galinha temperada na cachaça. O supremo golpe de mão era ter o dono do galinheiro como convidado. No restante da noite, serestas e conversa fiada.

Havia um rapaz que tinha o hábito de furtar em casas que ficavam vazias, levando bujões de gás, roupas e outros *gadgets*, quer fosse uma bola ou uma bicicleta. Era morador da zona, um autêntico filho de puta, que dava trabalho para as mães (afinal todas as putas cuidavam dele), incomodava a polícia e já havia tocado piano na delegacia (fichado como rufião e larápio).

O guardião nomeado era um homem que aparentava os anos vividos. Sua tez era escurecida pelo trabalho no campo. Até se aposentar, suas mãos traziam calos do tempo de pedreiro em São

Paulo e da capina no campo. Cabeça branca, poucos dentes, as roupas humildes e batidas, combinadas com um velho botinão de elástico, já esgarçado pelo tempo, um cordão de apito e a velha arma atravessada na cintura.

Eis que em uma dessas madrugadas sem lua, próximo ao jardim da igreja, o velho guardião notou movimentos por sobre o muro da casa do turco. Aliás, turco em Ribeirão é pleonismo. Alguns dizem que a cidade devia se chamar Ribeiruth, em homenagem aos sírios-libaneses que ajudaram a colonizar a cidade e que nós, carinhosa e erradamente, chamamos de turcos.

O velho, ao perceber os movimentos ágeis do gatuno, não vacilou ao apitar de forma estridente e dar ordem de prisão. A adrenalina corria solta. Era o primeiro caso em quase um ano de serviço, era chegada a hora de mostrar seu valor, de fazer valer seus parcos salários. Novo aviso, e o gatuno sobre o muro olhava entre assustado e desafiador para o velho guardião. Como um gato, deslizava entre os cacos de vidro que ocupavam toda a extensão do muro de quase dois metros de altura.

- Pare... Pare, senão eu atiro, é o último aviso...

Piiiiiiiiiii!!.

Não havia retorno. Por força da adrenalina, a sinapse já havia ocorrido, desligando os neurônios do velho guarda e não permitindo o raciocínio legal. A velha arma estava em sua mão direita, engatilhada. O velho posicionou-se de pernas abertas. Juntou a mão esquerda, envolvendo os três dedos inferiores da mão direita, e, segurando por baixo a coronha de madeira gasta, estendeu o braço para fazer mira, arqueando ainda mais as pernas. De repente... Sob a sua mira estava o bundão do marginal, que se preparava para saltar muro adentro e escapar pelo fundos.

O pipoco foi seco, o cheiro de pólvora e a fumaça ocuparam espaço à volta do velho. O marginal soltou um grito dolente e escorregou pela

parede. Vestia um *short* preto curto. A pólvora e o sal encheram sua bunda, causando um ferimento, se não letal, pelo menos vergonhoso, por ter sido apanhado naquela posição.

A gritaria, o som do apito, o tiro que ecoava, o choro do larápio, tudo serviu para acordar a população da região, que de imediato acercou-se da cena. O policial militar vindo da delegacia vizinha aproximou-se e, vendo o marginal abatido com sangue escorrendo e fazendo um escarcéu, nada perguntou - apenas providenciou para que o ferido fosse levado ao hospital e o velho guardião, à delegacia, para averiguações, com a consequente apreensão da arma.

Delegado novo, cidade velha. Era preciso mostrar serviço e, sem hesitar, o bacharel abriu inquérito contra o velhinho, por atentar contra a vida da pessoa humana, causar ferimentos graves e vexatórios em um cidadão que, na calada da noite, foi encontrado caído ao lado do muro da casa do turco.

Estava aberto o processo. O velho guarda-noturno recebeu o apoio da população que o pagava e, agradecido, dizia a todos que agora estava indiciado. Analfabeto, achava que ser indiciado era um luxo.

Eram férias escolares e estava eu no 5º ano de Direito. À época, havia o que se chamava autorização para ser licitador junto à Ordem dos Advogados, sistema bem mais eficaz que os atuais exames da OAB, algo idiota e incompreensível, porque tira os jovens do seu campo de trabalho e não deixa que o mercado julgue quem pode continuar na carreira. Bom, voltemos aos fatos.

O juiz, oriundo da capital, tinha se apaixonado pela cidade. Tanto que, ao ser promovido por merecimento, pediu a promoção por antiguidade, pois assim poderia continuar em Ribeirão, curtindo a cidade, seus amigos, suas pescarias e a conversa de bar.

Era amigo de meus tios. Ao passar no posto de gasolina de um deles, onde se reuniam os palpiteiros locais, ao me ver promoveu de imediato uma intimação. Disse ele que, como formando e licitador, eu deveria acompanhar o caso e estar presente na audiência para apresentar a defesa do guarda-noturno.

Entre nervoso e excitado com meu primeiro caso criminal, fui fazer vistas para os autos, visitar um velho advogado para pedir conselhos, ler atentamente o processo e verificar o que poderia estar ao meu alcance. Preparei-me para a defesa, dando ênfase ao trabalho do velho, mostrando quem era o larápio e rufião que estava sobre o muro e que não tinha sido alvejado no chão. Pedi a juntada de fotografias feitas em *Polaroid* (um must dos anos 70), em que apareciam manchas de sangue no alto do muro. Preparei um libelo em defesa do trabalhador e estudei como desancar o marginal e mostrar o seu passado.

Começou a audiência. Lá estavam o juiz, o promotor, o escrivão e, graças a Deus, um advogado de verdade, o que tirava um peso de minha consciência. Estava também o velho réu, com sua roupa batida, seu olhar triste, um semblante distante de quem não esperava mais nada da pouca vida que tinha pela frente.

Foi feita a leitura do libelo acusatório. O promotor itinerante deu uma rápida olhada nos autos e promoveu suas acusações, sem sequer olhar para o juiz ou para o réu. De pé, olhando pela janela do Fórum, deitava sua peroração estudada e gasta que servia para diversas acusações. Era como receita de bolo: para cada crime capitulado no Código Penal havia um discurso adremente preparado.

O juiz passou a palavra a este pobre licitador, que, gaguejando, deu início à defesa, dizendo em latim que a justiça era a arte do bem e da equidade e, daí em diante, falou tudo de que se lembrava. Inquirido o advogado dativo, este cavalheirescamente declinou da defesa afirmando que eu já tinha feito um bom trabalho.

De toga, calmo, com a voz firme, o magistrado passou a ditar a sentença para o escrivão, enquanto o pobre réu tentava pescar algumas palavras compreensíveis para ele naquele mar de floreios vernaculares. A flor do Lácio em toda sua plenitude da boca de juiz, promotor, advogados, licitador e até do escrivão.

Disse o juiz:

- Condeno o réu a três anos de cadeia a serem cumpridos na Penitenciária Central do Estado do Paraná, em Curitiba, pelo crime de lesão corporal grave, conforme se depreende dos autos. Ao

mesmo tempo, concedo a *sursis*, para que o apenado cumpra a pena em liberdade condicional, devendo, nesse período, cursar o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), apresentar sua caderneta de notas a cada seis meses no Cartório do Fórum e, ao final de três anos, o diploma de alfabetizado. Lancem o nome do apenado no rol dos culpados até o completo cumprimento da pena.

Encerrada a audiência.

Cumprimentos entre advogados, juiz e promotor. Já estávamos na soleira do Fórum quando mãos calosas envolveram meus braços. O réu, perdido e assustado, perguntou-me:

- Dotô... Eu tô preso ou tô sorto?

- Cê tá solto, meu velho, agora é só fazer o Mobral que ficará livre.

Continuei a andar, quando fui alcançado novamente:

- Dotô, será que eu posso ir pra cadeia lá na capitar?

- O quê?

- É o seguinte, dotô, eu não tenho mais idade para aprender a ler, a vista e a cabeça tão cansada, num dá mais!!

- Não tem jeito, agora o juiz determinou e assim será!

Passados alguns anos, voltei à cidade, já advogado e trabalhando. Procurei saber de meu cliente.

Disse-me o dono do bar:

- Ah, o velho guardião! Ele morreu. Alguns dizem que de desgosto por não conseguir aprender a ler, mas o médico disse que seu coração não aguentou tantas vicissitudes na vida, tanto esforço no campo. Morreu de ataque cardíaco fulminante.

Nunca mais soube de mais nada, mas sempre penso em qual verdade acreditar, se no desgosto da velha mente cansada ou se no esforço final do coração experimentado. Se a sentença foi dura demais, ou se nosso país continua tão injusto como antes. Se o defendi de forma suficiente ou se isso pouco importava para quem o julgava ou para o burocrata que o acusava. Até hoje... Não sei a resposta! ■

A leitura me dá sorte

Henrique Chagas

Carrego comigo a lembrança do meu pai, José Terra, sempre lendo. Embora nunca tivesse frequentado uma escola, lia todo e qualquer jornal que caía à sua frente. Um velho livro ou pedaço de jornal, tudo era objeto de leitura. O embrulho do açougue era sempre guardado para que fosse lido e relido.

Toda vez que ia da roça para a cidade, caso tivesse algum trocado, ele comprava o jornal do dia. Quando não tinha, não se envergonhava, pedia um exemplar velho, mesmo que fosse de dias anteriores. Sempre trazia um jornal, e passava horas lendo e relendo. Desde criança assistia a esta cena, repetitiva e incansável. Ele não apenas se contentava em ler, comentava com mamãe as notícias e as opiniões dos jornalistas.

Foi com ele que aprendi a ler e a escrever. Ele acompanhou-me no aprendizado através da cartilha "Caminho Suave". Pequeninho, eu queria ser como meu pai, saber ler, para ler os jornais e entender o que estava acontecendo no mundo, no mundo que eu imaginava existir além do sítio da Onça Pintada (onde nasci e cresci). Antes mesmo dos meus seis anos, eu já sabia ler e escrever (meu primeiro dia de aula foi uma decepção: o professor nos ensinou a fazer traços verticais, horizontais e diagonais).

Ficava emocionado com a leitura da poesia de Camões na primeira página do Estadão. Pouco entendia e nem sabia que por trás daqueles versos decassílabos havia textos censurados, histórias que a ditadura militar decidira que eu não deveria saber.

Meu pai lia diariamente a Bíblia, conhecia cada livro, cada capítulo e cada versículo. Ai do missionário que ousasse lhe fazer proselitismo, se dava mal, pois tinha que checar cada palavra dita ou mal interpretada. Adorava as histórias contadas por meu pai, eu imaginava cada cena: desde a velhice de Matusalém, dos homens gigantes da



Cananeia, do sacrifício de Isaac, até a venda de José aos mercadores egípcios.

Li várias vezes a História Sagrada, um livro grosso que meu pai ganhou de um caixeiro viajante; fiquei impressionado com as peripécias do Rei Davi e seus filhos. Chocou-me a morte de Absalão, que morreu porque suas tranças enroscaram nos galhos de uma árvore quando, em disparada, debaixo passava a cavalo. À época, concluí que a razão estava no assassinato de seu irmão, por vingança ao estupro de Tamar, mas eu não sabia e ninguém me explicava o que seria o tal estupro.

Não bastassem as leituras, ouvia rádio. A partir das seis da matina, meu pai sintonizava as ondas curtas, que traziam o trabuco de Vicente Leporacce e o pulo do gato do José Paulo de Andrade. Aquilo que lia nos jornais tinha alguma referência ao que ouvia no rádio. Fazia algum sentido. Embora não entendesse exatamente o que acontecia no mundo, queria entendê-lo.

Nem havia completado dez anos e já trabalhava na roça de arroz, milho ou algodão. Era natural manejar a enxada ou passar carpideira de tração animal. Mesmo pequeno, embora fraco, meio raquítico, tinha destreza suficiente até para

escapar do serviço, me esconder debaixo de uma árvore e ler um livro. Papai nunca moveu um músculo contra tal atitude, achava que ele até gostava, pois me fornecia livros. Certa vez apareceu em casa com alguns livros que comprara num sebo em Paraguaçu Paulista, entre eles "Seis Estudos de Piaget". Talvez tenha comprado porque achou barato, interessante, e porque tinha duas crianças brincando com uma bicicleta na capa. Falo sério, juro que li e não entendi absolutamente nada. No entanto, quando na faculdade me foi indicada a leitura de Jean Piaget, por sorte ainda tinha (e tenho) aquele velho livro comprado num sebo por papai.

Depois que fui para o colégio interno lá em Marília, eu não estudava as lições das aulas regulares do Colégio Cristo Rei. Odiava repetir aquela decoreba toda. Eu aproveitava o tempo no salão de estudos para ler, eu lia qualquer coisa, da enciclopédia Barsa aos livros da coleção Brasileira. Sempre acreditei que a leitura me dava sorte na hora das provas; difundia esta versão aos colegas, que não acreditavam na minha mandinga. Eu afirmava que bastava colocar o caderno debaixo do travesseiro, enquanto dormia o conhecimento adentrava meu cérebro por osmose. Tinha quem acreditasse.

Nas aulas, eu sempre tinha um exemplo para dizer aos professores, tinha indagações e conseguia compreender as lições dadas, por isso não precisava estudar; e conseguia essa proeza porque não estudava, eu lia. Até hoje mantenho a mesma sorte. A leitura me dá sorte: eu lhe garanto. ■



Renovação

Luiz Sergio e Silva

A imponente árvore no terreno em frente
Parece querer dar-me uma lição.
De vida!

Ainda há pouco estava seca,
A imagem da agonia, embora erguida.
Sem viço, sem cor, sem luz.
Triste!

Mas hoje um vento mais afoito,
Causando rebuliço,
Lançou em minha varanda
Algumas flores e sementes.

Deixou-me curioso o que vi,
E meu olhar seguiu em direção à árvore.
Pude então constatar:
As flores e as sementes
Vinham dela, novamente bela!

Milagre do Tempo!
O que parecia morte explode em vida,
Generosa, alegre, contagiante.

Daqui, do alto da minha contemplação,
A mente em desassossego pelas dores do corpo e
da alma,
Concentro em ser o mais convicto possível
E então digo:
- Eu sou essa árvore!

Fecho os olhos,
Sentindo a comunhão com o universo à minha
volta.
Calcando em mim, com todas as forças,
A certeza do que acabara de dizer.

É tempo de viver!

Roubei um verso

Milton Magalhães

Tenho carícias inventadas
Exclusivamente e só pra ti
Um arsenal de muitos beijos
E muito ainda pra sentir
Se me encontro nas trincheiras
De tantas longas solidões
Tenho a dar-te universos
E doces, loucas emoções

E, assim, quando te vejo
Como um navio que lá se vai
Já fica em mim uma saudade
Por que me deixas neste cais
Se tudo aquilo no horizonte
É pouco pra o que tens aqui
Tenho carícias inventadas
Exclusivamente para ti

Ah neste mar, nesta luz
Tudo enfim
Ah vem ficar, me levar
Até o fim

Foi assim, roubei um verso
De um poeta amigo meu
E por isso te confesso
Que foi ele quem te deu
As palavras que eu queria
Te dizer e me perdi
Em carícias inventadas
Exclusivamente para ti



Paradoxo

Lilian Deise de Andrade Guinski

Do alto de prédio vejo a cidade com suas ruas calmas
e carros nervosos,
Com seus prédios imensos e suas janelas minúsculas,
Com suas pessoas caminhando em seus passos
perdidos.

Em frente à minha janela vejo o corpo deteriorado de
um prédio,
um prédio que parece ter morrido da triste doença da
solidão,
entre prédios jovens e opulentos parece encurvar-se
em abandono.

Mas, dois prédios prendem minha atenção:
o Teatro Guaíra,
eterna (etérea) ida e vinda de músicos e atores que
desperta a vida.
E o prédio do Hospital das Clínicas,
pessoas de gestos contidos e falas sussurradas como
que embalando a morte em sono eterno.

Será a cidade ou a vida um imenso paradoxo?

Luísa

Jairdes Carvalho Garcia

Fiat Lux:
E fez-se a luz.
Da escuridão uterina,
Numa explosão
De dor e alegria
De sangue e lágrimas
Ilumina-se o mundo
Nas retinas miopizadas
pelo breu das entranhas.
E milhões de lumens
Envolvem de energia
Aquele tenro corpo
Que, com divina auréola,
Nem humano parece.
Talvez Santa Clara
Ihe clarificou
Ou Santa Luzia
a luziu
Com um raio de sol
Em seu sol-riso
Ihe batizou,
Assim: LUÍSA.

*Escrito por ocasião do nascimento de
minha filha primogênita.*



Etapas

Lilian Deise de Andrade Guinski

Ilusão:
olhar
querer
pedir

Desilusão:
amar
ter
sentir

Traição:
chorar
perder
ver ir

O velho general e a dama de ouros

Jayme de Azevedo Lima

Era pontual.

Toda quinta-feira, na hora do almoço, ele chegava, com seu ar simpático, um sorriso no rosto já entrado nos anos, os cabelos encanecidos, com entradas longas. Era pequeno, não mais que 1,65m. Seus ternos eram bem cortados, elegantes e próprios para um homem que obtivera bastante sucesso em sua carreira, tanto militar quanto política.

Após breve e animada conversa para pôr em dia a semana, eu, na qualidade de diretor da instituição financeira, já estava acostumado a receber o velho e, apesar da diferença de idade, ficava fascinado com suas estórias e escondia dele a história que vivi por força das diversas decisões que ele tomou ao longo de sua vida.

Após um cafezinho e um elogio à secretária, ele se punha de pé e, um pouco trôpego, segurava meus braços e juntos deixávamos o gabinete, meu local de trabalho. Íamos em direção ao restaurante onde os empregados faziam suas refeições, no velho sistema de *buffet*, via bandejas.

Era uma distância razoável e a cobríamos em cerca de 20 minutos, andando devagar, respirando o ar que vinha da Mata Atlântica que rodeia a região noroeste da capital paranaense. O caminho era um jardim bem cuidado, o que nos levava a fazer breves paradas para observar flores, borboletas, libélulas e árvores frondosas.

Era tempo de ouvir suas memórias, escutar seu riso, desfrutar de seu bom humor, próprio dos que sentem que cumpriram o dever e não deixariam esta vida em brancas nuvens.

Flashback

Início dos anos 60. O chamado norte novíssimo do Paraná era desbravado. Minha mãe, professora, mulher combativa, patriota, getulista, era o oposto de meu pai, coletor estadual, um udenista de quatro costados. Mas viviam em paz. Mesmo assim, por expressarem suas opiniões, éramos jogados de uma cidade para outra, pelo governo pessedista de Lupion.

Morávamos em uma pequena cidade, onde a luz acabava às 20 horas, na fronteira com o Estado de São Paulo, na beira do Rio Iapó. Terra de muita areia, de ladrões como Diabo Loiro, Carne Seca, Sete Dedos, Carniceiro e tantos outros. Lugar onde se dormia ouvindo o miado das onças nas matas dos arredores e o chiado do velho fogão tocado a pó de serra.

Meu velho dormia com a Winchester 44 de 12 tiros ao lado da cama, pronto para nos defender dos malfeitores. Minha mãe nos tirou da escola no 2º ano primário, ao ouvir uma professora gritar "*É favor ponhar os livros em riba da carteira*". Na próxima mudança faríamos apenas exames em um colégio administrado por freiras e, assim, meu irmão e eu passamos a temporada brincando e estudando em casa.

Certa noite, quando parte da cidade já dormia, ouvimos o ronco de um jipe 51 vindo da região de Nova Esperança. Foi uma surpresa quando o ronco do velho transporte parou à nossa porta, colocando meu pai em alerta, já com a Winchester em suas mãos.

– Ó de casa! Pode abrir que sou de paz!

– Quem é? – perguntou o meu velho.

– Sou eu, o cartorário de Nova Esperança, e nosso candidato a governador. Podemos entrar e conversar um pouco?

Estávamos, meu irmão e eu, enrodilhados na saia de nossa mãe, assustados, quando os dois homens adentraram a nossa casa. Com guarda-pó e chapéu na mão esquerda, o candidato estendeu a mão direita, cumprimentou-nos um a um, pediu licença e sentou no velho sofá alegando uma dor nos rins, por causa das costelas de vaca que fazia o jipe andar aos solavancos pela estrada.

Um jantar foi preparado rapidamente à luz de velas, um vinho foi servido. Comeram com muita vontade e, após um cafezinho, começaram a conversar:

– E então, amigo Tuta, o que faz perdido nesta cidade, neste fim de mundo de Deus, tão longe dos seus?

– É a velha politicagem, major. Para calar minha mulher, nos mandam para bem longe de tudo e de todos.

– E o que posso fazer para ajudá-lo?

– Bem, major, gostaria de vê-lo eleito. É uma nova década e muito tem que ser feito. Entretanto, creio que não verei tudo acontecer. Portanto, se possível, gostaria de voltar para a Coletoria de Jacarezinho, no norte velho, onde estarei junto de meus familiares e terei melhores oportunidades.

– Pois considere este seu pedido uma ordem. Assim que eu ganhar a eleição, vá para Curitiba e eu o enviarei para Jacarezinho.

Meu velho não foi, mas minha mãe sim. Quando o novo governador a viu, de imediato mandou chamá-la e cumpriu sua promessa, nomeando meu velho para onde ele queria, à revelia dos apaniguados que viviam e trabalhavam em Curitiba, sobreviventes do governo anterior.

Foi meu primeiro contato, quando ainda menino. Vi um homem em busca de seus sonhos. Pelo rádio ouvi seu nome como eleito. E estávamos de volta, ao colégio e à cidade que queríamos.

Em nossa lenta caminhada em direção ao refeitório, paramos para apreciar uma cerejeira em flor. Após breve comentário sobre as bonitas festas promovidas pelos imigrantes japoneses na época da florada das cerejeiras no norte do Paraná, lembrei ao velho general dos cafezais em flor, também no nosso norte paranaense. Foi então que ele apertou levemente meu braço:

– Meu amigo, posso lhe fazer um pedido?

– Claro, o que o senhor quiser, se estiver ao meu alcance.

– Como você bem sabe, eu recebo muitas solicitações. Às vezes procuro atender, às vezes é impossível. Desenvolvi um sistema e quero passá-lo ao jovem amigo.

– Como quiser, o senhor manda e não pede – brinquei.

– Pois bem, quando eu ligar e lhe pedir algo para alguém, não precisa atender. Mas se eu escrever uma nota e assinar em vermelho, ligue-me. Se o portador lhe estender um pedido meu assinado em azul, por gentileza atenda.

Eu ri muito e disse:

– É um bom sistema, vou ficar atento à sua recomendação.

E assim prosseguimos para o nosso feijão com arroz via bandeirão. Lembranças dos bivaques, segundo o velho general.

Final da década de 70. A ditadura corria solta pelo país. Nos porões, intelectuais, jornalistas, estudantes, homens e mulheres tinham suas vidas ceifadas simplesmente porque pensavam, ou porque lutavam pela liberdade, pela democracia e, alguns, pelo socialismo democrático. Não era possível pensar, não era permitido falar. Para driblar a censura, jornais traziam receitas de bolo no lugar das notícias censuradas. A música buscava, de maneira subliminar, levantar o povo:

Cai o rei de ouros

Cai o rei de espada

Cai, não fica nada.

E outra:

Senhor, afasta de mim este cálice

De vinho tinto de sangue.

De muito gorda, a porca já não anda...

E assim ia a vida nas trevas de pós-64 e na década de 70, dias e noites de medo e de sufoco político. Mas o velho general, pertencente ao *establishment*, virou de novo governador, senador e ministro. Era um democrata calado pelas obrigações da farda. Dizem as lendas que no dia do golpe ele havia preparado duas declarações, uma em apoio ao Jango, outra em apoio aos milicos. Era o político que florescia e se sobrepunha à farda. À sua maneira, era humanista e desenvolvimentista. Ainda assim, no Paraná, muitos sofreram.

Creio que estávamos vivenciando seu terceiro governo quando já se avizinhavam fortes sinais da redemocratização do país. Ainda assim a luta era necessária, e lá vinha minha mãe de novo, voluntariosa, defendendo presos políticos, visitando prisões. Presidente do Movimento Feminino pela Anistia no Paraná, com ela vinha Terezinha Zerbini. Em minha casa passavam noites em claro em discussões políticas pessoas como Jards Macalé e a *Pimentinha*, a talentosa Elis Regina. Quem saía do presídio ia direto para lá, em busca de informações, não raro de roupas e até mesmo de trabalho. Na luta pela melhoria da qualidade de vida e de ganhos dos professores, lá estava ela, à frente, de braços dados, segurando faixas, gritando palavras de ordem.

Toda manhã olhávamos com atenção para o velho fusca que amanhecia com bilhetes do CCC (Comando de Caça aos Comunistas), dirigido por delegados do DOPS, e não raro tínhamos que apertar os parafusos das rodas, que estavam todos soltos. Tentaram, mas não a intimidaram!

Em certa greve, com movimentação de professores em direção ao Palácio do Governo, a cavalaria atacou, espalhando os grevistas, na maioria mulheres. Gritos, choros, desmaios. Apontando para minha mãe, o major comandante das operações gritava em alto e bom som:

- É aquela lá!
- Pega ela, desce a borracha!
- A ordem é prendê-la, vão pra cima!

Mas os soldados não cumpriram a ordem. Já a conheciam, sabiam de sua luta e o que tinha feito pela corporação. Era desumano, era covarde, e assim deixaram que todos corressem para longe da fúria do major louco de babar, que via, talvez, naquela operação, um degrau para chegar a tenente-coronel.

Dele, ninguém se lembra mais!

Epílogo

- Uma sobremesa, ministro?

Era como eu o chamava, o último cargo que havia ocupado, já que não ficava bem chamá-lo de presidente da maior empresa de energia do país. Logo ele, que tinha também criado uma companhia cuja energia alavancou o progresso e mudou o perfil sócio-econômico da região.

– Como qualquer coisa, os anos de política forjaram em mim um estômago de ferro – redarguiu o velho.

– Creio que sim – disse-lhe. – Em política aprende-se a comer cobras e lagartos, a sobrepujar o nojo que sentimos dos acordos espúrios que alguns consideram válidos na luta pela sobrevivência política.

– Você é jovem, ainda, muito jovem. Não se desencante tão cedo.

– Embora jovem, ministro, minha alma já é anciã face ao que vi e vivi, e um dia, com tempo, vou lhe contar.

Mas não houve tempo. O velho general, ex-governador, ex-ministro, ex-presidente da maior empresa de energia do país, foi abatido pela força inexorável do tempo, morreu após curta enfermidade.

Dele ficaram lembranças e algumas ideias de como fazer política. Entre elas:

- Tal como na guerra, não deixe os companheiros feridos em combates largados no campo de batalha. Resgate-os.
- Assuma todos os cargos que lhe oferecerem. A máquina anda sozinha. De vez em quando faça “cara de bravo”, mas dedique-se a conhecê-la e melhorá-la. Busque as boas ideias e saiba compartilhar a administração.
- Seja leal, sempre. Ainda que sua lealdade venha a ser reconhecida depois, seja honesto. Tanto vale um botão como um milhão, será sempre corrupção se não for ganho de forma legal.
- Dinheiro não é tudo, o poder é que vale. Se você detiver o poder, dinheiro não lhe faltará. Não engane ninguém, mas isso não significa que não tenha que ser mais esperto e exercer sua inteligência com competência.

– Não hesite em lutar contra seus inimigos, mas traga-os para o seu campo de batalha e vença-os pelas suas regras. Não se deixe intimidar. Os que o atacam sempre estão, no fundo, mais temerosos.

– Seja um bom homem. Entre o pensamento cartesiano e o humanista, fique com o segundo. Esqueça os números, pense com o coração.

Respondi que levava a vida respeitando a filosofia das quatro palavras que se iniciam com a letra “H”. Ou seja, honra, honestidade, humildade e humor.

– É uma postura de caráter bastante resumida, não é? Você tem espírito prático e isso é bom – dizia o velho.

Ele se foi, mas a senhora permanece, combativa, lutando contra a ignorância, manifestando suas posições em crônicas que dão no cravo e na ferradura, principalmente nas usadas pelas cavalcaduras do PT que estão no poder, sem ter plano de governo e capacidade de decidir. Gente chinfrim, sem estofo, sem cultura política, apenas a velha cultura sindical atrelada a chefetes.

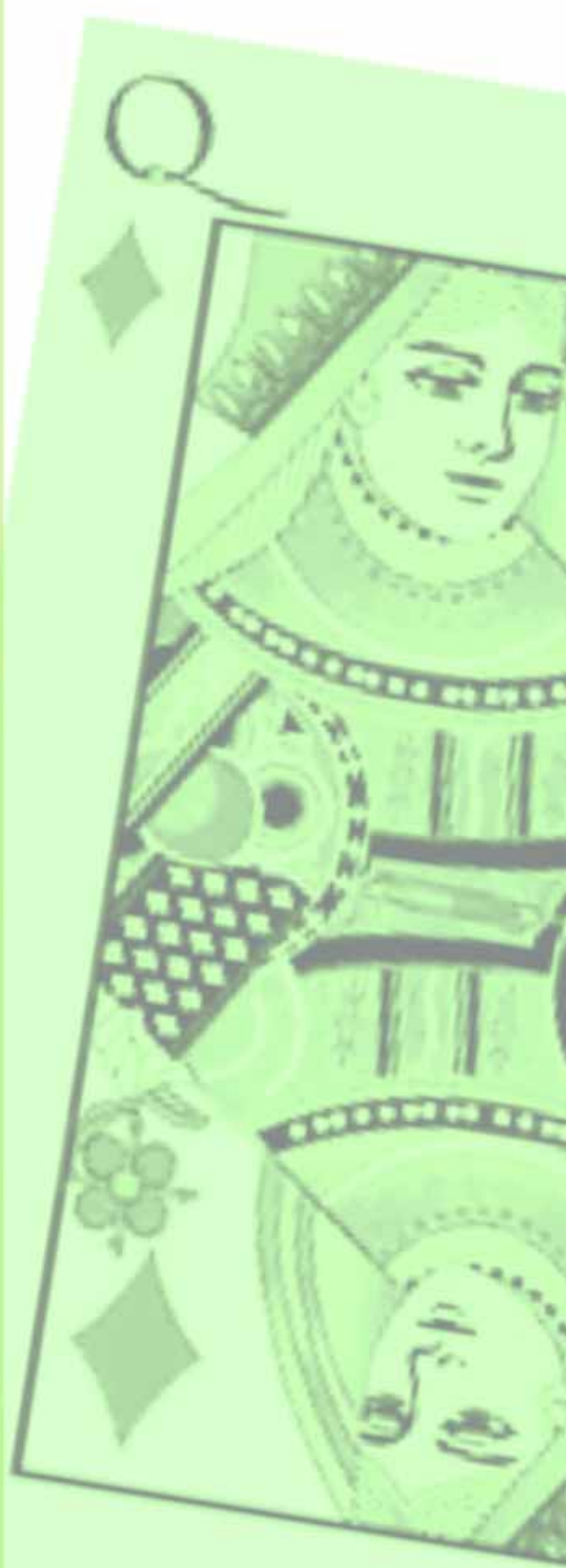
Lutou contra a ditadura e os governos militares, foi às ruas em defesa da classe como professora, foi às prisões e aos porões da ditadura em defesa da anistia, foi conselheira da Polícia Civil no Paraná, mudou o perfil de avaliação dos delegados e lá deixou uma oração aos policiais, que até hoje é lida em momentos especiais.

Não tolera a incompetência petista, como tampouco tolerava a imbecilidade e a violência dos milicos. Bate na direita e bate na esquerda. Na realidade, bate duro em quem quiser violentar ainda mais este país. Luta contra a corrupção e, por mais que tenha direito a receber indenização pelo que passou, não aceita, pois quem luta pela pátria dela nada pode pedir.

Claro que minha mãe é minha heroína, não por ser quem me gerou, mas por ser quem lutou e continua lutando quixotescamente, combatendo moinhos na defesa da democracia, da igualdade e da educação, como a única forma de tirar o país deste marasmo.

A senhora continua e o velho general já passou, mas ambos têm algo em comum. Lutaram, aliaram-se, foram antagonistas, foram parte da forja que vai fazer deste país um lugar diferente um dia. Ele nos holofotes, ela nas ruas, com a pena e seus textos nos jornais. Ele no comando, ela na liderança, ambos inteligentes, ambos trazendo à sua maneira o amor pelo Brasil.

É, não se fazem mais políticos como antigamente. ■■■



Saga da figueira

A estória de Governador Valadares/MG

Jairdes Carvalho Garcia

Cum lincença, senhorias
Pra mode me apresentá
Qui num dediquin de prosa
Minha história vô contá.
Eu cheguei numas corredera
Das água que vai pro má
Cê num sabe a cansera
Qui deu essas água domá
Pulavam qui nem burro chocro
Era difícil se aprumá,
Tanto barro ingoli,
Qui num dá nem pra lembrá
Só lembro do gosto do barro
Cês num vão acreditá
Era ducim qui nem melado
Qui nem bala de gomá
Entonce resovi Rio Doce
Aqueles água chamá.

Já perto de uma pedra
Qui, de tão alta, beija o céu
Apiei da minha canoa
Num porto perdido ao léu
E parei pra pernoitar
Pruque já tava um breu
De longe vi um vulto
Qui juro qui num era o meu
Pois aquele troço estranho
Era bem maió qui eu
Me aproximei de mansinho
Qui o bicho nem percebeu
Quando tava bem pertinho
Veja só o que assucedeu
O trem que eu achava ser bicho
Ficô queto, nem se mexeu
Quando eu nele cutuquei
Nem um uivo o bicho deu
Só aí qu'eu apercebi
A lerdza deste infiel
Aquele bicho grande
Que tanto medo me deu
Era só uma veia arvre
Ensombrano aquele breu
Logo vi qui era uma figuera
Pois figo era o fruto seu
E Figueira do Rio Doce
O lugar assim chamei.

Já tava madrugano
Quando um baruião ovi
E um monte de gente cantano
Avistei perto dali
Tinham cara bem pintada
Bunito igual colibri
E as coisa toda à mostra
Como no dia que nasci
Brincavam, pulavam e cantavam
Como uma juriti
Eu não sei se por inveja
Ou por medo que senti
Mirei bem meu bacamarte
E espantei eles dali
Dês então não tive sossego
Não sei quantos de mim morri
Só sei que muito mais matamo
Dos que viviam ali
Botocudos, Pataxós
Crenaque e Maxacali.

Di dia cum o sol a pino
E cuma fome de leão
Resovi buscá comida
No meio du aluvião
Perto duma ribancera
Defronte de um ribeirão
Senti um brio nos oio
E um peso no coração
Será queu tava sonhano
Ou era alucinação
Será que aquele brio
Era a luz do meu caxão
Apertei bem os meu zoio
E firmei bem a visão
E cheguei bem de pertinho
Bem rentinho ao rês do chão
Aí peguei aquele brio
Com as parma da minha mão
E abri de leve os oio
Pra ver a assombração
Mas qui sombração qui nada
Foi aí queu vi então
Quera uma pedra luminosa
Igual luz de lampião
E tinha tantas dela
Fincadas naquele chão
E di cores tão sortida
Qui nem pena de pavão
Queu até esqueci da fome
E do medo do sertão.





E o tempo foi passano
As mata se acabô
E a bonita figuera
Nem sua sombra restô
Onde só tinha bicho,
Índio, pedra e flô
Começô a pipocá
O povo de ao derredô
Pra aumentá a bastança
De gente que aqui chegô
Fincaram no chão uns fecho
E o trem por aqui passô
Quando já tava crescida
Nutrida por seus sinhô
O arraiá da figuera
Muita fama conquistô
E, num sei se foi ironia
Ou se foi mermo amô
Resolvero lhe dá o nome
Do nosso governadô.

Eu num sô americano
Nem índio, não sinhô
Tamém num sô baiano
Nem capixaba num sô
Eu num sei quá estrada
Ou caminho pronqueuvô
E tamém quais num intendo
O lugar aonqueutô
Mas uma coisa é certa
Como a fé no meu Sinhô
Mermo ainda não sabeno
Aonde eu tô e pronqueuvô
Uai, eu sei que sô minero
Das montanha, dos cantadô
E sou de Valadare, mai brodi
A terra que me criô.

Valadare cresceu tanto
Que é difícil até contá
Mas a Califórnia daqui
Foi pra Califórnia de lá
Meus parente queu visitava
Todo dia sem faiá
Agora vejo uma vez
Por ano e oie lá
Tem gente que vai e não volta
Nem notícia tem pra dá
Pode ser que enricô
Ou sumiu, morreu, sei lá
Talvez teja sem tempo
De cumigo proseá
Pruquê lá a vida é dura
Só tem tempo pra trabaiá
E as famia aqui distante
É preciso sustentá
Este deve ser o preço
Dos dola que vem de lá.

Café para quatro

Rodrigo Mello

Faz frio. Mas já se vai indo o inverno severo. É tempo de um frio mais ameno. Hoje, porém, chove e o dia vem com os ombros pesados de nuvens. Com a culpa de chover. Faz um frio úmido. É desses dias desgraçados, sem luz. Dia em que os cobertores, mantas e afins são os verdadeiros personagens da noite. E com eles, a chaleira velha de aço inox, onde a água ensaia o primeiro baile da manhã, acordada pela chama. Próximo, vem o grande vidro de conserva, até a metade de café, encimando o velho balcão azul-claro de fórmica, na sua vez. A baixa temperatura provoca um resmungo inconformado da chaleira, antecedendo a fervura.

Nesses orquestrados elementos, não há pressa, a não ser pelo calor, esgueirando-se em busca do ar. O coador de pano de algodão, manchado pelas incontáveis investidas da água quente e do negrume do café, está a postos, em posição de sentido. Há uma entropia remanescendo ali, entre um e outro artefato. Nem mesmo o olho astuto e aguçado pode ver o derradeiro resultado expectando da cadeira de palha e madeira, a um par de metros à frente do fogão, junto à mesa também de madeira, suja e maltratada pelo tempo, pelos copos de cerveja, pelos vinhos e cafés derramados. Entretanto, no balcão azul, acontece da água límpida ao impactar no pó do coador virar-se no precioso líquido, fruto da fusão de dois insumos separadamente imprestáveis ao observador.

No rosto de Antônio, um sujeito mestiço e grisalho, de olhos profundos e pequenos, de lábios sulcados e grossos, há uma impaciência preguiçosa, a antecipação do resultado alquímico dos elementos que observa. Mas não é ele quem opera o processo todo, apenas o assiste. Seu braço direito dorme sobre o tablado da mesa. Os olhos experientes acompanham os movimentos dali, sabem que sequer precisam do gesto de pescoço para atentar à Janete, a que prepara o café.

Para e vê Janete. Ela não para e o vê. Há um protocolo a ser seguido. Na casa de Antônio e Janete, todos o sabem. Pensa nos movimentos dos pés da companheira. Será que deles resultaria harmonia alguma? Pisca demoradamente. Abre os olhos inundados de realidade. Os segundos se vão, breves. Os minutos, contudo, são tão longos e nem parecem ser feitos de segundos, segundo pensa.

Finalmente acontece. O líquido é inserido habilmente na garrafa térmica verde de alça de plástico quebrada, e o odor preenche as narinas do sujeito grisalho. São 6h15min, toda a operação não consumiu 10 minutos. A feição pétrea de Antônio torce os traços pela primeira vez em minutos. A expressão revela uma satisfação contida; o olhar vitorioso da paciência. Os braços gordos de Janete, a velha e boa Janete, pensa ele, carregam a garrafa e o açucareiro translúcido até a mesa, ambos vindos da pia.

Outro levantar de braços de Janete, o que lhe custa o erguer da blusa de lã branca desnudando parte de sua barriga, e a xícara e o pires são trazidos à festa, junto ao tablado, onde Antônio não mais está. Foi-se ao balcão em busca duma colher de chá, completando o conjunto instrumentário de que precisa.

Ouve-se o ruído. Somente isso: ouve-se-o. É o despejar do café fumegante sobre a cerâmica xícara branca de motivos florais. Enche-a ao terceiro quarto. O raspar da colher no fundo açucareiro, onde rareia o açúcar caçado, colhendo o adoçante. Logo, Antônio percebe, no silêncio da favela onde mora, nomeada em favor de um falecido seringueiro, apenas o tilintar de sua colher circulando entre as bordas da xícara. Pensa no que teria feito o tal sujeito, Chico Mendes, de quem sabia a profissão de conversa de ônibus ou de bar. E como seria a seringueira de perto, só a tinha visto na televisão, num desses programas de noticiário que o incomodam em dia de clássico no

Orlando Scarpeli. Janete abre a janela de madeira da sala-cozinha, ou cozinha-sala, dependendo da prioridade eleita, e por pouco não pega em cheio o João, o vizinho dos fundos, que desviou num golpe de vista, enquanto pegava o rumo para o trabalho. Ao invés da claridade, o que entra é a parede do barraco do lado, dum composto de papelão, telha e madeira, meio torto, meio bêbado, como o proprietário, pendendo as pernas em direção ao casebre quase geminado de Antônio. Essa é a paisagem do velho Antônio: um casebre em desmancho e um filete de céu, donde ele faz sua adivinhação meteorológica apertando os olhos e baixando a cabeça à frente, mendigando um bocadinho de céu a mais. Não tem jeito, conclui, é chuva mesmo o dia inteiro. Recolhe o pescoço, sorve o último gole de café e aperta vigorosamente a rosca da garrafa térmica. Olha a porta, vê Janete de saída, carregando uma sacola prateada com a marca de boutique. Ela se vira e sorri, e vai batendo a porta bruscamente.

Terminado o ritual, Antônio veste sobre a camisa de manga comprida um moletom novo, azul marinho, com dizeres em palavras desconhecidas, tateia-as como se suas mãos soubessem-nas melhor que os olhos. Escutou um "oi, compadre", procurou a voz e viu o velho Vicente com quem trabalhou em algumas obras, lá nos idos dos anos oitenta. Hoje o compadre é aposentado, tem as costas ruins de levantar tijolo, saco de cimento e armação de ferro, disse-lho. Ergueu a mão em resposta e sorriu sincero. Apanhou a maleta de mão onde guardava, desafiando o bom e velho princípio da interpenetração de corpos, uma camisa reserva, o sabonete e toalha, o pente, as meias, as roupagens íntimas, a marmita e a garrafa de café. Alceou-a ao ombro e manuseou as chaves do cadeado da casa, o qual fechou no ferrolho da porta, tomando o rumo acidentado do ponto de ônibus na rua da frente.

A caminhada lenta e determinada atravessou o terreno baldio com o mato espreitando as canelas de Antônio, umedecendo levemente sua calça de tecido grosso e indefinido pelas gotas de orvalho nos talos das gramíneas. A terra dali cobria-se de paus, tábuas, um ou outro vergalhão enferrujado e de sujeira de construção. Uma cena cotidiana. Desbravou a catanduva andando

com os passos longos e altos, percorrendo-a num pulo. Pôs-se em posição de sentido na espera do transporte que, segundo seus cálculos, não tardaria a passar por ali.

Uma chuva fina calhou de cair, maltratando uma senhora idosa, desabrigada da água que vinha de lado devido ao vento. A anciã apossou-se do estreito banco de espera do ponto, jogando a bolsa de nylon ao seu lado. Os presentes, uns quatro ou cinco, deixaram de protestar à inconveniência de terem os pés molhados de chuva. Houve silêncio. Desse último veio o recado distante do motor possante, um ronronar, transformado em rugido na medida da aproximação do ônibus. Antônio fitou o mostrador de seu relógio de pulso e através do vidro arranhado viu: 6h e 27min. Olhou à esquerda. Do declive da rua nasceu o vulto imponente do ônibus, exibindo o rosto indiferente do motorista.

De relance, percebeu no barraco do outro lado da rua a janela de uma outra cozinha abrindo-se. Pôde ver Carlos, cuja graça lhe era anônima, sentado à mesa com o olhar dormido. No fundo uma desconhecida Maria aprumava-se em busca dos apetrechos do café da manhã, esticando os braços ao alto, procurando o bule. Sentindo os olhares sem saber de onde, Carlos devassou a paisagem e lá encontrou os olhos de Antônio. Fitaram-se, um e outro, a figura de cada um longamente, até que se atreveu entre eles a paquidérmica figura metálica. Antônio embarcou, seguindo logo atrás da idosa senhora, aquela, posseira do banco do ponto deixado no passado dos minutos consumados. Carlos, retirado do pensamento no outro, observou Maria, ele tinha a mão estendida sobre a mesa e esperava solene o alquímico misturar de dois elementos que, isoladamente, pareciam ser não mais que água quente e pó... ■

Quotidiano

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Pensativo, após mais um dia de trabalho duro, ele chegou ao morro onde mora sua namorada. Na vila ao lado, uma senhora corria do marido com uma mala de filhos. No ponto do ônibus, um descuidista arrebatava a bolsa de uma mulher. A flor que ele traz na mão, comprada com o pouco do trocado que lhe resta no bolso, leva no galho um bilhete escrito pelo seu parco romantismo.

Vida que explora a todos por dinheiro! O salário que não remunera nem a vontade de trabalhar, o medo de não poder comprar o almoço de amanhã; o sonho de possuir um carro que se realiza no ônibus nosso de cada dia... Alegria é dia de pagamento; o resto do mês é desilusão e dor de cabeça.

Cada segundo é o futuro, vai ser presente e será passado, num ritmo do qual o relógio não se desvia, seja qual for o espinho ou a flor que nos espera. O tempo, esse sádico que nos engelha a pele e transforma a criança que brinca no quintal num idoso que sofre para atravessar a rua...

Em casa, dois cômodos o esperam. Suas companhias são a geladeira que vez por outra enguiça, o fogão de duas bocas que quase sempre reclama a falta de gás, uma mesa velha e um colchão posto em cima da cama que range de noite, fazendo zoadas junto com o radinho de pilha que ele usa muito para escutar os jogos do time do coração.

Encosta os olhos na janela do vizinho tentando pescar a novela que passa e penetra num mundo de milionários e riquezas. Grande contraste: em seu mundo não há piscinas, iates, muito menos dólares. Só o balde d'água enchido na cacimba. Ora! - pensa - por que jogar na casa da gente um mundo só para abrir nosso apetite

abrandado pela miséria? Apesar de tudo, notícia boa é na televisão ou no jornal do vizinho. Já perceberam quanto custa um jornal? E o preço dos minutos para acessar a internet na loja do bairro?

Pela manhã, abre uma gaveta onde se acumulam contas e estremece junto com a subnutrição que leva para mais um dia de trabalho. Sente-se como uma engrenagem não lubrificada prestes a quebrar e ser jogada fora na próxima manutenção.

Lá num morro próximo - contou um vizinho -, de madrugada as pessoas saíram correndo e avisando uns aos outros:

- A chuva vai derrubar nossas casas!

Houve um corre-corre às cinco da manhã com tudo que se podia levar nos ombros. Os pequenos casebres iam desabando um a um, ante a correnteza da água que vinha morro abaixo.

Na rua de trás alguém guardava umas telhas para cobrir a casa. Um malandro da área vendeu as telhas e sumiu com o dinheiro.

Ele desceu do ônibus e viu um abalroamento. Um carro enfiado na traseira de um ônibus. Pedacos de vidro por toda parte, pedacos de vida que vão dentro da ambulância, que sai avançando semáforos querendo no caminho, e aos gritos, cicatrizar todas as feridas e salvar a vida daquela pessoa.

Vida que às vezes se confunde com a espuma que corre para dentro da pia após o sabão haver cumprido sua missão de lavar alguma coisa! Um conjunto de emoções se sucedendo como o DVD que passa mostrando um filme, ferindo a cada milímetro nossos sentimentos e destruindo nossos ideais, até que a máquina quebre, a tela estrague e a

saudade chegue e permaneça no escorrer das lágrimas de quem chora nossa falta!

Na solidão do seu quarto, põe a roupa para secar e se lembra do passado, o grito de seu pai:

- Não jogue bola agora, menino. Você almoçou, faz mal!

Naquele tempo sentia-se protegido. Só tinha que brincar. Tinha roupa, carinho, apenas a obrigação de estudar. Havia gente que se preocupava com ele. Preocupação de sua parte era apenas ir à escola, executar suas atividades diárias e brincar. E ainda ficava chateado quando as férias escolares acabavam...

Tinha planejado ser rico. Concluiria faculdade. Teria casa com piscina, ar condicionado, uma esposa bonita. Tudo de bom e do melhor. Mas, todavia, frustração!

Sentou-se na cadeira, que pelo buraco no assento se podia ver o cimento do chão. Procurou folhear uma revista velha tentando ler o miúdo de uma notícia, sem os óculos que a sua vista já exigia, contudo não tinha dinheiro para comprar.

Mais tarde escutava somente os gritos da noite que tentava, a todo custo, escapar da invasão próxima do dia!

Ele tem que dormir. Pela manhã bem cedo o ônibus espremido o espera. Vida de pobre é assim! - dizia um morador, numa resignação que não cabe mais no nosso tempo atual.

Tudo é passível de mudança. E ele está tentando fazer por onde. E não fogem de sua cabeça as lembranças de sua ex-mulher e de seus filhos, todos tão distantes. Mas, por enquanto, sente-se confortado porque as pessoas que tanto ama não estão fazendo parte deste cotidiano. ■■■



De Anselmo a Verdes Trigos

Henrique Chagas

Nasci numa segunda-feira, alguns dias após a morte de Albert Camus, o existencialista argelino. Eu sequer tinha nome para o batismo. Ainda nascituro, tia Porcina persuadiu por meses para que eu fosse nomeado Anselmo, estava absolutamente certa deste nome para mim. Já havia convencido boa parte da família de que Juscelino ou Brasilino, embora fossem nomes da moda, não seria bom nome para um filho dos Terras.

Para ela e boa parte da família, Anselmo era mais nome, tinha toda uma carga cultural importante, mas enfrentou o veto fatal de minha mãe. Coube a meu pai colocar fim à celeuma, sem qualquer justificativa: "Levará o nome do frei Henrique de Coimbra!" Emudeceram todos. Mamãe assentiu, afinal (confessou-me alguns anos antes de sua morte) tivera um candidato a namorado com este nome. Assim, eu, filho de José Terra, fui batizado Henrique Chagas.

Se com o nome sela-se um destino, levei a sério o traçado por meu pai. Em plena adolescência, com apenas quatorze anos, saí de casa, deixei meus pais e meus irmãos, ingressei num seminário católico; não tinha a intenção de ser padre, rezar missa ou aconselhar quem quer que seja (meu pai sabia disto), queria ser um palestrante, um mensageiro, um profeta, um disseminador de boas novas. Assim, tornei-me, como que predestinado pelo nome, religioso, apenas frei, irmão, cujos votos renunciei aos vinte e dois anos, idade certa para dar novo rumo à vida. Quedou-se o frei, todavia restou em mim o gosto pela difusão de boas novas, de cultura, de arte e literatura, e, enfim, das coisas do espírito.

Não, eu não acredito que o nome predetermina os rumos que a vida dá. Sou eu quem dá os rumos à minha própria vida. Mesmo

que eu me chamasse Juscelino, Brasilino, Alberto ou Anselmo, talvez até tivesse que pagar algumas promessas (essa foi sutil), mas chegaria onde cheguei. Bobagem, tudo besteira, eu gosto do meu nome. O que importa mesmo, digo-lhe, é que pertenço à tribo dos Terras.

Resolvida a questão do nome, a coisa pegou mesmo foi quanto ao sobrenome. Afinal, levamos um nome de família e fazemos questão de perpetuá-lo. Eu, filho de José Terra, fui batizado e registrado com um sobrenome simples, curto e grosso, que lembram as chagas do servo sofredor, do messias que há de vir, como profetizou Isaías. Quis saber o porquê de portar o sobrenome Chagas se meu bisavô, meu avô e meu pai traziam consigo o nome da família Terra. Descobrir o porquê não é uma tarefa fácil.

Por ocasião da Grande Guerra, meu pai quis alistar-se nas forças expedicionárias para lutar ao lado dos aliados, todavia não tinha documentos, nenhum documento, nem mesmo o simples registro de nascimento, nem ele, nem meus tios, nem meus avós e muito menos os bisavós. Então, a simples solução, naqueles anos quarenta, foi todos comparecerem ao Cartório e promoverem o registro coletivo dos membros da família. Meu avô resolveu que não se registraria como Antônio Terra, tinha sede por mudanças.

Foi meu tio Sebastião Terra quem me confessou a referida transgressão à tradição do nome familiar. Ele foi totalmente contra, achou aquilo um absurdo sem tamanho. Entretanto, meu avô quis homenagear dois amigos, um que tinha o sobrenome Leite e outro Chagas e colocou no seu registro o nome de Antônio Leite das Chagas; todos os seus filhos levaram, então, o novo sobrenome. Contudo, todos eles continuaram chamados pelo sobrenome Terra. Em Cruzália, no



jazigo dos meus avós e do meu pai, grafei o sobrenome Terra, foi por este nome familiar que sempre foram conhecidos.

Eles foram enterrados na terra, na fundura de sete palmos, sequer tiveram caixão ou urna funerária, segundo o testemunho de minha tia Joana Terra. Antônio Terra, minutos antes de morrer, havia tomado banho, mas teve o corpo lavado novamente, numa cerimônia de lavação totalmente improvisada numa casa de pau a pique. Quando enterramos meu pai, sendo que sua única exigência foi que o corpo fosse enterrado na terra viva, fiz questão de jogar sobre ele um punhado de terra. E todas as vezes que visito seu túmulo, assim como ele fazia, deixo sobre ele uma pedra redonda do tamanho do meu coração. São costumes trazidos pela família Terra.

Abro parênteses para contar outro costume familiar interessante. Minha mãe nos ensinou que, ao varrermos a casa, o serviço deve começar pela sala, trazendo todo o pó, a sujeira, os ciscos para a porta da cozinha. Jamais se deve varrer a sujeira da casa pela porta principal. Regra simples, mas que se desobedecida constitui-se em sacrilégio. O motivo para tal ensinamento reside no umbral direito da porta. Lá devia estar apostado um objeto de metal chamado *mezuzá*, que protege a casa de tudo o que é ruim ou danoso.

Todos estes costumes justificam a motivação dos ancestrais em trocar de sobrenomes, apenas uma forma de sobreviver às perseguições. O governo Dutra foi implacável com a raça. Assim entendi as sérias razões para que meu avô homenageasse seus amigos Leite e Chagas. Entretanto, também não creio que o sobrenome dos meus ancestrais tenha sido mesmo Terra; não tenho nenhuma certeza. Talvez pudesse ser outro ou outro. Quem sabe?

O que sei é que, um dia, pretendo mudar o meu sobrenome. Acho o nome Henrique Chagas muito curto e pequeno, quero a ele acrescentar um novo sobrenome que criei há dez anos: Verdes Trigos. Ora, até mesmo o ex-planeta Plutão, que sempre foi e será sem nunca ter sido, está mudando de nome para plutoide. Contudo, Plutão continua na mesma órbita ao redor do Sol, muito além de Netuno. ■

Uma vez após o cinema

Rogério Spanhe da Silva

Não estava achando o filme muito bom, na verdade gostava muito pouco de cinema, principalmente quando, sendo uma película estrangeira, tinha que ficar lendo aquelas frases na parte de baixo da tela, não conseguia acompanhar o enredo. Na verdade estava ali apenas para fazer a vontade da noiva e de um casal de amigos, todos querendo ver aquele "maravilhoso" filme. Do seu ponto de vista era apenas uma história boba como tantas outras, mas, cada um, cada um...

Contava os minutos para o fim da sessão, já começava a sentir o sono e a lhe fustigar.

Pronto, aquelas letrinhas mágicas "The End" e uma moça bem bacana segurando uma tocha, as luzes se acendem, finalmente, todos começam a se levantar, que bom poder esticar as pernas, duas horas ali sentado, paradinho, é demais.

Que maravilha, aos poucos todos vão saindo, ganhando as calçadas, naquele tempo os cinemas ainda não eram dentro de shopping centers, eram salas enormes, com fachadas vistosas e chamativos letreiros luminosos, onde, em regra, encontrava-se o anúncio do filme em cartaz.

O ar da rua daquele início de outono estava bastante agradável, já levemente frio, uma lua tímida tentava se exibir por detrás de volumosas e escuras nuvens.

As rodas dos bondes produziam nos trilhos um rangido característico ao parar para apanhar as pessoas que já se aglomeravam no ponto mais próximo.

Sim, bondes eram comuns naquela Porto Alegre de meados do século passado, época em que as pessoas, para ir ao cinema, verdadeiramente se esmeravam no trajar. As mulheres de sapatos de saltos altos, vestidos bem cortados, segundo a última moda que espelhavam as revistas especializadas; os homens invariavelmente de terno e gravata e a indefectível camisa branca.

Nosso personagem não era diferente. Fatiota completa, a única que possuía, camisa engomada, gravata, tudo muito elegante e alinhado.

A noite se delineava para um final sem sobressaltos. Tomar o bonde, acompanhar a noiva e o casal de amigos até o bairro, deixar a noiva em casa e retornar ao centro da cidade para uma almejada noite de profundos sonhos. Já era capaz de sentir o calor e o perfume das cobertas, sempre muito bem cuidadas pela proprietária da pensão, uma polaca simpática, mas extremamente brava e rigorosa com seus hóspedes.

Foi quando, subitamente, de um sobressalto algo novo se anunciou. Primeiramente de maneira discreta, suave, quase imperceptível. Entretanto, com o passar dos minutos a situação começou a ganhar contornos verdadeiramente dramáticos. Algo no âmago de seu ser parecia ter entrado em um crescente estado de entropia convulsiva acompanhado de constantes ondas de calafrios. Num primeiro momento, e que bom que já estavam na rua, ao permitir a liberação silenciosa de considerável volume de substâncias gasosas, a situação aparentemente parecia ter arrefecido, mas quando tudo levava a crer ter acalmado o quadro piorou drasticamente.

Algo repentinamente insistia em vir ao mundo, como um vulcão por séculos adormecido que de uma hora para outra entra em erupção, com toda aquela lava correndo perna abaixo, digo, montanha abaixo.

Pequenas gotas de suor lhe escorriam pela frente e pelo pescoço.

Estava fazendo um esforço danado, descomunal mesmo, para não demonstrar sua angustiante situação.

E aquele bendito bonde que não vinha, a rua já estava ficando deserta, e aquele bonde não vinha, de todos os bairros já haviam passado, de muitos até mais de uma vez, e aquele bonde não

vinha, aquela espera só fazia aumentar o seu desespero.

Decididamente não escutava mais nada do que lhe falavam, apenas se limitava a responder "ah é", "pois é" e coisas do gênero.

Sua resistência estava a cada minuto literalmente se liquefazendo.

Quando o desastre já parecia inevitável, uma desculpa lhe surgiu: aproveitar para ir a um bar próximo para comprar cigarros.

Cigarros? Mas ele não fumava!

Sabia que esta mania de hábitos ditos saudáveis ainda ia lhe custar caro.

Ah! Ideia reformulada, comprar os cigarros para um colega de pensão, o bonde estava atrasado mesmo.

Dada a esfarrapada desculpa, saiu o mais rápido que pôde, só não correu porque não seria tecnicamente recomendável e seguro.

Finalmente chegou ao bar, o recinto desejado estava em reformas, não poderia ser usado, quem sabe no restaurante ao lado. Ocupado. No posto de gasolina em frente, trancado, ninguém sabia das chaves. Que suplício, que desespero!

Finalmente, na farmácia a salvação.

Alívio, um sentimento de vitória sobre forças quase sobrenaturais, ou bastante naturais, dependendo do ponto de vista.

Feito o serviço, notou a ausência de qualquer vestígio do material normalmente usado na operação de rescaldo, ou qualquer outro substitutivo.

Gritar estava fora de cogitação, não iria sacrificar sua dignidade neste ponto da batalha.

Logo hoje tinha que ter esquecido o lenço?

A contragosto fez a opção: sacrificaria numa atitude desesperada a única peça disponível.

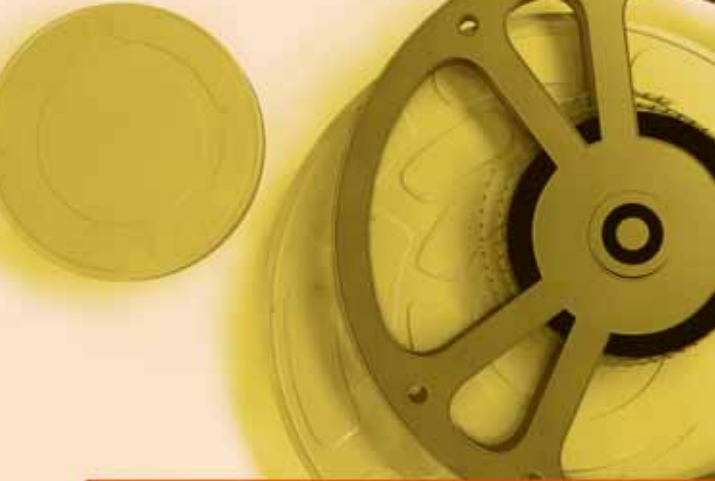
Era macia, a mais nova que tinha, artigo caro, uma extravagância que cometeria.

Abandoná-la naquele estado lhe doeu na alma e, sobretudo, no bolso.

Ninguém entendeu por que, apesar do bonde estar vazio, insistia em ficar de pé. Somente ele sabia da aspereza daquela calça de lã.

Também ninguém compreendia direito quando, somente gostando de música sertaneja, afirmava peremptoriamente que um samba-canção tem o seu valor. ■





Sucessão cinematográfica vital

Manoel Messias Fernandes de Souza

Na mente humana
Como no cinema
Passa a fita
Cores diversas
Filme da vida.
Passa um homem na fita
Com ele passa uma mulher
Com eles o amor
Com eles a vida.
Amor, vida, filme da gente!
A vida toda em saudades
Segue eternamente
E os corações unidos
Num golpe de amor
Dizem aos seres
Que o mundo é ilusão
E a vida, dor.
Mexe-se no ar uma cabeça
Duas cabeças mexem-se no ar
Esfrega-se na outra uma perna
As mãos se apertam
Os caminhos da vida abrem-se eternos.
Seguem os seres
Continua o filme
Desaparecem os seres
Há cortes na fita
Surgem novas personagens
Persiste o filme.
Eis que nos rostos jorram sorrisos
Na mente pensamentos
Em pensamentos a vida
A vida no homem
O homem no Universo
E o mundo abre em sonhos.

A morte incondicional

Robério César Camilo dos Santos

A tarde contempla seu instante inesperado,
enquanto isso eu me morro fácil e lentamente,
em cada fotografia tirada, morro um pouco,
em cada filho que nasce, mais um pouco,
e quando um amigo se vai eu morro muito.

Minha natureza também, pouco a pouco, morre.
Minha pele, minhas rugas, meus cabelos cada vez mais escassos,
minha luta, meu amor, minha vida e tudo mais e mais profundo,
submergindo como cidades, como homens e coisas à minha
frente:

meus amigos, minha família, uma flor encontrada na rua,
submerge,
tudo mais e mais perdido, e eu morto, vivendo intensamente,
morto, morrendo a cada beijo, a cada transa, a cada amor.

À frente avisto um bar, uma causa, um derrame, um suicídio,
homens caminham para um ataque de nervos,
para um ataque cardíaco, e eu a escrever para um futuro pós
futuro,
e um reconhecimento talvez, após a minha morte.

E eles morrem e eu morro, calmo, claro, polido,
o pior é que já tenho plena consciência disso, e mesmo assim
continuo a caminhar para a morte, continuo a escrever
numa luz branca e calma, continuo com meus afazeres,
com meus chiques e meus pileques sem qualquer temor
[ou receio de mim.

No escritório, nas aulas da faculdade que assisto,
e estudo, e trabalho, e amo meu dia repleto de compromissos:
escrevo uma carta, um poema a um amigo que já morreu,
um poema que vai daqui até meu peito, pós passado, ultra
presente,
e sem perceber a morte nos sonda: avalia, escolhe,
dissimula, absorve,
e nem notaste o pôr-do-sol, tão pouco a lua, entretanto,
sabendo, sem perceber, vais morrendo, pouco a pouco.

Andas pelas ruas, distraído, sem ser notado, sem ver amigos,
pessoas passam por ti sem precisar teu nome, teu grito,
morrendo.

E nem percebes isso, e o tempo já não te pertence,
já não te segue de mãos dadas como se nunca fosse acabar,
e andas como se fosses o tecido enriquecido, a casa habitada,
como se o momento fosse teu e propício para viver,
e morres meramente enquanto teu corpo vaga e lentamente
apodrece,
e morres plenamente sem deixar ao menos vestígios.

O pufe

Francisco Spisla

Depois de quinze anos casada, com apenas um filho, decidiu que tinha que mudar muita coisa na sua vida. A relação conjugal estava estremecida, não havia mais amor, mais carinho, mais compartilhamento. O comodismo era mais forte. Mas não pretendia fazer nada de muito radical. Nada de abandonar o marido, pois a mudança nesse campo provocaria muitos traumas. Dava para ir vivendo e levando o casamento, mesmo sem intimidade. E nisso a culpa era sua. Deixara que o corpo se desenvolvesse além do limite que tinha preparado para fisgar um marido: um rosto lindo num corpo de manequim. Conservava ainda traços da antiga beleza, mas deixara que as rugas e as manchas comandassem o inevitável envelhecimento. Tinha quarenta anos num rosto de sessenta. Diferentemente de sua mãe que era exatamente o inverso graças às massagens, cremes, filtro solar e bons hábitos alimentares. E aí estava o grande e grave problema. Sua boca não tinha o controle do abre e fecha devidamente regulado. Permanentemente aberta recebia as constantes visitas dos salgadinhos, dos doces, das massas e das carnes gordas. Seu estômago é que comandava a boca. Então as carnes gordas transformaram-na em gordas carnes. Com um agravante: suas ancas ficaram excessivamente desproporcionais ao resto do corpo cheio, tornando-a alvo de muitas piadas. Suas ancas, cheias de carne e gordura, mesmo que não se quisesse fazer trocadilho, eram realmente abundantes.

Pois todo este conjunto desleixado acabou por afastar o marido que não queria nenhuma intimidade com aquela mulher que não era mais a imagem que tinha sido carimbada em seu álbum do relacionamento. E eis a razão pela qual tinham apenas um filho. E se não tinha se separado era porque o marido não queria, preso que estava a rígidos princípios religiosos quanto ao casamento e à família. Ela também continuava casada porque tinha tudo o que queria, além de se dar muito bem

com as cunhadas e a sogra. A combinação perfeita para um casamento de fachada. O fato de se dar muito bem com a parcela feminina da família do marido, que dela eram cúmplices, pois, de certa forma e em certa medida, tinham os mesmos problemas, dava-lhe o sossego necessário para que aquela situação conjugal não sofresse revés.

O lampejo para a necessidade de mudança foi quando, de certa feita, percebeu uma situação comprometedora do seu marido. Bastante sutil, mas com o carimbo da infidelidade. Nada lhe questionou, para ninguém contou, nenhuma medida tomou, nem para provar o fato, nem para cobrar os compromissos conjugais. E assim agiu porque, abalada com a descoberta, resolveu tomar um banho com sais e ervas para relaxar, pensar, e algo lhe chamou a atenção. Ao lado da banheira havia um espelho enorme, fetiche do casal no início do casamento. Nua, ela se viu inteira gorda, cadeiruda, peluda. Tudo o que seu marido detestava. E pensou: "E se me separasse, quem iria me querer?..."

Ficou parada longo tempo na frente do espelho, olhando, mirando, girando seu corpo cheio, medindo e contando estrias e buracos de celulite, apalpando-se sem qualquer prazer. Depois entrou na banheira, a hidromassagem funcionando, e chorou. Chorou muito. E decidiu mudar. Decidiu mudar sua vida. Fechou os olhos e se viu vinte anos atrás: bonita, sensual, desejável.

Não se impôs limites, nem cogitou que muito de que fora era impossível ser reconstituído. Nessa agonia começou por caminhos tortuosos e sem fim. Consultou médicos sem experiência em tratamentos de obesidade. Frequentou academias de ginástica em que os instrutores apenas sabiam como "bombar", e nada entendiam sobre exercícios de emagrecimento com equilíbrio. Experimentou dieta da lua, dieta disso e daquilo, aceitou receita de remédios de amigas que tinham emagrecido. Por conta própria passou a comer somente saladas quando estava acordada. Mas, de madrugada, num

certo sonambulismo, assaltava a geladeira e comia desde sorvete até carne crua.

Tudo isso provocou alterações na saúde com problemas estomacais, intestinais, principalmente de constipação, que lhe davam uma aparência ainda mais gorda, com a consequência natural e inconveniente da flatulência. E, pior ainda, no campo da urologia, tinha bexiga solta em determinadas situações. Como de riso descontrolado. Não podia cair na gargalhada que se molhava toda.

O marido acabou por perceber toda essa mudança no comportamento e, de um modo que ainda demonstrava cuidado com a esposa, sugeriu-lhe consultar um especialista, de uma maneira "cheia de dedos" para não dizer claramente que precisava de um tratamento psicológico.

Ela aceitou a sugestão depois de verificar com as cunhadas e a sogra. Mas estas exigiram uma psicóloga mulher, pois achavam que ela entenderia melhor o problema dela.

E assim foi. Na primeira consulta relatou sua vida e como chegou ao que era. Contou a visão que tivera dela mesma perante o espelho e a firme decisão de mudar sua vida, mas sem abandonar a família e sem desatar os laços conjugais. Informou sobre todas as medidas que tinha tomado e os problemas que provocaram. Na segunda sessão, a psicóloga, experiente, já tinha uma noção exata do que era necessário. Sugeriu que antes de atacar os problemas do corpo, deveria efetuar uma mudança concreta ao redor dela. Trocar de carro, trocar de casa, mudar de hábitos. Depois veriam o que fazer com o corpo e o casamento.

É claro que tudo isso exigia suporte financeiro do marido, uma vez que ela era apenas dona de casa, um outro problema não resolvido em sua vida. Ele, inexplicavelmente, concordou. Talvez desconfiando que sua mulher soubesse de seu caso, queria evitar um escândalo, pois tal comportamento no seio familiar nunca tinha acontecido antes. Então ela ganhou um carro novo. E achou uma casa bonita e prática para nova moradia. As coisas estavam mudando. Estava mais jovial e um pouco, mas só um pouco mesmo, mais magra. Mas alguns dos seus problemas de desequilíbrio gastrouointestinal ainda perduravam. Principalmente aquele da bexiga. Numa das consultas, quando falou à psicóloga que ia mudar de casa, foi questionada se tinha comprado outros

móveis, pois o novo lar deveria ter uma decoração condizente com a necessidade das mudanças. Como disse que pretendia usar os mesmos, imediatamente a profissional retrucou que daquele jeito não haveria mudança nenhuma, apenas tentativa de adequar e rearrumar as mesmas coisas em outro espaço. E indicou um decorador que parecia conhecer do que as pessoas precisavam para novas empreitadas, capacidade que tinha desenvolvido lendo revistas de psicologia.

O decorador então foi contratado, e visitando a casa onde ainda ela morava verificou que tudo era branco, branco até demais. Com trejeitos excessivamente alongados, informou que branco cansa, porque, contraditoriamente, relaxa demais:

- O branco demonstra falta de decisão, o que indica ausência de motivação. E por causa do que pretende para sua vida daqui para a frente, nunca, nunquinha, deverá mais usar o branco na decoração.

Ela se convenceu e aceitou a sugestão de tonalidade de cor que fosse mais puxado para o "quente" como motivador da vontade de fazer algo novo. Segundo ele, essa tonalidade deveria pender para o marrom por causa da cor da madeira que evoca a natureza. E disse isso citando Lavoisier quanto à constante mudança, de forma teatral, misturando inglês e francês, com certeza inspirado e tentado pela plateia feminina presente, sogra, cunhadas, sobrinhas, excitadas com a presença do decorador, profissional que ninguém da família tinha até então utilizado:

- *Darling! Dans la nature rien ne se perd, rien ne se crée, tout se transforme* - com direito até a biquinho na pronúncia.

Como todas olhassem estranhamente para ele sem ter entendido, completou desanimado:

- Traduzindo para as que não dominam o idioma chique: "Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma", não é, meu bem?

E lá foi ela com os projetos do decorador, acompanhada da cunhada preferida e da sobrinha de treze anos - mãe e filha perfeitamente afinadas na nobre profissão de dar palpite nos problemas dos outros - ao trabalho de compra dos móveis. Viajaram para a capital, pois as compras tinham de ser numa cidade grande, numa mega loja de móveis, atividade também complementar das mudanças. Encontraram o que pretendiam em questão de formato e tamanho, mas nada na tonalidade indicada pelo especialista em decoração psicológica.



Quando já iam se retirando para procurar outra loja, ela viu dois enormes pufes brancos. Não estavam nos projetos de mudança da decoração, e o decorador com certeza teria dito que era uma coisa muito brega. Mas quando os viu lembrou de uma cena num filme francês da década de sessenta, que a psicóloga havia indicado como parte da assimilação das mudanças porque se referia ao período em que ocorreram grandes alterações estruturais da sociedade no mundo todo a partir da França. Do filme, que ela não entendeu nada, lembrou apenas de uma cena de sexo bastante excitante em cima de um pufe. Então, aquela lembrança, naquele momento, mostrou que havia uma saudade a ser tratada. Por conta própria, resolveu incorporar tal elemento decorativo à sala, é lógico que respeitando a cor que o mestre lhe indicara.

Já se imaginava num domingo com toda a família reunida, e após um lauto almoço à base de feijoada, caipirinha e cerveja chegar ao canto mais aconchegante da sala, jogar-se sobre o pufe e dormir a tarde toda, ressonando qual uma gata, preguiçosamente. E depois que todos os parentes se retirassem, seu marido chegar suave e lentamente, se aconchegar e com ela namorar como há anos não faziam.

A digressão sonhadora foi acompanhada inconscientemente pelo ato de se jogar sobre aquela convidativa peça de mobília. Bem, mas o resultado não acompanhou a suavidade da imaginação. Assim que aquele corpo, um tanto quanto avantajado e desproporcional, mesmo para o tamanho do móvel, atingiu o tecido que parecia couro, estufado para dar a impressão de maior aconchego, um barulho seco ecoou: "Ploft!". E logo a seguir, o ar foi forçado a sair de pronto, provocando um barulho estranho ao escapar por um

pequeno rasgo aberto. O som estranho chamou a atenção dos passantes.

A cunhada e a sobrinha, que sabiam só dar palpites e não resolver problemas, fizeram de conta que não a conheciam e sumiram da loja.

Ela, refestelada, pela situação inesperada teve um acesso de riso incontrolável. E quanto mais tentava levantar, mais se esparramava no pufe gigante. As gargalhadas ecoavam como gritos de arara num viveiro. Gargalhadas que acabaram por contaminar a todos os que pararam para observar a cena e tentar ajudá-la a levantar.

O pior veio a seguir. Aquele riso descontrolável soltou sua bexiga. Ainda sentada inundou o pufe. E quando conseguiu ficar em pé, enquanto o líquido morno ainda escorria pelas pernas, verificou que a peça estava encharcada. Uma grande mancha úmida se formara no local moldado por suas nádegas. Ainda rindo, mas com menor intensidade, sentiu-se envergonhada, e olhou para uma vendedora que estava ao seu lado. Não chegou a perceber nela um desejo imenso de gargalhar, lágrimas já assomando nos olhos, boca espremida, segurando-se ao máximo pela exigência do profissionalismo e do atendimento respeitoso. Se tivesse o mesmo problema urológico, com certeza já teria acompanhado as mesmas águas.

A vendedora respirou fundo, recompôs-se e perguntou:

- E aí, gostou? - essa maneira irônica de se expressar provocou-lhe um novo acesso de riso que conseguiu transferir para um de tosse.

Mas ela não percebeu, envergonhadíssima que estava pelo ocorrido.

- Gostei! É o que eu sempre quis. Vou levar - não tinha outra saída.

Um pufe branco, solitário e estranho, no meio de móveis e sala em tons castanhos? Não dava, não combinava. Em seu íntimo, pediu desculpas à psicóloga e ao decorador. Adeus, reforma! ■

Cento e cinquenta

Rodrigo Mello

Do estacionamento onde havia deixado o carro até a porta central do prédio do Fórum não poderia haver muito mais que uns cento e cinquenta passos, aproximadamente. A distância, contudo, não afastava o tom de procissão havido no primeiro passo na lajota fria e cinzenta de um dia assemelhado no inverno do final de julho. Os passos de Alberto lançavam-se longos e lentos, claudicantes enquanto avançavam pelo terreno do desconhecido, por uma terra de incertezas e vida nova.

Não dera nem cinco passos e os olhos buscavam a lonjura que seus pés nunca alcançariam. Habitavam, aqueles, um passado que ia de remoto a quase agora. Olhou à sua volta e pensou, olhando os funcionários que voltavam de seus almoços apressados e burocráticos, quantas vezes esse mesmo caminho fora trilhado por tantas angústias como a dele e, sorrindo de meio lábio, apostou que milhares também foram as vezes em que outros em seu lugar formularam a mesma ideia, o mesmo clichê. Não sabia algo outro a se pensar, talvez da mesmíssima forma nenhum de seus predecessores o soubesse.

Ali estava ele, Alberto, caminhando na direção de um outro senhor austero e alinhado, com ares de indiferença constante, pacientemente olhando ao seu redor procurando algo ou alguém. Sem demora e tomado por uma alegria de sinceridade duvidosa, o senhor de terno avistou o desolado Alberto subindo a rampa. Abriu-se num sorriso largo e aproximou-se com boa velocidade e braço esticado para um firme aperto de mãos, aquele senhor gordo como a crueldade da vida.

- Não se preocupe, Alberto, será rápido, muito rápido.

As palavras não ecoaram bem. O senhor de terno não sabia, ou anestesiara a percepção, de que mais um casamento de quinze anos chegava ao fim num triste epílogo judicial. Não tiveram, Alberto e Miriam, embates exaltados, pratos quebrados, filhos complexados e nem sequer um ou outro amante que fosse sabido. Nada dessas coisas, em geral, faz parte de um divórcio bem sucedido, digno de nota de coluna social, quase merecedor de orgulho do fracasso. Aqui, entre os dois, interveio somente o tédio de não se gostarem mais. O senhor gordo e alinhado alcançou a porta de vidro e num gesto atabalhado escancarou a entrada cruzando-a logo após Alberto. Na passagem o guarda olhou Alberto como se soubesse dele o motivo de estar ali, racionalizou para si que todos que adentravam pelas portas certamente

recebiam olhares como aquele, pois ninguém ali fincava o pé sem que algo de errado acontecesse.

Sem nenhum interregno, sem preparações, aquecimentos, Alberto avistou Miriam logo ao sair do elevador e lembrou-se de tantas coisas ao mesmo tempo que quase esboçara um arrependimento sincero de estar ali. Miriam mantinha os olhos baixos numa expressão indiferente, a sinopse da vida a dois nos últimos tempos. Depois de milhares de discussões sobre motivos que ninguém podia fazer passar por relevantes, não mais residia ali o substrato básico do entendimento entre duas pessoas. Fosse na discordância obsessiva de Alberto sobre as prioridades na reforma da casa, fosse na negativa cada vez mais veemente de Miriam de debater a possibilidade de terem um filho, as situações diurnas, e algumas noturnas, não mais se sustentavam.

Fizeram amor pela última vez há dois meses, e foi bom. Beijaram-se na boca, pela última vez, há três semanas, numa recaída temerosa para ambos, e foi bom. Nos instantes imediatamente seguintes aos dois bons momentos reincidiram no erro de discutir sobre assuntos irrelevantes, utilizando frases como "você sempre fez isso...", "é sempre assim mesmo", "eu sabia que você ia dizer...". Alberto pensou sobre esses novos encontros com gosto de passado. Miriam abriu um largo sorriso quando o viu e trocaram um abraço breve e apertado. Entraram pela sala de audiência daquela Vara de Família e foram indicados aos seus respectivos lugares, vez que ambos sentavam ali pela primeira vez. Sem tirar os olhos um do outro, acompanharam apenas de ouvido as formalidades legais, meneando a cabeça, afirmativamente ou negativamente, conforme o caso se apresentasse.

Depois de brevíssimos minutos, uns cinco, e de um dossiê passando na cabeça do ex-casal, o juiz, imponente e desconhecedor absoluto dos fatos reais, declarou-os divorciados.

Quando saíram dali Alberto olhou para Miriam mecanicamente como se devesse um olhar compulsório, a prática de tantos anos agora encerrada por sentença de estranhos, pela sociedade que nem os conhece. Virou-se e, numa metáfora conveniente, cada qual dos ex-casados tomou um elevador diferente, em momentos diferentes. Mais cento e cinquenta passos e o ex-

cônjuge, atual divorciado, carregando seu gosto amargo recém conquistado entre os lábios, tomou as chaves do carro dirigindo-se à sua, isso mesmo, à sua casa, buscando seu uísque para talvez sorvê-lo em excesso sem as preocupações maritais costumeiras. Nem mesmo isso devia a alguém, e tudo decidido por despacho.

O epílogo zunia apropriado, exatamente como os cubos de gelo tilintando nas bordas do sexto copo já pela metade. Seu quarto não tinha mais porta-retratos, só as lembranças penduradas por um fio em sua cabeça zonzas. O telefone rasgou o silêncio, chacoalhando Alberto com um susto. Primeiro recusou-se a mexer um músculo para mover-se de seu mau-humor plenamente justificável, depois deixou-se escorregar hesitosamente pela poltrona que Miriam odiava e, decorrido o quinto toque, lançou suas forças até o criado-mudo. Catou o aparelho desdenhosamente com o rosto contorcido de desprazer. Ouviu seu colega Carlos abrandar-lhe o espírito e convidá-lo para fazer coisas de solteiro, coisas que Alberto não conhecia muito bem. Mal baixou o telefone no gancho e um novo soar despertou veemente. Surpreendeu-se ao ouvir Miriam do outro lado. Ligara para ver se tudo ia bem nas horas póstumas do casamento.

Miriam disse uma ou duas besteiras, insistiu numa obscenidade inesperada e disse que iria até ele. Ele protestou sem convicção e ela lançou a voz num timbre conhecido, concupiscente. Sem dizer mais, ele apenas disse que estaria na portaria do edifício em vinte minutos, esperando-a para visitar o motel de sempre para comemorar as novas coisas com o mesmo velho sabor. ■



Em carnaval também se ama

André Falcão de Melo

Pense numa menina linda! Era um pitéu, um filé, uma gata, uma coisa, uma... sei lá, a mulher era demais, me'irmão! Falando sério. Sem exagero. A rainha daquela empresa em Maceió. E a circunscrição do seu reinado é porque era aqui nascida e aqui trabalhava. Mas disputaria esse título nobiliárquico natural em qualquer lugar deste País, quiçá do mundo. Ôxe, poderia dizer, até, do universo! Duvido alienígena mais bonita. Descomedimento, não! Juro! Mas me vou abster de descrevê-la. Cada um de vocês - caro leitor ou leitora que se esteja prestando a ler o que narro - que imagine alguém que pudesse provocar esse estupor de admiração estética que acabo de alardear. Certamente, não estarão longe do desenho harmônico que a compreendia.

Mas, como nem tudo é perfeito... era chata. E, aí, vou fazer o mesmo apelo dantes: pense numa menina chatinha! Metida, a figura. Há quem entenda sua beleza justifique assim fosse. Mas não para Sandoval. Sei, sei que o nome do cabra, por sua vez, é meio feinho, mas o sujeito era tido como bonitão. Não se engane. Quem vê cara não vê coração. Ou, adaptando o dito popular às circunstâncias: quem só vê o nome não vê o dono. Não era, porém, em matéria de beleza, uma versão masculina de Soninha (assim a chamavam). E, se era, o defeito é meu, que não sou especialista nessa ciência.

A vida da bela (e presunçosa) jovem era comum. Ingressara, há pouco mais de dois anos, por concurso, naquela empresa pública. Formada em Direito, nunca exerceu. Graduou-se porque queria um título e desejava (talvez nem deseje mais) passar num concurso público ligado à área jurídica. Nada diferente dos anseios de grande parte da população juvenil do País. Porém, se não despertava admiração por sua essência, também não era execrada por possuir defeitos relevantes.

Salvo a prepotência, notoriamente decorrente da consciência de sua beleza e, naturalmente, do mau uso dessa percepção. Em suma: uma jovem normal, não afeita a maldades. Mas era metida. Que era, era.

Ele, como querido por muitos, naturalmente se via invejado por outros tantos. Afinal, além da boa aparência era inteligente, carismático e trazia (e observava) bons princípios éticos. Mas era machista. Não no sentido daquele que quer levar vantagem e explorar as mulheres. Masculino, quero dizer. Macho. Exatamente o contrário de feminino ou de fêmea. Deu pra entender? Não? Hummm... Deixa ver... Pronto. Ter algo com uma mulher que acabou de beijar vários homens numa balada, por exemplo, não era com ele. Nem pra beijar queria: além do medo de pegar "sapinho", tinha nojo. Sentiria como se estivesse beijando a boca de outro homem. Por tabela. Percebeu? Outros, decerto machos também (e vou afirmar o contrário?), não fariam essa reflexão. Até achariam o máximo compor com as demais bocas que naquela já pousaram. "Beijei vinte", "beijei dez", e por aí afora. Mas ele, não. Tá certo, caro leitor ou leitora adepto da beijação. Entendo sua revolta. Mas ele assim sentia e pensava, ora! Fazer o quê? O cara tinha direito, né não? Não se indisponham com ele. Era boa pessoa. Afirmo.

Agora, deixemos como está e fiquemos por aqui. Acho que a descrição feita, dum e doutro, embora silente em detalhes físicos, é suficiente para vocês terem uma ideia razoável de nossos heróis.

De qualquer sorte, fosse como fosse a antipatia sonsa da Soninha, o fato é que Sandoval se tinha com ela impressionado e mantido o interesse por aquela miragem, mesmo após vir a saber da sua, digamos, não virtude. Também, não é pra menos. Vou nem dizer o porquê, pra não ser repetitivo. Tá,



eu digo. Tava linda demais, a moça. E, pra completar, aquelas músicas de carnaval das antigas (frevos e marchinhas) - que o remetiam aos carnavais de clube de sua adolescência, quando vinha do interior passar o reinado de Momo na Capital, hospedando-se na casa de parentes - davam um tom nostálgico e levemente romântico àquela concorrida noite carnavalesca da cidade. E o impregnavam. Ela, embora somente houvesse participado dos chamados carnavais de clube, com suas orquestras de frevo e bandas, ainda criança, sentia um imenso prazer em participar daqueles festejos, tão distantes dos axés da atualidade. O quadro, assim, estava a desenhar-se: uma linda mulher, um clima de saudade e romantismo, uma vontade, desconhecida embora, de conhecer o amor. De ambos. Claro, eu disse que ela era metida, não que não pudesse se apaixonar.

Assim que chegara, a viu. Foi, talvez, o que se diz ser amor à primeira vista. Ela o notou, também. Mas rapidamente. De soslaio. Tão de leve que Sandoval não conseguiu sequer ter uma ideia segura disto. Mas o viu, sim. Asseguro. Tratou logo de perguntar quem era aquela beldade. Esclareceram-lhe e a sua fama de menina metida. Tentaram dissuadi-lo. Alguns por amizade, outros por inveja. Medo de que Sandoval conseguisse o que tantos apenas sonhavam ter.

A verdade, todavia - e sinto-me obrigado a esclarecer o(a) leitor(a) amigo(a) -, é que Sandoval não causara em Soninha a mesma sensação. E se sim, ela não deixara antever nem pra mim, que lhes conto esta história e deveria sabê-lo, na qualidade de narrador onisciente e onipresente. De qualquer maneira, quando eu chegar ao fim do conto a minha ignorância não terá o menor relevo.

Também não posso deixar de narrar que Sandoval, além de orgulhoso (aquela história do cabra macho, lembram?), apresentava muita cautela para abordar uma mulher por quem se encontrasse seriamente interessado. Era, nesse tema, um tímido. E a timidez - dizia para si mesmo -, se o privava de alguns voos, ao menos o protegia de outras tantas quedas. Mas, não se engane, o receio não chegava a abortar suas pretensões. Tinha medo. De um fora, de ser humilhado. Mas não a ponto de paralisá-lo.

Assim, à míngua de amigos comuns que os apresentassem, um ao outro, avaliou que a melhor abordagem seria chamá-la para dançar. Quando? Aí são mais quinhentos. Sabedor, já, de sua fama, e como continuasse em seu pedestal, resolveu não lhe dar a mínima. Apenas fazer-se visto por ela. Finalmente, percebeu que ela o vira. E o olhara. De relance, é verdade. Mas o fez algumas vezes, quando imaginava que ele não fosse perceber. Estava, assim, se dando por satisfeito. Até então.

Os minutos - ou eram as horas? -, entretanto, se passavam. Nem ele ia dançar, nem ela. Ao revés, flagrara Soninha virando o rosto para um pretendente que se havia aventurado a convidá-la a dançar. E o fez com absoluto desdém. Desprezo, mesmo. Aquilo ferira Sandoval por dentro. Não que não houvesse gostado de ela não ter ido dançar com o sujeito. Mas detestava humilhação. De resto, o sentimento de solidariedade à vítima viera juntar-se à antipatia, que também já começara a nutrir, e ao inicial enlevamento, que, de qualquer sorte, ainda perdurava. Tudo num aparente paradoxo. Vai se entender o amor, né leitor(a)?

O fato é que, ao tempo em que se via encantado pela moçoila, também percebeu

dedicar-lhe certa raiva. Àquela menina, pudesse - pensava -, aplicava-lhe uma lição. Gostaria de lhe dizer que ela não era melhor do que ninguém, apenas porque bonita, que ela tinha que respeitar as pessoas, tratá-las com educação, essas coisas. Totalmente apaixonado! Para tanta ira contida, só mesmo tomado pela paixão.

Tomou o último gole de cerveja. Indagava a si mesmo se chegara o momento de chamá-la para dançar. Ela ou qualquer outra que aparecesse no caminho, já que considerava a hipótese de levar um fora daquela pretenciosa, apesar dos olhares agora mais amiúde trocados. Resolveu acender um cigarro. Chegou a tomá-lo em sua mão, pô-lo entre os dedos, mas quando ia acendê-lo, isqueiro ainda no bolso, a orquestra começou a tocar sua música preferida. Não podia esperar mais. Inclusive, já estava ficando tarde. Ou cedo, considerando-se ser, já, adiantada madrugada. Partiu, resoluto. Medo arrefecido pelo incentivo dos olhares furtivos correspondidos, e pelas cervejas que ingeriu.

Soninha estava recostada em uma pilastra, ora observando o movimento do salão, ora conversando amenidades com alguma colega. Parecia distante, em sua realeza. Foi quando percebeu a vinda de Sandoval em sua direção. Seu coração começou a bater forte. Não disse que ela já se havia enamorado também? A distância entre ambos foi encurtando, e ela se aperreando. Quando ele estava já se aproximando e, abrindo-lhe um sorriso, parecia vir convidá-la a dançar - para o quê mais iria até ali, àquela altura, se não para isso? -, Soninha, antes mesmo que ele balbuciasse qualquer palavra, antecipou-se-lhe e dirigiu-lhe um gesto contundente de que não queria dançar, acenando em sua direção, negativamente, ao tempo em que deixava transparecer em sua face um misto de expressão de enfado e intolerância.

Sandoval não podia acreditar. Pudesse voltar, o faria. Mas já estava quase esbarrando na garota quando recebeu o soco. Sim, leitor, desculpe-me, mas foi como um murro. Nessa hora, até eu, que nada faço a não ser lhe contar essa história, solidarizo-me na sua humilhação. O que poderia fazer? Aceitar a negativa, que mais parecia uma reprimenda pelo desaforo de ter tido a ousadia de lhe dirigir a palavra que, aliás, sequer foi dita? Foi então que lhe veio a luz.



- Como? Desculpe, mas vim perguntar se você tinha fogo para acender o meu cigarro - disse, mostrando-lhe o cigarro apagado entre os dedos. Soninha sentiu as pernas fraquejarem, a face enrubescer. A expressão de cansaço e desdém, que havia um segundo ostentava, transmudara-se num sorriso amarelo. Não sabia o que dizer. Balbuciou um pedido de desculpas.

- Pensei que você vinha me chamar para dançar. Não sei dançar essas músicas... - concluiu, com um sorriso amarelo, visivelmente transtornada. Nada passou despercebido por Sandoval, que a esta altura sentiu voltar o chão aos seus pés e o domínio da situação.

- Bom, então, já que fósforo vejo que você não tem, nada impede que dancemos, ora! Vamos lá? Eu também não sei. Aprenderemos um com o outro - disse-lhe Sandoval, expressando a maior simpatia que pôde, com um largo sorriso nos lábios. Soninha, completamente desorientada, sem forças para resistir, e tentando remediar o vexame por ela própria açodadamente causado, aceitou o convite.

Todos olhavam perplexos. Os verdadeiros amigos, torcendo por um e outro, cheios de admiração. Os nem tanto, babando de inveja. Aliás, a bisbilhotice foi tanta que, num piscar de olhos, o salão ficou repleto de curiosos amigos comuns, a

dançar ao redor do casal, de modo a não perder um só detalhe.

Sandoval não se deu por satisfeito. Lembram-se que sentira um certo desejo de vingar seus pares, horas atrás? Agora, sentia com ainda mais fervor a vontade de lhe dar uma lição, que pusesse abaixo aquele nariz empinado de uma vez por todas. Deixou passar algum tempo - algo parecido com a metade da música, já que não podia se arriscar a ser convidado a sair do salão por Soninha, tão logo findasse a que estavam dançando -, afastou um pouco mais o seu corpo do dela e, escancaradamente, enfiou a mão no bolso da camisa, de lá tirando seu isqueiro. Acendeu o cigarro, com ele, na frente dela. Tragou. Tudo sob o seu olhar atônito. Ele sorriu, enquanto soltava a fumaça para o lado. Soninha, que há tempos procurava o chão ilusório de rainha em que acostumada a pisar, sentiu-se literalmente planando. Tentando um sorriso, agora já amarelo pálido, disse-lhe, em tom de brincadeira:

- Cachorro - ao que ele lhe respondeu, sempre sorrindo:

- Tô cansado. Pensando bem, quero dançar mais não. Vamos sair?

- Está bem - disse-lhe. E saíram, cada qual para o seu lado, sob o olhar estupefato dos presentes.

(.....)

- Menina, a noiva está linda, deslumbrante mesmo!

- E que simpatia! Que sorriso! Vou querer um vestido assim no meu.

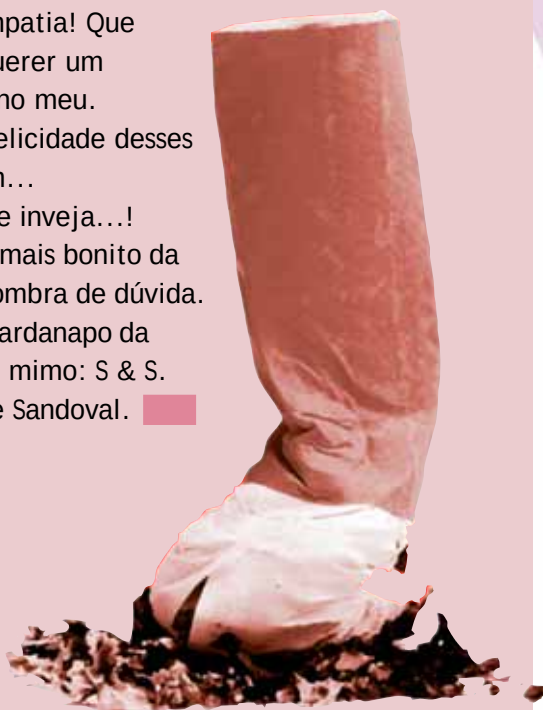
- Quanta felicidade desses dois... hummm...

- Ai, ai, que inveja...!

- É o casal mais bonito da cidade, sem sombra de dúvida.

- Olha o guardanapo da recepção! Que mimo: S & S.

- Soninha e Sandoval. 



Domingo no clube

Arcinélío Caldas

Numa dessas tardes fagueiras de verão, ao retornar do Farol de São Tomé, ao encontro do pôr do sol no bairro de Donana, portal campista da Baixada da Égua, durante uma parada para beber água, tomar um café e visitar o amigo Renato da Farmácia, tricolor inveterado, encontrei-me com o Dr. Patrick, médico obstetra de mão cheia, sujeito influente, muito engraçado ao falar e dotado do poder de ocupar espaços em reuniões sociais com suas tiradas repentistas, frutos de sua invejável presença de espírito.

No momento daquele encontro casual, estava ele acompanhado do capataz de uma das fazendas do Dr. Guilherme Miranda a falar sobre as últimas enchentes na região, onde ocorreram situações inusitadas, envolvendo pessoas, suas casas, lavouras e animais.

Fez festa ao me ver e, imediatamente, introduziu-me na conversa que já ia adiantada sobre canaviais submersos e máquinas agrícolas arrastadas pela correnteza, asseverando:

- Imagine você que esse sujeito trabalhou o ano todo na lavoura e, na hora da colheita, perde para a chuva os frutos que lhe dariam o rendimento necessário à manutenção da pequena fazenda e ao preparo do futuro.

- É assim mesmo, não dá para reclamar, pois a água, mesmo em abundância, é uma dádiva de Deus - interveio, por sua vez, o capataz.

Justifiquei minha pressa em chegar logo à cidade e convidei-o para passar o domingo no Clube do Almirante, onde poderíamos colocar em dia os assuntos e rever os amigos de longa data que, com certeza, lá estariam. Despedimo-nos, havendo ele afirmado que aceitava o convite e que no domingo estaria presente.

No domingo combinado, por volta das onze horas da manhã, aparece nas hostes do C. R. Saldanha da Gama o Dr. Albertino, rábula precioso, contando a meia idade, muito habilidoso no trato

com o público em geral, pois abusava da arte de falar e influenciar pessoas.

Logo que me viu, veio alegre ao meu encontro, coincidentemente no momento em que também chegava para os cumprimentos e efusivos abraços o Dr. Patrick, o qual estava acompanhado de esposa e filhos. Apresentei-os, mas senti que já se conheciam de algum lugar, pois percebi uma ausência de empatia entre os dois.

O Dr. Patrick logo desviou o olhar e comentou que alguns conhecidos seus já estavam no bar da bocha:

- Vejam lá o Nielsen, o Chico Preto. Chico tem estado recluso na Bahia, em Barra de Caravelas, mas vem a Campos ver os filhos universitários, Joyce e Rolam.

Dispersaram-se, indo as crianças, dois meninos (um de doze, outro de dez anos), para o campo de futebol; a esposa, para a borda da piscina tomar sol; e o Dr. Patrick, muito branco, de um colorido impróprio para o solarium, procurou a sombra, no bar da quadra de bocha, onde passou a dissertar, entre um copo de cerveja e outro, sobre medos e fobias.

Já estava constituído o fã-clubes do Dr. Patrick. Todos mantinham os olhos vidrados no envolvente contador de estórias que, vez ou outra, fazia-os gargalhar a ponto de chamar a atenção dos diversos ouvintes das narrativas sobre futebol do Dr. Albertino, que se encontrava na mesa ao lado, na segunda pista de bocha. Na ocasião, cercado por um sem-número de associados, o advogado manifestava sua opinião sobre o desempenho dos tricolores no atual campeonato brasileiro.

- Vejam vocês que os três principais clubes tricolores do Brasil, São Paulo, Fluminense e Grêmio, não têm mantido um bom desempenho, à altura de suas estórias, glórias e grandeza. O Fluminense está novamente a bater nas portas do rebaixamento, o São Paulo e o Grêmio lutando para

ficar no G4, apresentam uma campanha pífia, cheia de altos e baixos, denotando a existência de problemas de gestão.

Neste momento notei que o Dr. Albertino sentiu-se incomodado com as efusivas citações do Dr. Patrick e, nesse antagonismo e disputa pelo controle da plateia ouvinte, encerrou o assunto sobre os embates futebolísticos da semana e bebeu um copo de cerveja estupidamente gelada para refrescar a garganta e lavar a alma, como se fosse uma inefável massagem no ego ferido pela prosopopeia dissertada pelo Dr. Patrick na mesa ao lado.

E não teve outra chance o Dr. Albertino, a não ser como fizeram os outros, igualmente ouvir o que explanava entusiasticamente o médico falante. Surpreendeu-se o notável advogado Albertino com a propriedade das colocações que fazia o Dr. Patrick sobre superação da dor. Tal eloquência causou-lhe, dava para notar, uma ponta de ciúme, haja vista a atenção que dispensavam os interlocutores ao assunto palpitante que veio à baila. Dizia na roda o detentor da palavra:

- A dor é tão ruim, que causa o medo e gera a chamada algofobia, porta de entrada da psicopatia, capaz de se tornar uma doença crônica, muitas vezes insuperável e causadora de transtornos e depressões que interferem no sistema imunológico do indivíduo.

Nesse momento, o Dr. Albertino, que não se aguentava mudo, faz uma intervenção logomáquica, atravessa a prosa em curso e diz, aparentemente assumindo o controle da situação:

- Nunca padeci desse mal, mas sempre fui propenso a sortilégios e maus agouros. Não podia ver, por exemplo, uma coruja no mato, que me preocupava com os azares da vida. Se um gato preto atravessasse a minha frente, era o bastante para não viajar mais naquele dia e no outro também; se pisasse em corda então, ou passasse debaixo de escada, ficava uma semana preocupado com os prejuízos que daí podiam advir.

A conversa prosseguiu e, de um polo a outro, diversos participantes citaram experiências desconfortáveis em situações anacrônicas, como a irritação da mão suja de graxa; banho em chuveiro de que sai pouca água; uso de sunga sem elástico para prender à cintura; barba por escanhoar com

barbeador cego; mergulho em piscina com pouca água, dentre outras tantas situações irritantes.

Dr. Patrick, vendo escapulir o controle da palavra por ele iniciada e não aceitando as rabulices do Dr. Albertino, asseverou enfaticamente:

- Eu não como nada que voa e nem que mergulha!

Isso aparentemente lhe devolveria a rédea do parlatório, não fosse alguém perguntar, em tom desafiador:

- Por que você não come nada que voa e nem que mergulha?

Em resposta, tentando retomar a dianteira do grupo de ouvintes, diz o médico:

- Não como nada que voa e nem que mergulha porque só como carne de vaca, carneira, cabrita e coelha.

A resposta atravessada do Dr. Patrick foi bastante para aguçar a mente do Dr. Albertino que, num arroubo de vingança por lhe haver sido arrebatada a cena principal da conversação naquele domingo, saiu-se com esta:

- Está bem, Dr. Patrick, o senhor não come nada que voa, nem que mergulha. Respeito suas preferências gastronômicas, mas suponho que a sua ilustríssima esposa sabe nadar, não é mesmo?

Entre risos dispersaram-se os ouvintes que esboçavam os mais variados comentários. Encerrou-se nesse clima de festa o inebriante confronto verbal. Ao menos até o próximo domingo no clube. ■



A porta

Satiro Lazaro da Cunha

Era sábado, fazia calor, e várias pessoas encontravam-se reunidas na calçada do Mercadinho Amazonas, misto de bar e mercearia, localizado na comercial da 407 Norte em Brasília. Uns bebiam cerveja geladinha, outros preferiam uísque, e tinha aqueles que gostavam mesmo era de uma boa cachaça. Turma bastante heterogênea aquela, vista a questão do ponto de vista social: ali conviviam pacificamente cidadãos das mais variadas classes e profissões, como médicos, bancários, advogados, funcionários públicos, trabalhadores da construção civil, porteiros de blocos residenciais, comerciantes, jornalistas e assim por diante.

Mas naquele local eram todos iguais. Ninguém jamais se jactava de sua posição social ou evitava compartilhar a presença dos mais humildes e desfavorecidos pela sorte.

Aliás, essa parece ser uma característica marcante de Brasília. Ali não se observa a odiosa segregação de classes, pelo menos ostensivamente, como sói acontecer em outras cidades brasileiras, onde ricos e pobres não se misturam jamais.

O papo rolava solto, quando alguém deu o alarme: estava acontecendo uma briga feia entre o síndico do Bloco I da SQN 407 e alguns moradores, e parece que o *Silvino Fumaça* estava envolvido. A notícia gerou apreensão. Afinal de contas, o Silvino da Silveira, este o seu nome, era indiscutivelmente uma das pessoas mais benquistas pelo grupo. O apelido foi colocado diante de um acontecimento inusitado: certa vez fumou literalmente metade das cédulas de seu salário mensal recebido na véspera. Tudo começou quando o garçom do restaurante onde fora com uns amigos manifestou desconfiança sobre sua capacidade de pagar a conta. Não deu outra: pediu o isqueiro ao garçom, pegou uma cédula, a de maior valor, e a foi queimando mediante grandes baforadas. Repetiu o gesto muitas vezes, queimando várias cédulas, e

quando os amigos perceberam que o salário iria todo embora, convenceram-no a não continuar com a brincadeira, para alívio do garçom que, nesta altura, já imaginava a possibilidade de vir a ser processado e condenado a indenizar o cliente, principalmente quando ele se apresentava como advogado velhaco e espertíssimo.

Mas voltando ao nosso sábado, chegou outra notícia: alguém avisou que Silvino vinha trazendo nas costas uma porta que acabara de retirar de seu apartamento. Sim, mandara tirá-la, para que o síndico bisbilhoteiro com quem brigara há pouco tivesse mais liberdade para fiscalizar a vida alheia, explicou mais tarde.

E uma cena incomum aconteceu: surgiu na esquina a esguia silhueta do Silvino arrastando nas costas a pesada porta, lembrando o ator Leonardo Vilar carregando a cruz em cena do filme "O Pagador de Promessas".

E firme no mister de bem cumprir a decisão tomada, dirigindo-se ao dono do estabelecimento comercial, bradou:

- Sr. Mahmoud! Este cidadão mineiro dirige-se a esse gigante para pedir um grande favor. Quero, desde agora, nomeá-lo fiel depositário desta porta que mandei tirar do meu então inviolável lar, que agora deverá ser devassado para atender à compulsiva obsessão em futricar a vida alheia daquele síndico cabotino que só veio ao mundo para atuar sob os auspícios de Satanás.

Mahmoud, comerciante libanês radicado na cidade há vários anos, mesmo sem entender bem o significado de fiel depositário, mas compreendendo que o pedido era para guardar a porta no subsolo de seu estabelecimento, aquiesceu.

Acomodada a porta e satisfeito por conseguir seu intento, Silvino, dirigindo-se à curiosa plateia, disse com voz pausada e solene:

- Meus amigos, de toda essa vil peçonha reergo-me sobranceiro - naturalmente aludia ao síndico. E com expressão grave arrematou:

- O grande mineiro Carlos Drummond de Andrade, referindo-se ao escritor francês François Mauriac, disse: "não tem ele muitas portas, nem sua porta muitos segredos". Devo afiançá-los de que o mesmo ocorre comigo.

E após pronunciar esta enigmática frase retirou-se do local lentamente. A plateia ficou silente

até que o Jaimes Abrahão, depois de sorver um gole de uísque *on the rocks*, disse muito sério:

- Não estou entendendo mais nada!

Só depois de alguns meses e acatando as inúmeras súplicas da esposa foi que Silvino, resoluto, buscou novamente a porta, reinstalando-a na sua moradia, e, diga-se de passagem, para refrigério da alma do *estressado* síndico, que desde o acontecimento ficara bastante preocupado com o fato de o vizinho ter passado a viver de modo um tanto vulnerável, correndo o risco de se tornar vítima de furtos, diante da teimosia em permanecer sem a porta de entrada, com o apartamento permanentemente aberto.

Mas a história não para por aqui. Se, de um lado, Silvino chegara a tirar a porta, diante da sanha do síndico bisbilhoteiro, por outro lado tinha sede de vingança e arvorou-se também no direito de investigar a vida pregressa do outro.

Neste sentido, aliou-se ao porteiro do bloco residencial, o Francisco, que, a seu turno, também não nutria nenhuma simpatia pelo síndico, que, aliás, recentemente, demonstrando seu notório pedantismo, havia determinado de maneira contundente a todos os serviços do bloco que o chamassem de doutor. Doutor Ambrósio. Quem o chamasse simplesmente de senhor Ambrósio era repreendido veementemente. Por orientação do Silvino, Francisco, o porteiro, com seu jeitinho sonso e matreiro, indagou ao síndico em qual profissão ele havia recebido o título de doutor.

- Sou formado em Direito pela UnB com curso de doutorado. Sou doutor advogado - respondeu o síndico circunspecto.

Dias depois, Francisco confidenciou ao Silvino o que descobrira sobre a mulher do síndico. Atraente, bem mais jovem do que o síndico sexagenário, sua mulher contava cerca de 30 anos e parecia que era useira e vezeira em "pular a cerca".

Silvino passou a exercer atividades detetivescas, juntamente com o auxílio de Francisco, e seguindo-a certo dia viu quando deixou o carro num estacionamento comercial e ali embarcou imediatamente em outro veículo que estava à sua espera. No volante do carro um garotão, que rapidamente rumou para a saída norte em direção à cidade satélite de Sobradinho e em lá chegando

dirigiram-se a um motel, onde permaneceram por volta de duas horas, tendo, ao depois, regressado pelo mesmo caminho, sendo que a moça pegou seu carro e, toda lépida e esbaforida, dirigiu-se novamente para a sua quadra residencial.

Tudo visto e registrado pelo Silvino, que os seguira sorrateiramente. Este síndico metido a doutor vai pagar caro por se meter comigo, pensava Silvino, que já arquitetara seu plano. Doravante, iria provocar sem trégua aquele presunçoso e afetado síndico, executando debaixo de sua janela uma música cuja letra insinuava, de modo jocoso, o que fazer com mulher namorada. E a partir de então, o síndico teve de tolerar, por semanas a fio, a música gravada pela dupla Tião Carreiro e Pardinho, tocada debaixo do bloco de modo estridente, nestes termos:

*Quem tem mulher que namora
Quem tem burro empacador
Quem tem a roça do mato
Me chama que jeito eu dou
Eu tiro a roça do mato
Sua lavoura melhora
E o burro empacador
Eu corto ele na espora
E a mulher namorada
Eu passo o coro e mando embora.*

Nem precisa dizer que o síndico ficou com a pulga atrás da orelha. Com que propósito aquele morador meio doido do primeiro andar tocava aquela música amiúde? Estava lhe mandando algum recado? Cismava o síndico, agora meio cabisbaixo, pois já notara que alguns moradores lhe dirigiam olhares cheios de cinismo.

E Silvino, não satisfeito pelo que já tinha feito e implacável na raiva hidrófoba que adquirira pelo síndico, foi verificar se ele se encontrava regularmente inscrito na OAB local.

Veja só, advogado o homem não é, exclamou Silvino ao constatar que não havia qualquer registro de inscrição na Ordem. Talvez fosse apenas um mero bacharel em Direito, mesmo assim duvidava. Certa vez ouvira do próprio síndico que ele havia feito seu curso na UnB (Universidade Federal de Brasília). Lembrou-se então de pedir ajuda ao Pará, alto funcionário da universidade, que tinha acesso

a diversos arquivos, inclusive históricos escolares de ex-alunos.

E foi com a valiosa ajuda do Pará que descobriu toda a verdade. Na época da ditadura, era comum os órgãos de segurança e repressão do governo militar infiltrarem espiões nas universidades para ajudar nas investigações comandadas pelo então SNI (Serviço Nacional de Informações). Secretamente, eram matriculados como alunos, estudavam regularmente em diversos cursos e nem sequer os professores sabiam. Tinha seus nomes incluídos na lista dos vestibulares como se aprovados fossem.

Era exatamente o caso do nosso síndico. Teve seu nome incluído na lista dos aprovados no vestibular realizado pela UnB em 1968. Só que era tão fraco que não logrou aprovação na maioria das matérias, e dois anos depois a universidade teve que jubilar aquele estudante que havia sido admitido no curso de Direito de paraquedas, como se dizia à época.

Diante de tal constatação, Silvino, cheio de regozijo, mas agora já sentindo remorso pelo que ainda pretendia fazer, conjurava. Já não era suficiente o que tinha feito? Merecia o síndico passar por mais um vexame junto aos moradores?

Pois bem, merecia sim! Era por demais consabido que o mesmo adotara a rotina, comodista e preguiçosa, tendo por si a força poderosa da inércia; ali campeavam soltos o preconceito, orgulhoso e pedantesco; a maledicência perversa, atrevida e covarde; a frivolidade pretensiosa e a má-fé pérfida e impudente. O assédio ao quixotesco síndico devia continuar para fincar barreiras às arbitrariedades até então perpetradas por ele.

Mandou escrever numa faixa de tecido branco com letras garrafais uma frase e, aproveitando que o síndico em um final de semana tinha viajado para Pirenópolis, cidade turística próxima do Distrito Federal, no dia seguinte, bem cedo, para não ser visto, com a ajuda de Francisco, prendeu a faixa na sacada principal do prédio em local bem visível.

A faixa permaneceu naquele local todo o final de semana para surpresa de alguns moradores e para gáudio de outros, que também detestavam o síndico. Este retornou à residência no domingo à tarde e a primeira coisa que percebeu foi a faixa, com os seguintes dizeres:

NESTE BLOCO MORA UM CORNO, MAS NÃO TEM NENHUM DOUTOR ADVOGADO!

Humilhado pelo que considerava mais uma assacadiha contra si, o síndico, naquele instante, resolveu que deveria mudar de residência. Necessitava se resguardar das injúrias e abjeções que lhe imputava aquele atrevido morador.

Dias após o acontecido, mais um sábado transcorria lentamente, a turma toda reunida na calçada do Mercadinho Amazonas, a tarde já morrendo, e, de repente, foguetes espocaram em frente ao Bloco I, despertando a curiosidade de todos. Até que alguém esclareceu: um caminhão de mudanças ia deixando a quadra lentamente com o mobiliário e demais utensílios do síndico. E os fogos de artifício eram por conta da comemoração promovida pelo Silvino e alguns moradores.

Diante do fato, um amigo de Silvino exclamou:

- Eta, mineirim bom de briga esse meu amigo Silvino! É do tipo que dá um boi pra não entrar numa briga, mas quando entra, dá uma boiada pra não sair. ■■■



A mulher

Antônio Dilson Pereira

Como se deve pensar a mulher?
Pergunta difícil de responder, não é?
Pode-se pensá-la de forma abstrata,
esquecendo-se algum atributo que a retrata.
Não é fácil, como esquecer suas formas, ancas e peitos?
Não tem jeito.
E sua sensibilidade, seus sentimentos, sua intuição?
Não é possível ignorar, isso vem do coração.
Volto à estaca zero.
Não é o que quero.
Impotente, reconheço, não tenho muita saída.
É melhor pensar a mulher como pensa o poeta,
para quem se trata de um ser perfeito.
Merecedor de todas as atenções, admiração e respeito.
Pensar nela de outro jeito é vê-la em seu composto,
obrigando a destacar suas partes, como seu rosto.
Imaginar a mulher em seu todo é identificar:
sentimentos, sensibilidade, compreensão, intuição,
talentos, pernas, peitos, braços, bunda e coração.
Alguns exaltam os sentimentos, a sensibilidade e a intuição,
estes atributos, sem dúvida, são-lhe inerentes, vêm do coração.
Outros veem a beleza física: rosto, colo, pernas, peitos e bunda,
esta parte, nesta perspectiva, às vezes, abunda.
É difícil falar de mulher quando ela nem sempre o é.
Tem-se avós, mães, irmãs e filhas, em quem só vemos
compreensão,
fruto da grandeza do amor e do coração.
Logo, mulheres não são.
Pernas, colo, peitos e bunda, nestes casos, não contam.
Outros são os atributos que despontam.
Sentimentos, sensibilidade, amor e intuição,
tudo é compreensão.
Têm-se, ainda, as sogras que não são assim constituídas,
são elas seres esquisitos, desses atributos desprovidas.
Daí porque se devem colocar avós, mães, irmãs e filhas
em outro patamar, em outra perspectiva.
As sogras, por suas esquisitices, é melhor esquecer.
Caso contrário, vai-se aborrecer.
Conclusão: bom mesmo é ver a mulher como um ser perfeito.
Concordar com o poeta, não tem outro jeito.



Gosto feminino

Robério César Camilo dos Santos

As mulheres, meu Deus!
Lindíssimas são as mulheres.
Não deve ser só maquiagem
e aqueles decotes que as deixam lindas.

Não devem ser só os cabelos, os adereços
que elas usam ao corpo que tanto as elevam
(brincos, plataformas, pulseiras, anéis...),
que tanto fascina e nos deixam loucos.

Há algo mais belo que a abissal moldura,
que o belo cruzar e descruzar das pernas.
Há um jeito inequívoco cheio de graça
e pirraça que desanda os olhos e anima o sexo
quando de um lado ao outro as nádegas balançam.

É um olhar que encanta, desestabiliza,
é uma boca ardente, são os olhos fáceis,
o jeito de pisar, a forma de ir e vir, e de ficar,
mesmo a maneira de andar, de tropeçar, e de cair;
elas primeiro se desequilibram; e se caem,
quando caem, não se levantam, se armam.

É uma bolsa ao ombro e um charme ao corpo que tudo
consta
de incompreensível, de comunicável, de inconfundível.
Uma plataforma ao pé, um mexer peculiar nos cabelos
que é charme, que é viço ou simplesmente desprezo.

Como são lindas as mulheres, sobretudo as moças,
as tímidas, as frágeis, as vaidosas, de tal forma as
senhoras
com um andar de madame e aquele olhar de menina,
sempre prontas para o amor; cansadas, se de coração
vazio,
passeiam acesas quando acalentadas, ou se a solidão
termina.

É uma calma quando falam, uma harmonia quando
andam,
que mesmo com pressa, não correm, desfilam,
que mesmo tão lentas, encantam e suavizam a vida.

E por sobre os olhos de quem as vê passar
fica a bela silhueta tão cheia de graça e desenvoltura,
(ou só o gosto feminino repleto de charme, encanto,
doçura)
que nos quebra a face de dureza e nos mostra um
pouco de ternura.

Cartão

Rodrigo Mello

Toma estas flores como arautos do meu amor.

Qual a ocasião?
Ora!

Porque hoje é hoje,
Porque amanhã é um plano
E nesse nosso mundo insano
Há pouco tempo para o agora.

Qual a ocasião?
Porque um homem sonha,
Uma mulher chora,
Alguém canta,
Alguém inspira o poeta,
Porque teus olhos são encanto
Ou um casal se beija,
E respira em conjunto a manhã mais certa.

E há dia para o espanto
E tempo para o esperanto.

Por que haveria de ser outra coisa?
Porque hoje é hoje,
Porque hoje só pode ser isso,
Passadiço entre ontem e o porvir
Como cortiço de almas e esperanças.

Mas muito mais principalmente,
Pelo fato mais veemente de todos:
Porque hoje não é mais ontem,
E amanhã não tarda a virar anteontem.

Nuvenzinha (My little cloud)

José Sotrati Junior

Bela nuvenzinha
De singela forma
Que se conforma
Toda branquinha
Sob o impulso
Sussurros do vento
Que em seu alento
Que eu tanto repulso
Vilão insensato
Num simples ato
Empurra-te, faceira,
Por brincadeira
No céu sem fim
Pra longe de mim.

A trucada

Antônio Dilson Pereira

Sérvulo, bom cidadão, como muitos da época, décadas de 60/70, levava vida normal. A normalidade de então incluía o aperitivo e o chopp com os amigos no final do expediente, no Cachorro Quente ou no Bar Triângulo, na rua XV de Novembro, centro de Curitiba. Ali se comia um bife com queijo delicioso. Era o *happy hour* de hoje, menos sofisticado. As esposas/companheiras não chiavam e nem apareciam nesses locais. Respeitavam os costumes.

Ao aperitivo, seguia-se quase sempre uma esticada no Bar Palácio ou, algo menos inocente, como um pulinho às Águas Belas, à Boneca do Iguaçu, em São José dos Pinhais, uma passadinha nas boates da cidade, mais recentemente, um pulinho no La Round ou no Roda D'água, ali em Santa Felicidade, onde se podia dançar um pouco. Nessas esticadas, dando sorte, pintava alguma conquista passageira, um namoro, uma aventurezinha, sem consequência mais grave. Afinal, o machismo predominava, eram poucas as mulheres que trabalhavam, eram mais compreensivas e não se conhecia o indúvidoso DNA.

Nosso personagem havia mantido curto romance com Débora. Terminaram sem maiores problemas ou traumas, tudo muito civilizado. Ficou a amizade. Nunca mais se encontraram, até que ele assumiu cargo de algum relevo. Notícia de jornal. Débora leu a notícia. Bateu uma ponta de saudade. Pegou a agenda e ligou para o antigo telefone do Sérvulo. Conseguiu, por intermédio de colegas dele, seu novo telefone. Ligou e o convidou a visitá-la. Havia se submetido a pequena cirurgia e convalescia. Convite aceito, prevaleceu a solidariedade do bondoso Sérvulo. De posse do novo endereço da moça, lá se foi nosso bom cidadão depois do expediente. Bem recebido, conversaram, recordaram os bons momentos que

passaram juntos e por aí ficou a visita. A jovem foi sincera, informou que vivia um novo romance. Seu atual amado havia lhe montado a casa. A convalescente se portou como tal, estava em repouso. O visitante despediu-se, ela agradeceu a visita e nada mais aconteceu.

Dias depois, um telefonema. Do outro lado da linha, voz masculina vai direto ao assunto: você é dono do automóvel placa tal? Resposta afirmativa, veio outra pergunta: você esteve na casa da Débora noutra noite? Novamente positiva a resposta. O homem do outro lado da linha continuou sem rodeios: olha aqui, eu montei a casa para me divertir, não para os outros. Sérvulo tentou explicar que nada havia acontecido. Foi interrompido, telefone desligado na cara, sem a menor consideração.

Passados alguns dias. Novo telefonema e um convite para um encontro. Convite aceito, lá se foi o Sérvulo. Ao chegar no local, próximo de sua casa, ficou preocupado mas foi em frente. Dentro do carro, a Débora e seu novo amado. Convidado, entrou no carro, naquela época nem se pensava em sequestro. O parceiro da jovem não fez rodeios e foi logo dando o recado: olha, meu amigo, sei que você saiu com a Débora dez vezes. Por vez que saiu com ela, você vai fazer uma doação de (deu um valor), para uma instituição de caridade que indicarei depois. (O valor total estaria hoje na casa dos R\$ 10.000,00, muito elevado para quem vivia de salário, mesmo que exercendo cargo gerencial.)

Proposta feita, sem direito a negociação, seguiu-se um alerta: sei onde você mora (deu o endereço), sei o nome de sua esposa e de seus filhos (citou um por um). Se a doação não for feita, contarei à sua esposa seu romance com a Débora. Muito bem casado, Sérvulo perturbou-se.

Ficou de dar resposta posteriormente. O chantagista de primeira viagem, orgulhoso de sua esperteza, entregou-lhe seu cartão de visitas.

Atordado, Sérvulo procurou um amigo. Nervoso, contou-lhe a história e lhe mostrou o cartão. Combinaram se encontrar no dia seguinte em seu gabinete, naquele tempo não existia bina. Por volta das 10h30, horário em que os homens, normalmente, estavam trabalhando, seu colega ligou para a casa do aprendiz de chantagista, sob a alegação de que o Natal se aproximava e desejava mandar alguns brindes, perguntou o nome da esposa e dos filhos do novo amor da Débora. Obtida a informação, agradeceu à prestimosa senhora e orientou o Sérvulo para que ligasse para o chantagista amador, mandasse-o à merda, e foi logo adiantando:

- Se houver resistência, informe que seu casamento já acabou, há muito você procura um jeito de cair fora e não encontra. Não quer magoar a família. Mas, se sua mulher tomar conhecimento do romance com a Débora, com certeza o expulsará de casa e aí você sairá sem remorsos. Como ficará muito grato pelo favor feito, agradeça e reforce o agradecimento, informando-o que, em reconhecimento, retribuirá a gentileza, comunicando à esposa dele seu romance com a moça, só que informando seu endereço atual e se colocando à disposição para levá-la até lá. Não esqueça, cite para ele o nome da esposa, dos filhos e o endereço dele.

Nosso personagem ficou na dúvida e seu colega insistiu: tem de trucar agora, se pagar uma vez, vai pagar de novo...

Não deu outra, o Sérvulo seguiu a orientação, fez a ligação, demonstrando segurança e firmeza, trucou. O outro não levantou para seis, correu e o jogo acabou. Nunca mais deu notícia... ■



Sorte Grande

Rogério Spanhe da Silva

Numa destas semanas o prêmio da Mega-Sena estava acumulado, e como de costume lá vieram aquelas reportagens com os apostadores, o que fariam se ganhassem, seus sonhos, etc.

Assistia eu a uma dessas originais e interessantes matérias, quando me lembrei de uma história que conheço desde criança, sendo que a primeira vez que ouvi foi de minha avó e outras tantas de minha mãe, que me levou a refletir sobre essa coisa que chamamos de sorte, estrela, sei lá.

O fato que lhes conto é real, vinculado a um dos mais tradicionais produtos da Caixa, a Loteria Federal.

Embora hoje o termo tenha caído um pouco em desuso, talvez pelo crescimento de espécies de loterias, há um tempo não muito remoto, era comum falar-se em "Sorte Grande", fulano pegou a "Sorte Grande", "trocando de casa e de carro, vai ver que pegou a Sorte Grande", etc.

Pegava a "Sorte Grande" aquele que comprasse, em qualquer extração, um bilhete inteiro e o respectivo número fosse contemplado no primeiro prêmio. Não raro o valor seria suficiente para bem encaminhar a vida do sortudo, principalmente quando o prêmio aumentava em datas ou eventos especiais como Natal, Carnaval, Grande Prêmio Brasil de Turfe, etc.

Pois bem, Rocco era um imigrante italiano, cruzou o grande oceano ainda menino, cerca de dezessete anos, trabalhou, voltou para a Europa, casou, retornou à América, teve filhos, desbravou bairros da cidade, viu a família crescer.

Quase a vida inteira Rocco trabalhou como comerciante, mais especificamente comerciava frutas, não tinha gosto pelas verduras ou legumes, os considerava grosseiros; as frutas sim, estas valiam o tratamento que lhes dispensava, retribuíam com seus perfumes variados, com sua riqueza de cores e matizes, alegravam tanto os olhos quanto satisfaziam a

volúpia do paladar, assim como a melodia das óperas que tanto apreciava. Tinha um senso estético naturalmente refinado, embora lhe faltasse cultura.

O tempo passou, o peso dos anos se fez sentir, a aposentadoria.

Para não permanecer totalmente parado, incomodado em ficar em casa sem ter o que fazer, e para aumentar os escassos recursos, por sugestão de patrícios que já se dedicavam ao ramo, Rocco começou a trabalhar com bilhetes de loteria, trabalho mais leve, mais tranquilo, sem as madrugadas para buscar ou receber mercadorias, tarefa já demasiadamente árdua para um homem na sua idade.

Possuidor de uma simpatia singular, não demorou a formar uma considerável freguesia, quase todos imigrantes como ele, italianos, portugueses, alemães, judeus, turcos, árabes. A todos tratava como amigos, recebendo em troca a mesma consideração.

Desde os tempos de sua chegada ao Novo Mundo, Rocco presenciou muitos dos iguais a ele terem a satisfação de pegar a "Sorte Grande". Ficava imaginando o que faria com tanto dinheiro, dinheiro que era tão suado para ganhar. Receber assim, de mão beijada, uma verdadeira fortuna, dar mais conforto para a família, talvez voltar uma vez mais a sua terra natal, ajudar os filhos, agora já com suas famílias.

Volta e meia dizia à mulher que gostaria de pegar a "Sorte Grande" mesmo que fosse para morrer logo após, apenas para sentir a satisfação que tal graça deveria proporcionar e para deixar como legado algo mais do que honradez e bons exemplos.



Num determinado sábado, quente, pois já era quase verão, Rocco, após a costumeira visita aos clientes, chegou para almoçar, chateado. Não havia encontrado três de seus melhores fregueses, prenúncio de prejuízo, três bilhetes inteiros, e eram de uma extração especial, mais caros.

Após a refeição deitou um pouco, o sono não veio, o prejuízo iminente não lhe saía da cabeça.

Resolveu fazer algo inédito, foi procurar os clientes durante a tarde.

Encontrou apenas um, determinado comerciante português, freguês regular, bom cliente.

Um dos números lhe agradava, mas não queria ficar com o bilhete, porque estava fazendo obras na loja, uma padaria, havia feito pagamentos pela manhã, estava sem dinheiro.

Na ânsia de reduzir o prejuízo iminente, Rocco pegou o bilhete, colocou no bolso da camisa do português dizendo que cliente especial tem crédito, que pagasse depois.

Naquele bolso Rocco colocou inteiro o bilhete que poucas horas depois seria sorteado com o primeiro prêmio, a tão sonhada "Sorte Grande". Estava em suas mãos e ele a vendeu fiado, como se uma força misteriosa estivesse a determinar que o outro e não ele fosse o escolhido.

Seria tudo apenas obra do acaso ou haverá, como acreditam alguns, uma conspiração invisível em tudo que fazemos ou que nos acontece?

Duvido que algum dia se chegue a uma resposta satisfatória.

Apenas para concluir, o comerciante português pagou o bilhete.

Ironicamente, como queria, Rocco não ficou integralmente no prejuízo. ■



A noiva

José Irajá de Almeida

Naquele tempo tudo era verde. Miríades de majestosos pinheiros perdiam-se na paisagem até onde a vista alcançava. Ao longe, a cantilena compassada de impiedosos machados se fazia ouvir, anunciando que o progresso chegava aos Campos Gerais.

As tropas que vinham do Rio Grande do Sul, levando gado para São Paulo, passavam pela velha estrada do Maracanã. Tropeiros cansados encontravam pouso e abrigo nas proximidades da Capela de Santa Bárbara do Pitangui. Ali rezavam pedindo a Deus proteção contra os perigos da viagem e para que os animais não se extraviassem.

Fazendeiros reclamavam, não queriam gado alheio em suas terras, os animais acabavam com as cercas, sujavam a água.

Surgiu então uma nova estrada, logo batizada de Rua das Tropas. Um pequeno povoado começou a se formar ao longo da estrada, muitos pousos e currais para o gado foram instalados.

Numa colina, local sem interesse para os grandes fazendeiros, foi erguida uma nova capela, a de Santa Bárbara ficara distante.

Ao redor da nova capela o povoado prosperava, nobres erguiam belas moradas, comerciantes abasteciam de víveres os tropeiros, peões e escravos alforriados ofereciam-se para a condução do gado. Desse vilarejo nasceria uma cidade, que mais tarde receberia o nome de Ponta Grossa.

Foi esse pequeno vilarejo que serviu de palco para um sombrio e aterrorizante caso de paixão e loucura. Os antigos contam de boca em boca, juram que é a mais pura verdade, mas a história oficial nada registrou.

Coronel Albertino era um rico fazendeiro, de origem portuguesa, pioneiro

na região, casado com a formosa Mariana, com quem teve cinco filhos homens e uma menina, a caçula, que se chamava Eleonora.

Eleonora, menina mimada do pai, sapeca, fazia travessuras e colocava a culpa nos irmãos. Para a mãe não marroteava, a lembrança de doloridas palmadas punha fim aos folguedos.

Eleonora crescia viçosa, bonita de fazer inveja, puxara à mãe. Chamava a atenção quando ia às quermesses na Casa de Telhas, sempre enganchada ao braço do orgulhoso pai, o Coronel Albertino.

Todos os vilarejos daqueles tempos tinham um louco, o louco oficial. A vilinha tinha um, era o Damião.

O "Loco Damião" não incomodava, vivia da bondade das velhas senhoras do lugar, que davam comida, café e alguns trocados. Às vezes ele cantava de noite, mas não metia medo em ninguém.

Damião parava na frente da casa do Coronel Albertino, sabia que ali não ganharia nem um tostão, só queria ver Eleonora na janela. Esperava.

Eleonora ia à janela só para zombar de Damião, fazia careta, mostrava a língua, jogava limão. Damião sorria um sorriso de cinco dentes.

- Ô menina linda, vem cá! - murmurava Damião, apaixonado. A menina ria ainda mais do infeliz.

Não tardou e Eleonora, tal qual uma rosa, desabrochou, transformando-se na mais bela moça do vilarejo. Era hora de casar.

Há muito que a moça estava prometida para o filho do seu José Morais da Rocha, comerciante, também pioneiro, dono do maior armazém da região. Domingos da Rocha, o filho, era moço de muita cultura, estudara no Rio de Janeiro, conhecia Paris.

Domingos logo se rendeu aos encantos da moçoila e seu amor era correspondido plenamente. Os dois se encontravam à tardinha,

conversavam na varanda sob o olhar atento da mãe.

Damião passava em frente da casa, espreitava aquele casal na varanda, seguia cabisbaixo.

O casamento foi logo marcado, seria uma festa como nunca antes se tinha visto naquele lugar.

Gente entrando e saindo apressada da casa do Coronel, eram os preparativos para a festança. Damião, sem entender, tudo observava, parado em frente ao sobrado.

- Sai daí, ô besta! Ela vai casar e vai embora daqui! - gritou um piá, caçoando de Damião.

Num lampejo de lucidez ele entendeu o que tudo aquilo significava, então o coração do louco gelou. Não podia aceitar que nunca mais veria seu platônico amor, o único motivo que tinha para continuar vivendo.

Era madrugada de sexta-feira. Chovia. O casamento seria no sábado. Damião, encharcado, olhava a casa escura. Tomara uma decisão, teria Eleonora para si, não deixaria seu grande amor partir.

Entrou na casa, não era costume se trancar a porta, chegou ao quarto de Eleonora. A mão segurando o terço. A luz dos relâmpagos, através de uma fresta na janela, iluminava o rosto angelical da moça. Damião contemplava extasiado.

Um golpe certo no meio do peito. Trovejou. Silêncio. Eleonora estava morta.

Damião queria a moça e a levaria. No auge da loucura, decepcionou a cabeça daquele corpo sem vida. A chuva não cedia. Saiu carregando seu horrendo troféu. Rastros de sangue pela casa.

Amanheceu. Tragédia feita. Mariana entrou em desespero, desmaiava, queria morrer. O Coronel chorava de raiva, reuniu os capangas para encontrar o assassino.

Damião fora visto ensanguentado. Foi Damião. Prenderam Damião. Espancaram para que contasse onde escondera a cabeça. Nenhuma palavra.

Morreu de tanto apanhar, mas a cabeça de Eleonora jamais foi encontrada.

Era noiva, seria enterrada com o vestido do casamento.

Ninguém viu a noiva sem cabeça, só o padre e as três rezadeiras que a vestiram enquanto diziam ladainhas. Lacraram o caixão.

Mariana definhou, morreu logo. O Coronel viveu um pouco mais, perdeu a fortuna e o gosto pela vida, dizia que estava pagando os pecados que cometera. Domingos foi embora, nunca mais se soube dele.

Hoje o cemitério onde Eleonora foi enterrada não mais existe, fizeram uma escola em cima, o Colégio Senador Correia.

Dizem que nas noites de sexta-feira, sempre que chove, o espírito de Eleonora pode ser visto vagando nas redondezas da Catedral de Sant'Ana. Dizem que só terá paz no dia em que alguém encontrar a cabeça e enterrá-la junto ao corpo.

Acredite, essa história é verdadeira. Se alguém, ao passar em Ponta Grossa, na Vilela ou na Vila Estrela, vir na varanda de uma casa um velho rodeado de crianças de olhos arregalados, que preste atenção, pode ser que ele esteja contando a história da noiva sem cabeça. ■





Pensamento - força motriz da humanidade

Francisco das Chagas Nunes

Na trajetória da humanidade a espécie humana, o *homo sapiens*, apesar de dotado da força que move e impulsiona todos os seus atos, no caso específico o pensamento, tem paulatinamente desaprendido a pensar.

O que difere essencialmente o homem dos animais é precisamente essa faculdade inata, mas principalmente desenvolvida pela espécie humana, que é o ato de pensar ao longo de sua existência.

O francês Descartes revolucionou a filosofia do seu tempo, sintetizando-a no famoso adágio que ficou gravado na história e na mente dos pensadores do mundo todo: "Penso, logo existo". Vinculou o filósofo a razão da existência humana ao ato de pensar.

Entretanto, na história da espécie o homem tem renunciado, até por um processo natural de acomodação, a aprender a exercitar o pensamento criativo, preferindo ao invés adotar fórmulas preexistentes, modelos acabados, obras prontas, seja pela preguiça mental que é natural ao ser humano, seja pela adesão ao caminho de fazer sempre as coisas mais fáceis.

O fato concreto é que essa espécie que se supõe pensante, o homem *lato sensu*, nessa referência implicitamente incluída a mulher, tem abdicado ao longo de sua existência à nobre arte de pensar, refletir, tirar as conclusões e, coroando o processo de reflexão, extrair lições para si e para o resto da humanidade.

Nas ilações do Padre Vieira, não o festejado Vieira português dos "Sermões", mas o nosso Vieira tupiniquim, o cearense Padre Antônio Vieira, não tão ilustre quanto o seu famoso homônimo e antecessor, porém não menos inteligente e inventivo, a arte de pensar é um modelo gradualmente desprezado pela humanidade que não raro reprime quem pensa; nessa linha tortuosa de conduta, às vezes por pura preguiça, em algumas ocasiões por velhacaria, prefere o ser humano apoderar-se dos pensamentos de outrem e arditamente apresentá-los como seus às vezes sem qualquer disfarce.

Ou então usar a lógica alheia para encobrir ou justificar a deficiência de seu julgamento, ou sua própria falta de lógica.

Para muitos, o homem que pensa é um maluco, um inadaptado, um revoltado, em suma um fracassado porque não consegue alimentar-se das fórmulas em vigor, dos modelos prontos e acabados, preferindo buscar ele próprio nas fantasias das suas lucubrações mentais conceber e realizar um trabalho intelectual, cujo resultado consista em uma obra original sem qualquer similaridade com as existentes no mundo físico.

Isso é tarefa, dizem, destinada aos iluminados, às mentes superiores, aos superdotados, como justificativa daqueles acomodados e de mente enferrujada pela preguiça e pelo tempo, para os quais é melhor adotar o caminho mais fácil de copiar o que já existe, do que quebrar a cabeça ou dar tratos à bola para tentar fabricar algo novo e original.

Nessa ótica, o ato de pensar e, em consequência, a criação de novas ideias passou a ser tipificado, em várias etapas da história da humanidade, como grave delito, por contrariar os padrões estabelecidos.

O religioso, físico e matemático italiano Galileu Galilei, já em idade provecta, experimentou e conviveu com as atribulações desencadeadas pelas perseguições promovidas pela Inquisição da Igreja Católica porque ousou, a partir de seus estudos e pesquisas, defender a teoria heliocêntrica em substituição à teoria geocêntrica estruturada por Aristóteles e Ptolomeu, posteriormente contestada por Copérnico e adotada por Galileu, segundo a qual não era a Terra o centro do universo e os demais corpos celestes também não orbitavam ao redor do globo terrestre, porém ao sol cabe esse papel, no que se convencionou denominar de teoria heliocêntrica.

Pois Galileu sofreu as perseguições e condenação da Igreja Católica, sendo obrigado a, de público, abjurar suas crenças, não obstante as suas convicções mais íntimas.

O ato de pensar foi criminalizado e reprimido ao longo da história da humanidade por seu caráter inovador, sendo geralmente atribuído ao pensador, na esfera repressiva, os mais diversos epítetos, tais como: blasfemadores, apóstatas, ateus, infiéis, traidores, contestadores e, mais recentemente, anarquistas, socialistas e comunistas.

O ato de pensar tem sido questionado desde os primórdios, e os gregos, apontados entre os mais antigos mestres dessa arte milenar, adotaram a desprezível tática de rotular de idiotas aqueles que tinham ideias próprias e originais, no dizer de Padre Antônio Vieira.

Para os acomodados, que é a maioria, o lógico e racional, como asseverado por Vieira em seu compêndio "Penso, Logo Desisto!", é "o aluno raciocinar com a lógica do mestre, o escravo pensar com a cabeça do patrão" e o civil pensar da mesma forma que o militar.

A propósito do último, constitui este uma categoria de pessoas cuja rigidez do regulamento mais impede o homem de pensar.

O militar é um homem que dorme, acorda, se alimenta e exerce o seu mister sempre pautado em estrito regulamento de caserna, constituindo grave infração dos seus deveres pelo menos ousar pensar que aquilo que faz não é inteiramente correto, e crime de lesa pátria manifestar-se contra os regramentos militares ou as ordens emanadas dos escalões dirigentes.

Em nome dessa cega obediência, muitos erros e infrações aos direitos dos cidadãos foram ou estão sendo cometidos no mundo, inclusive no Brasil, como cotidianamente divulgado pela imprensa, e há muitas censuras ao período dos cognominados "anos de chumbo", nos quais o país foi governado pela elite militar que foi acusada de ordenar atos de repressão política, naquela época, sem a observância das regras de respeito aos direitos dos acusados por atos de subversão da ordem interna.

Nos tempos recentes presenciamos e continuamos testemunhando os desmandos e massacres perpetrados pela potência mundial, os Estados Unidos da América do Norte, em países pobres e subdesenvolvidos do continente asiático (Iraque e Afeganistão) contra populações de civis indefesos, inclusive crianças que são as mais afetadas, em nome de um pretenso combate ao terrorismo internacional e à destituição de governos acusados de possuir armas de destruição em massa, a partir de provas forjadas como aconteceu no caso do Iraque e, agora mesmo, essa ofensiva desencadeada internacionalmente ao Irã e à Coreia do Norte, ao suposto de que aquelas nações aspiram implantar um programa



nuclear que lhes dê suporte à produção de armas atômicas.

No caso da Coreia, até com alguma razão, porque a ditadura instalada no poder tem seguidamente manifestado ambições de produzir artefatos nucleares. No Irã, apenas suspeitas.

O caminho que parece mais adequado, em tais casos e outros similares, é a via diplomática para encontrar a melhor maneira de solucionar questões e conflitos nacionais e internacionais, a fim de que não aconteça o mesmo que aconteceu ao Iraque, quando foram forjadas provas pelo governo americano de George Bush, as quais posteriormente foi constatado serem falsas, a fim de justificar uma guerra de destruição em massa contra um povo sofrido e secularmente oprimido por ditaduras feudais e semifeudais, atitude insana de um país contra o outro, o que somente gera ressentimentos e faz proliferar o apoio a grupos comprometidos com o terror, sem qualquer freio ético ou limite.

No caso específico, há insinuações de que a invasão ao Iraque, justificada pelos americanos como uma medida para implantar um estado democrático de direito no país e afastar um governo ditatorial que financiava e apoiava grupos terroristas mundiais, não teve outro objetivo senão o econômico de apoderar-se do controle das enormes reservas de petróleo daquela nação, o que, em se confirmando, demonstraria uma faceta perversa e selvagem do capitalismo internacional e, em particular, do americano, com o seu poderio econômico e militar.

Não é o propósito deste escrito fazer a apologia à balbúrdia, à desordem, à insegurança e ao desprezo às regras legais estabelecidas e condutas sociais, seja no âmbito territorial de uma nação ou internacional.

No entanto, é preciso estar atento e de mente aberta para contemporizar e entender as particularidades culturais de cada povo e respeitar os seus princípios éticos, valores e o seu modo de vida; auxiliar se possível as mudanças, ajudar a promover as inovações úteis, a ciência, estimular a criatividade e os formuladores de novas ideias, valorizar, enfim, o processo criativo do homem, com vistas ao desenvolvimento material e espiritual de cada povo, a partir da perspectiva de que para a frente é que se anda, sem apego aos postulados pregressos ou com os olhos permanentemente pousados no retrovisor.

Sintetizando, é preciso pensar. Pensar de forma positiva e esforçar-se para afastar da mente os pensamentos negativistas e o mais que lhe diga respeito, porque isto não constrói, não é bom para o homem, nem individualmente como pessoa nem como coletividade.

E não somente pensar, porém buscar colocar em prática o lógico e racional, a fim de que não prevaleça a razão e a lógica dos egoístas, dos vaidosos, dos espertos, dos ladinos, enfim, dos inescrupulosos e desonestos de qualquer quilate. ■

Homem, um eterno insatisfeito

Afonso Batista da Silva

Sócrates já filosofava - "o ser humano é um constante insatisfeito". No filme "O Todo Poderoso", com Jim Carrey, de 2003, é bem nítido isso; quando se realizam todos os desejos do homem, o mundo vira um caos. Os homens não sabem o que querem!

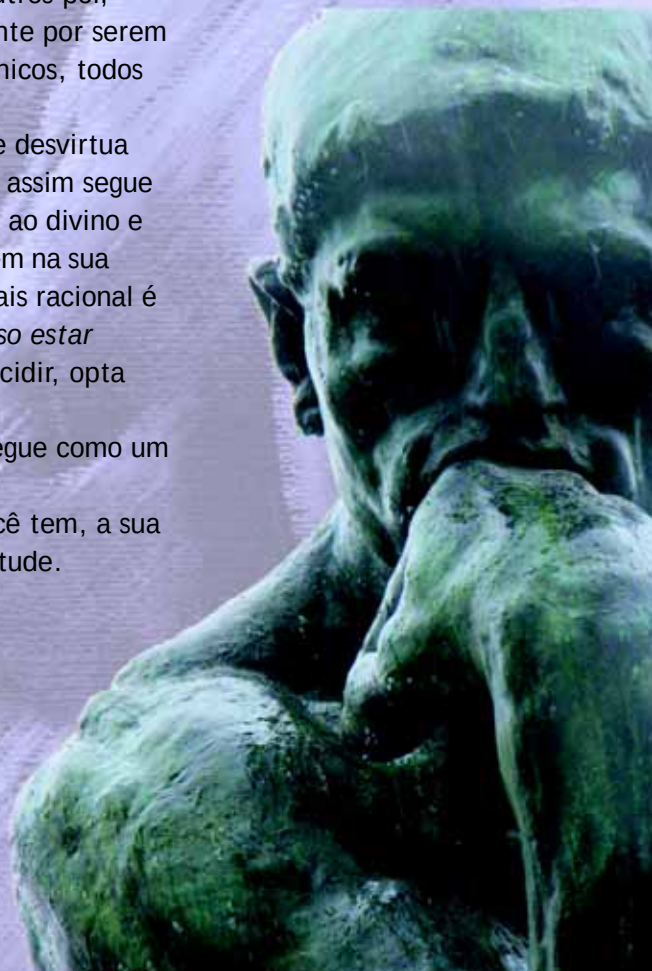
O homem, apesar de toda a sua inteligência, é como um boi numa boiada. Segue a multidão. Não consegue ter vontade própria, salvo raras exceções. É um ser único. Mas se diferente for, se sente um ET. É rotulado como um ser diferente. E mesmo sendo único em todos os requisitos, não aceita, quer ser igual. Mas como ser igual se o que qualifica é a singularidade?

Assim, surgem teorias capitalistas que o "rotulam" como uma simples mercadoria, com frases de efeito, "ninguém é insubstituível". Entretanto, todos são únicos e todos querem ser, mas sempre seguem os outros por, exatamente, não saberem o que querem da vida. Mas exatamente por serem únicos que o mercado o qualifica como comum. Se todos são únicos, todos são comuns, todos são iguais.

E mais, o ser humano é imediatista, salvo raras exceções, se desvirtua por que pensa no agora, pensa no hoje, não vislumbra o todo e assim segue rumo a maioria, como um ser impensante. É um ser semelhante ao divino e age como um animal irracional. É tão racional que não confia nem na sua racionalidade e segue a multidão achando exatamente que o mais racional é seguir outros de sua espécie. Age como um animal. Pensa - *posso estar errado, mas vários vão comigo!* E mesmo sabendo que pode decidir, opta por deixar que os outros decidam por ele.

Por preguiça de pensar ou por insegurança, o ser humano segue como um animal irracional. Seguindo a boiada.

Não tenha preguiça de pensar! Use o que de mais divino você tem, a sua racionalidade. Use o livre arbítrio a seu favor. Pense. Reflita. Estude. Filosofe. Inspire. ■



Impermanência

Leopoldo Viana Batista Júnior

Ao passar defronte àquela caiçara, já um tanto desgastada pela lambida das espumas salgadas das marolas, e ciente de que nela arranchava-se um velho e sábio índio, a curiosidade me obrigou a afinar a vista na direção do seu vão maior.

Pupila dilatada e adaptada ao ambiente, vi, ao fundo, em corta-luz, entre uma grande boia de vidro e antiga tralha, um vulto sentado ao chão de areia, recostado, displicentemente, em uma das linhas laterais da pequena palhoça, cosendo, sobre o colo, desbotada rede malhadeira, indicativo de que aquele abancado era o velho e quase extinto jangadeiro que eu procurava.

Cumprimentando-o com um simples olá e pedindo licença para continuar adentrando, percebi que o já bem enrugado marinheiro aguardava apenas que seu corpo magro - como uma jangada muito usada e com cordas e paus apodrecidos, segundo ele próprio afirmaria posteriormente - se desmanchasse, pausadamente, nas ondas mansas dos mares nordestinos, rangendo como despedida, nada mais.

Tentei iniciar conversa dizendo-lhe, meio desinteressadamente, que costumava escrevinhar sobre aquilo que me vinha à telha, e, no meu caminhar por sobre as finas areias brancas daquela praia em direção à sua caiçara, ficara a pensar sobre a vida, de modo que, sabendo da sua imensa sabedoria, acreditava, certamente, obter um mote para o escrito. Não lhe dei tempo de responder e já emendei minha fala perguntando-lhe se era verdade que os jangadeiros viam o mundo absolutamente firme e equilibrado, mas que isso se dava apenas quando aportados.

Olhando-me com leve ar de riso - o que indicava bom sinal -, afirmou que lhe parecia estranho alguém falar sobre equilíbrio quando nunca enfrentara uma vaga. Ou dizer sobre firmeza, com terra sob os pés. Assim, o atrevimento do escrever - disse com ênfase - "o que vier na espia", como que há pouco ouvira, algumas vezes permitia atizar o pensamento; outras, não passava de puro enchimento de cabeça de camarão.

Nesse momento, já bastante desconfiado das minhas próprias falas e do "alto" da minha ignorância, aventurei instigá-lo sobre histórias de pescador, ouvindo do enferrujado homem do mar que todas as histórias de pescadores já haviam sido ditas por tantos outros, ao longo de mais de cinco mil anos. Mas, olhando-me fixamente, perguntou se eu, assim como ele, também sentia que seu pensamento doía por testemunhar seu corpo velho em pique derradeiro.

Opa! Estava melhorando a conversa! Exceto a comparação da idade, que me preocupou. Já havia eu, claro, ouvido alguém afirmar que sentia dores físicas, por ver seu corpo envelhecer, o que me parecia natural, todavia, mostrava-se a primeira vez que alguém afirmava que o seu pensamento doía ao ver seu corpo envelhecer, invertendo a ordem das coisas.

Pensamento que dói?

Desconsertado, mas com cérebro abrasado naquele instante, ouviria, em sequência, falas ainda mais interessantes. Disse-lhe que algo assim não havia me acontecido até então, mas gostaria de entender o que com ele ocorrera.

Pois bem, parecia que o fato havia disparado o gatilho da conversa, ou melhor, daquilo que eu achava que era. Continuou o velho marujo a dizer, também, que, um dia desses, estava ele

absorto, enquanto remendava a maltratada caçoeira, e teve, como há muito desconfiava, quando navegava nos seus pensamentos, a nítida certeza de inexistir.

- Você quer experimentar? - olhou para mim, displicentemente, perguntando-me.
- Ou melhor, quer se certificar de que você não existe? - continuou.

"Eita gota"! A partir desse ponto, eu já estava muito curioso, interessado e quase assustado. Tudo que eu aprendera até aquele momento fora que - porque pensava e possuía discernimento - existia, diferentemente dos que existiam sem consciência do pensar.

- Feche os olhos por alguns segundos - continuou fitando-me -, é necessário que se concentre. Saiba, desde logo, que apenas aqueles que possuem o privilégio, ou tiverem a chance da certeza da sua impermanência, conseguirão entender o que sentirão agora.

- Veja. Mantenha os olhos fechados. Abstraia-se. Olhe para dentro de você: você não é nada!

- É que a força da sensação do nada é tão grande e absoluta que somente aquele que tem o dom, repito, de senti-la, saberia do que falo. D'outra forma, não teria como compreender. Mesmo assim vou dizer, quem sabe você entenderá?

- O nada é muito real. Sinta: nada - prosseguia.

E continuou, pacientemente, afirmando-me que a impermanência é como uma consciência estupenda da sua própria inexistência.

- A impermanência é a inversão dos sentidos, é a ausência de tempo em marcação, é a marca da solidão eterna, é a certeza de que nada há, paradoxalmente. E a consciência da impermanência é a real crença no nada, porque nada se faz com o nada, senão a sensação profunda de continuar a nada ser.

- A impermanência, meu caro - afirmava, ainda, o índio -, é o ocaso do ser, o rejuvenescer do idiota, o banzo do estrangeiro em sua própria terra. E impermanecer, tendo consciência disso, é um estado de espírito maior e mais tranquilo que o complexo do querer, do sofrer, do estar, do realizar. É simplesmente deixar que o nada absoluto prossiga, que é, aliás, para onde, e somente aonde, se irá, se se for.

- Eis que nascer, viver, sonhar, morrer são fases do inexistir, pois que tudo se vai sem registro de e para si, somente alguns retardam, sem saber, suas impermanências para que delas conheçam, ou melhor, percebam sua inexistência, e, momentaneamente, permaneçam sem consciência.

Abri os olhos. Acho que o fiz imediatamente após ouvir aquela última frase, mas a questão do tempo já era relativa, daí minha incerteza se assim ocorrera. O fato é que não mais vi o velho índio jangadeiro que há pouco me falava recostado na palhada. O mote do escrito, que procurava inicialmente, já tomara dele emprestado. Sem despedidas, uma pena, pois gostaria de dizer-lhe o que percebi da experiência.

Entretanto ouvi, parecendo muito longínquo, o som, e mesmo assim entrecortado com o farfalhar dos coqueiros vizinhos, do estribilho de uma canção que assim dizia: *Ô Marinheiro... Marinheiro só... Quem te ensinou a nadar? Foi o tombo do navio, ou foi o balanço do mar?* ■

Cristal na noite

José Sotrati Junior

Morreu.

O peso dos anos fechou-lhe os olhos.

Olhos de azul-cristal.

Cegas testemunhas de muitas vidas.

Olhar de cristalino saber.

Calou-se.

O peso das histórias desabou em silêncio surdo.

Brincava seus brincos de metal.

Surdas testemunhas de mil amores recorrentes.

Calou-se o azul-cristal.

Morreram, sua voz, seu falar.

Fada solitária em seu céu particular.

Sofre, calada, o peso das horas.

Pesa-lhe a dor do saber.

Cegas procuras em noite de luar marmóreo.

A noite pesa sobre seus ombros.

Atlas do amor, que se perde em luz.

Noites de saber.

Fada solitária.

Fez a magia de fazer-me ver.

Ressuscitou-me de minhas mágoas.

Fez-me querer, ouvir, falar.

Fez-me viver.

Doou-se a mim inteiramente.

Foi minha mestra no sofrer sorrindo.

Hoje a noite não fala.

As estrelas se escondem para chorar lágrimas de luz.

A Lua se encolhe, minguante, minguada.

A noite se cala.

O cristal do céu se une ao azul do mar num último adeus.
Morreu.

Desconstruindo-se

José Sotrati Junior

Meus pés vão sumindo,
Não os posso sentir mais.
Estão me desconstruindo,
Para que possa haver paz.

Meus sapatos lustrosos,
As barras do meu vestir,
Evaporam-se, gasosos,
Passo a deixar de existir.

Meus joelhos não se dobram,
Minha oração é sem voz.
Os pecados, que me cobram,
Tornam minha angústia atroz.

A cintura é uma lembrança,
Meu abdômen se contrai,
O meu fim lépido avança,
Sei que a vida se esvai.

O meu peito, já robusto,
Ora não é mais que só pó.
Sem medo, rancor ou susto,
Parto sem gerar dó.

Meus pensamentos se calam,
Nada mais resta de mim.
Os braços da morte me embalam,
No meu triste e lento fim.

A duração

Jairdes Carvalho Garcia

O objeto abjeto
Desprende o que apreende
E a imagem interage
No signo que a designa.

Como dizer o visto,
Se o visto já não é o tátil?!
Como representar o presente
Se a duração não dura?!

A palavra carece de certeza.
A imagem carece de verdade.
O real é o inventado.

Perspectiva

Rodrigo Mello

Duas horas da manhã na cidade de Florianópolis. A madrugada indócil de inverno desce sobre tudo a manta gelada do orvalho preciso. Nos recônditos mais expostos da Avenida Beira Mar Norte só mesmo a respiração profunda e descompassada dos casais namorando acalora a noite. Os recônditos são carros, carros e mais carros de vidros embaçados que só escondem os rostos, mas revelam as intenções explícitas.

Num bom e velho Gol motor batedeira, do início da década de 80, Inácio e Samira namoram impacientemente. O carro é mais velho que os namorados e, ainda, tem mais experiências em namoros madrugadores que eles.

De toda maneira, os olhos de Samira, verdes e límpidos, fecham-se mais do que abrem e os lábios e a língua são a visão do corpo inteiro quando ela procura Inácio. Ele, por sua vez, abre mais os olhos castanhos de modo a mover melhor o corpo robusto e a cabeleira negra aos ombros com gentileza, evitando movimentos estabados e perigosos à sua amada.

A descrição perfeita da dança na graça da menina magrela de cabelos claros e rosto alvo e do rapaz lento e ávido seriam as próprias janelas esfumaçadas e cada vez mais assim. Samira sabe exatamente fazer aquilo que nunca fez. Conhece-o há algumas semanas somente e, sendo moça de família religiosa, sabe-se pecadora irremediável e assaz.

Há horas estão ali e os beijos e afagos vão transformando-se de criancice em carícia e de afagos em toques de mulher em homem e vice-versa. Quando por fim Inácio arremete suas mãos para livrar a blusa de Samira da prisão de sua calça, ela cessa a dança inteira reprimindo com um olhar indeciso o abuso do namorado precipitado. Corre os olhos imediatistas pela paisagem: só janelas e janelas que não dão vistas para nada e nem ninguém. Diz ela "Não, Inácio, isso não" com a fé de um Judas vendido. "Tudo bem", diz ele.

Dá-se meia hora e ela o puxa e desgarra a própria blusa da prisão do resguardo e guia-lhe a mão quente, mundo proibido adentro. Num instante, Inácio toca os seios arredios e despreparados de Samira com as mãos desejosas, trêmulas e confusas.

Pausa do momento: sobrevém o parar do tempo corrente, dessas paradas apenas conhecidas em ocasiões como esta: ocasiões de primeiras vezes.

Samira e Inácio mudaram o mundo para sempre. Foi a consumação dele e a perdição dela como moça religiosa. Foi a redenção dele e a rendição dela no mundo opressor dos homens. Foi a presença dele e a sublimação ao inverso dela como mulher. Foi o toque dele e o arrepiar dela no mundo só dos dois.

Paixão adolescente

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Em um fim de tarde, uma linda borboletinha dourada cruzou seu caminho. E ele a foi seguindo até onde pôde; depois mergulhou numa profunda sensação de perda, numa solidão melancólica, imaginando a possibilidade de nunca mais encontrá-la.

Era linda, marcante, inesquecível. Como nunca ele houvera visto ou imaginara conhecer. Uma cor dourada que nela, na harmonia e beleza de seus movimentos graciosos e delicados, ficava ainda mais bonita.

Por sorte, no outro dia a reencontrou e entre eles foi se criando uma confiança, uma amizade, uma cumplicidade que o deixava orgulhoso de fazer parte daquele universo mágico.

A tarde parecia pequena, o tempo era pouco, a vontade era grande de fazer parar o relógio para ficarem ali, os dois, talvez não eternamente - ele se contentaria em ficar só até quando conviesse a ela, pois obviamente devia ter seus afazeres.

Ela era a imagem da sensibilidade. Aquele local já não era o mesmo quando não estava lá; tornava-se obscuro, perdia a luz, além do brilho incomum que fazia parte do corpo daquela borboletinha. Para a sua amiguinha ele levava chocolate, bombom, e tudo o mais fazia pensando na felicidade da bela coleguinha.

Não media esforços, não economizava. Na hora de comprar imaginava a maneira agradecida de ficar "sem jeito" da amiga tão linda. Então ele comprava; e corria feliz e ansioso, contando as horas para a sua chegada. Podia parecer, mas não era uma loucura tão louca assim.

À noite, às vezes alta madrugada, pensava: onde estará a minha amiguinha? Por que bandas, com quem, e sentia ciúmes, uma vontade de estar com ela, e sonhava. No sonho a gente pode ultrapassar os limites do impossível e construir a

realidade nos moldes dos nossos desejos e vontades!

No dia em que ela não aparecia, ele ficava triste, pensativo, amargurado, uma vontade de sair correndo atrás dela e só parar quando a encontrasse. Por que a vida é assim, cheia de compromissos e de horas marcadas? Por que não lhe dá a liberdade de estar na hora em que quiser com a sua borboletinha dourada?

Ele escrevia bilhetinhos que faziam seus olhinhos brilhar e sorrir agradecidos, o que o fazia escrever mais e mais. Falava de amizade, de carinho, de amor, de paz, de beleza. E ela lhe dizia:

- Eu ainda vou retribuir a tua amizade. Ainda vais encontrar uma mulher que te ame e que te mereça!

Ele replicava:

- Não precisas te preocupar; tua presença já é o bastante. A minha vida se tornou mais doce e mais sublime a partir do dia em que descobri o que é conviver contigo.

Decerto que queria fosse ela a mulher que o amasse, pois a desejava muito, tinha louca paixão por ela. No entanto, alguns sonhos não se tornam realidade. Realidade que, na maioria das vezes, não concretiza nossos sonhos ou, às vezes, nos enche de pesadelos...



The background of the page is a vibrant yellow. It features several monarch butterflies with orange wings and black markings. A large, black, stylized vine with loops and leaves winds across the right side of the page. There are also some faint, white, leaf-like shapes scattered in the background.

Entretanto, um dia ela se foi e nunca mais voltou. Contudo, restou não um vazio, e sim uma grande saudade de um tempo que não pôde parar, de uma vontade que ficou no meio do caminho, de um sonho que não se realizou, um desejo que apesar de tudo ficou como uma linda página de amor, como poucos antes contados.

Que pena ele não ter podido ficar com ela, aquela borboleta dourada, mas que na verdade era uma linda garotinha loura - que adorava fotografar borboletas e admirar suas diversas cores - deslumbrante, que o deixava cheio de amor, de paixão e desejo de ficar para sempre com ela e se tornarem felizes para sempre, como nos mais lindos contos de fadas...

Porém, a vida tem que continuar, e outra há de aparecer em seu caminho. Mas provavelmente nenhuma mais igual àquela, que para ele era a melhor, a escolhida, mas que se perdeu na distância, no tempo, nos desencontros e na sua timidez que não o permitiu declarar a ela o seu verdadeiro sentimento.

Apesar de tudo, foi marcante, profunda, como todas as paixões loucas e desmedidas que temos, e permanecerá para sempre no mais profundo dos sentimentos, pueril, belo e intenso, tal qual um lindo amor adolescente. ■



Cinco da manhã

Rodrigo Mello

O cenário era simples: uma boate turva, dois drinques por terminar, três meninas numa roda, quatro adolescentes falando besteiras, cinco horas da manhã. O rodopiar das luzes não poderia ser mais indiferente, elas rodando como se tivessem que cumprir expediente e mal pudessem esperar todos partirem logo.

Na roda, Carlos era um dos quatro rapazes disparando asneiras. Ele paquerara durante toda a noite a mesmíssima menina, até dançaram uma música, e ela, como mulher bela que era, simplesmente o ignorara em suas investidas mais ousadas, dentro da normalidade esperada das coisas. Sim, porque se houvesse uma mulher com a qual teria chances nulas na boate, inequivocamente seria por ela que ele se interessaria. Por outro lado, se a sina fosse esta, nunca haveria nada a perder, visto que, partindo da chance zero, de sentir-se menor, bem, diabos, às cinco da manhã, a boate vazia era praticamente o habitat ideal para alguém em desespero de causa.

Porém, entre o fracasso mais absoluto e a segurança estática de não ir, cria-se o maior temor de todos: o de jamais saber.

Carlos esticou o drinque meio vazio e tomou marcha à frente, do jeito que deveria ser feito. Embora as mãos suassem a cada avanço dado e o coração pulsasse à beira do infarto fulminante, ele tomou, passo por passo, o espaço entre os dois até parar a um braço dela. No fundo os risinhos e chacotas espalhavam-se, tanto na rodinha das moças, quanto na dos rapazes. Logo ocorreu a Carlos algo básico, mas necessário nessas ocasiões: ele não pensara numa frase pronta, num sorriso, num cumprimento, num olhar, num gesto ou atitude a tomar naquele exato instante. De repente a música invadiu-lhe os ouvidos. "Quer dançar?", perguntou tímido, quase balbuciando. "São cinco da manhã, já estou indo", respondeu a menina de voz macia num descarte tão doce que nem pareceria embaraçoso, fossem diferentes as circunstâncias.

O rapaz desmanchou o sorriso por um instante e, como se fosse a última coisa a se dizer: "Então, a última dança da noite", sorriu com todos os dentes e lábios e esticou a mão oferecendo-a. "Tá bom", ela concordou, sem qualquer demonstração perceptível de agrado ou descontentamento, apenas a concordância plana, rasa, direta.

Por sorte, os deuses da madrugada, se é que estavam eles acordados a horas tantas, decidiram encerrar o expediente deixando tocar a música lenta indispensável ao momento. Os dois dançaram abraçados, trocando algumas palavras, quando finalmente uma outra a chamou, "Joana, vamos". Quando iam se despedindo ela disse "Você demora muito". "Eu sei", ele desculpou-se.

Para a estória dar certo, contudo, algum evento mágico sempre deve tomar lugar, de modo a facilitar a catarse do leitor e do autor, esperançosos do final ideal. Mas Joana, determinada a frustrar todas as expectativas mais caras aos corações românticos, deu de costas após sorrir maliciosamente (talvez tenha dito "a gente se vê" ou outro impropério desses) e deixar um beijo de consolação no rosto do rapaz.

A porta da boate fechou depois da silhueta esguia de Joana deslizar, arrastando seus longos cabelos castanho-claros. O sinal iminente da derrota. A porta bateu, a música acabou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, Carlos? Joana se foi, o final fadou-se infeliz. Voltando ao grupo de amigos, recebeu só mesmo o escárnio e alguns meneares de apoio resolutos, inerentes ao mundo masculino.

Foi quando se abriu outra vez a entrada, agora permitindo a passagem de uma das amigas de Joana. Apressada, a menina num quase correr, quase andar, aproximou-se de Carlos estendendo o braço. Na extremidade, entre os dedos médio e indicador, um papel irremediavelmente amassado. O rapaz esticou-se e alcançou-o, enquanto a moça, com a satisfação do dever cumprido, girou sobre os calcanhares e partiu sem oferecer mais que um piscar de olhos secreto, que só poderia significar algo, algo importante ou urgente, ou ser troça, ou ainda algo muito secreto mesmo, ou ininteligível de verdade.

Por óbvio, a solução do problema dar-se-ia de forma demasiado simples: o desdobrar do bilhete. Esperou a menina-mensageira ir-se, desaparecer da boate, da memória. E como isto, o conto, e aquilo, o suspense, aspiravam pelo desenlace, o jovem Carlos trouxe à vista a nota ainda não desfraldada. Ali, desenhado descaradamente na dobra do papel, um coração. Carlos sorriu para si e a quem quisesse ver, pois corações desenhados em bilhetes, ao menos os que se prezem, só podem significar uma coisa... 



A vida é feita de caminhos

Luciane Martins de Araújo
Mascarenhas

A vida é feita de caminhos
Às vezes vastos e fáceis de se seguir
Mas muitas vezes
Esses caminhos além de tortuosos
São cheios de galhos
Entraves, espinhos
O que dificulta o nosso percurso
O prosseguir

Há pessoas que têm o dom de
Aparar os galhos
Tirar os entraves
Retirar os espinhos que nos machucam
Que dificultam nossa passagem

Para tornar nosso caminho possível
Menos penoso
Mais acolhedor
Até que por fim
Podemos nos deparar com outra realidade

Que nossos caminhos se tornaram
Mais belos
Mais fáceis
Mais primaveris
Com pássaros, flores, música e dança

Por sabermos que junto a nós
Dentro e fora
Algo diferente e forte
Nos move

Com atraso famigerado li suas ditosas linhas

Marta Faustino

Com cuidado redobrado.
Ora sorri, ora sofri, mas sempre com os olhos
cuidadosos,
Para bebericar do conhecimento e entender as
palavras.
Você brincava com as palavras como brincávamos
em infância
Com as lobeiras de carrinho,
Automóvel dos mais possantes.

É por demais delirante
Um saber tão grande...
Abarcando o tema de forma abrangente
E se a amiga citada sou eu, mais emoção ainda!!!

Razões de um cantor

Milton Magalhães

Enquanto existir uma voz que cante
E se levante ante a multidão
Enquanto existir um olhar amigo
E um sorriso ingênuo eu faço canção

Enquanto existir no mundo uma criança
E o orvalho da noite molhar os jardins
Eu sei que no mundo ainda há esperança
E que ainda existe um lugar para mim

Levanta teu braço, companheiro!
Empenha a tua vida no irmão
Pois vozes, ideias e a cultura de um povo
Não morrem nas grades de uma prisão

Nem mesmo a mágoa que trago no peito
Vai conseguir abafar o meu cantar
Pois basta ver o sol a cada dia
E o mistério de um pássaro a cantar

Motivos me sobram para inspiração
A força, a liberdade e a emoção
Acordes naturais do Criador
Criar na vida uma lei: o amor!

O dizer sem palavras já rompeu o vento

Marta Faustino

Rasgou as armadilhas do som
E superou a distância e a voz

A primeira fez lua cheia
Cheia de vida e de amor
Em nosso coração
Na respiração ofegante do maratonista
Na lua vazia dos momentos de dor

A cada centésimo de segundo
Nosso coração e nossos olhos
Encheram-se das flores e das cores da primavera
Cheiro e gosto de primeiro amor
Paz para o mundo
Tranquilidade dentro de nós.

Nosso sangue se misturou na névoa da Via Láctea
E de repente... Descemos para o mundo
E temos o mesmo sangue em nossas veias
Tornamo-nos irmãos do tempo e do vento
Que sopra em nossos cabelos
Anunciando a primavera vermelha
E de todas as cores.

Sem limites

Robério César Camilo dos Santos

Amo-te tanto, de meu coração nunca duvides.
A dúvida no amor fá-lo fraco, cria o defeito.
Não há culpa no coração que ama pouco
Mas a ele sempre há quem ame muito.

Amada, hoje meu coração não está sozinho.
Pois te ama, enfim, meu coração, sem ter limites
Porque o limite para o amor é o próprio afeto
E neste simples coração é o que mais clama.

Amiga, amada, amante, no meu coração vige a saudade
a cada minuto por todo momento em que estás distante,
no limite do sem fim que abrange o peito.

Amo-te por fim, sem culpa, sem alarde e sem defeitos.
Os corações amantes se resumem no infinito,
e de tanto amar-nos é que sou feliz e canto.

O amor

Manoel Messias Fernandes de Souza

O amor é como a música bonita
Que entre nós flui suavemente,
É fogo que queima sem arder,
É fogo que arde sem queimar,
O amor é soturna dor
Que no coração parte em flor,
Da humanidade é original semente
Que ao germinar por entre a gente
Faz-nos sentir no fel o doce sabor
De que amamos e somente amor.
Quem pensa que o amor é algo diferente
Certamente nunca sentiu no peito
O doce calor dessa chama quente!

Tantas são as poesias da vida

Marta Faustino

Que não se pode dizer que inexistem.
O viver já é poético
Para quem a poesia corre nas veias,
Misturada com o sangue claro

Claro e cristalino!
Vidas se entrelaçando com destino ao coração.
Traves da vida em combustão.
Marasmo dos dias de antanho
Em conluio com a pós-modernidade.

E tudo muito cheio de saudade!

Fica comigo

Luciane Martins de Araújo
Mascarenhas

Sou parte de todas as coisas
E todas as coisas também integram meu ser
O ar, a terra, as plantas, a água, o fogo
O ser humano, suas obras

Aqueles que vieram antes de mim
Carrego comigo
Uma parcela de cada um
Que somados e unidos formaram
Um ser diferente
Marcado de forma luminosa
Principalmente por aqueles com os quais pude
conviver e
Sorver o amor, a sabedoria, a esperança, a fé

Fica comigo
Aquela parcela que também saiu
Para integrar outros seres
Com os quais convivo e dedico meu amor
Que partilham um pouco de mim
Que é tudo isso
Para mais uma vez recriar
E poder continuar
Como uma semente
A incrível aventura da vida

Todos os sonhos

Milton Magalhães

Todos os sonhos
De quem quer amar
Estão no caminho
De alguém encontrar
Que tenha nos olhos
O brilho de estrelas
E busque horizonte
Melhor
Para tê-la

Você que não para
Você que não sara
Desta loucura de amor ideal
Escute a poesia
Do amor a alegria
Que a vida é um sonho
Você é real!

Seus problemas de criança burguesa
Sua maior riqueza
Por que não dizer
São mil irreais proezas
De fúteis belezas
De muitas palavras
E de pouco fazer

Papai, mamãe, família
E se vai então todo o dia
Explicando sempre os nãos!
A resposta da sua alegria
Não é a psiquiatria
A sua explicação

Feliz é ter alvoroço
Dos lábios os gostos
De tantos loucos beijar
Brincar de escada e de roda
Fazer da vida bem
Vida para mais vidas
Assim alegrar

Você que não para
Você que não sara
Desta loucura de amor ideal
Escute a poesia
Do amor a alegria
Que a vida é um sonho
E você, ah...
Você é real!

Natal pagão

Francisco Spisla

Confesso que nos últimos anos a época do Natal, para mim, não tem sido de muita alegria. Os contemporizadores de plantão já estão dizendo: "- Calma. É tempo de festa, de conagração". Pois é. Mas me incomoda, como a muitos também, o motivo dessa festança toda. Lembro até do Natal passado quando foi pedido a um amigo uma crônica, e ele, gentilmente, declinou dizendo que do jeito que anda o Natal não se sentia nem um pouco animado para escrever nada. Talvez neste ano ele continue com o mesmo pensamento. E eu também ando assim. Não sei se os anos que me pesam nas costas é que estão provocando isso, mas talvez o saudosismo também tenha alguma coisa a ver. Mas me propus escrever algo porque, acima de tudo, alguém tem que lembrar como deve efetivamente ser o Natal e também para fazer uma catarse e não ficar estressado, já que o que podemos fazer fica restrito quase só à família e aos mais próximos.

Talvez seja muita pretensão, e talvez esteja sendo amargo demais com minhas observações, mas se não se contar o que se passava em outros tempos, ninguém saberá por que essa data se tornou uma festa pagã. E o irônico nisso é que a origem da comemoração nesta época do ano foi uma festa pagã. O cristianismo, como forma de seduzir, ou melhor, catequizar e angariar simpatia para sua mensagem, numa forma de sincretismo, utilizou a festa do deus Mitra que anunciava a volta do Sol em pleno inverno no hemisfério norte, como para dizer: "- Já que vocês adoram um ser inanimado, por que não adoram a Cristo, que é maior que o Sol e muito mais luminoso?" E assim foram surgindo festas, encenações, árvores enfeitadas e o presépio, criado por Francisco de Assis, um xará meu lá dos idos de 1200, se bem que a única coisa que temos em comum é o nome, a santidade é só dele. E tudo isso para mostrar apenas uma coisa: a celebração da vida, através do nascimento de Jesus Cristo.

No meu tempo de infância, fazer o presépio e enfeitar a árvore era uma das maiores e melhores expectativas que tínhamos. Cortar pinheirinhos e catar barba-de-velho nas árvores hoje pode ser entendido como atitudes antiecológicas, mas

naquele tempo havia compensações, como realmente plantar outras árvores e não tirar além do necessário. Distribuir os personagens todos num estrado era o mesmo que brincar com os bonequinhos do forte apache, brincadeira amainada com a santidade da tarefa. O laguinho tinha patos e peixinhos, e era feito com a lata da goiabada cascão e tinha até água (hoje o fiscal da dengue não deixaria). O trabalho era esmerado e aí se a gente quebrasse um dos bonequinhos, muito bem feitos de gesso. O que acontecia às vezes, quando inventávamos lutas para os personagens, fazendo com que no ano seguinte houvesse pastor com uma perna só, José com a cabeça faltando pedaço e a lembrança de uma dolorida varada de marmelo. O interessante é que os três reis magos (há rei mago? Se eu fosse mago não sei se queria ser rei e vice-versa!) iam caminhando e no dia do Natal estavam perto da manjedoura com os presentes. O mais importante no dia do Natal era a missa do galo, à meia-noite, o único dia no ano que nossos pais deixavam ficar acordados até mais tarde crianças e adolescentes. Naqueles tempos do século passado, não havia essa quantidade de brinquedos. Ganhávamos um só, que serviria para brincar o ano inteiro e era bem simples. Não havia essa inflação de Papais Noéis que hoje se encontra em cada esquina. O velhinho tinha uma tarefa educativa, não servia, como hoje, para vender telefones celulares e até cerveja. Quem via um Papai Noel ficava famoso, por mais que tivesse ficado agarrado nas pernas da mãe ou chorasse no colo dele. Outra diversão era ficar pintando bolachas de mel com um palito e um preparado de clara de ovo batida e anilina. E no dia de Natal, cantávamos Noite Feliz com alegria real, pois era uma noite feliz.

Mas... engraçado, todas essas lembranças estão me dando uma certa tranquilidade, me deixando feliz. Acho que se quando era criança tudo isso acontecia, por que eu não posso hoje fazer como meus pais faziam? Chega de reclamar da época utilitarista, do Natal pagão. Vou fazer a minha parte. Vou fazer meu presépio e sair nas noites atrás da estrela guia. Vou encontrar o Menino Jesus e mostrar que Ele é mais importante que o velho barbudo.

Menino é bicho infantil, né não?

Leopoldo Viana Batista Júnior

Não lembro exatamente qual a idade. Lembro-me, com bastante clareza, daquele Natal na minha cidadezinha brejeira, porque naquele dia percebi que o velho Noel, apesar de estar a me presentear, não era o real presenteador, mas, somente, apresentador.

E isso me vem à mente agora com muita fidelidade. Não sei bem o porquê daquela percepção, somente lembro que alguma coisa me dizia que o presente ofertado não havia sido comprado por ele, Noel.

Pois bem, apesar da pouca idade, já me desencantava com essa estória de que alguém dá alguma coisa a outro sem qualquer interesse e induzia, por consequência, que assim ocorria, também, com o velhinho de barbas (literalmente) de algodão. A propósito, estava ele vestido muito mais apropriadamente para atuar no time do profano pastoril encarnado - daqueles que aparecem no rabo-da-gata das festas de ruas interioranas e do qual parecia ele o próprio palhaço comandante das umbigadas nas pastorinhas (assunto proibido, comentado pelos meus irmãos mais velhos) - do que mesmo alguém vindo do frio das neves para o calor úmido daquele Piemonte do brejo.

Mas, apenas hoje, vejo que poderia estar, de certa forma, enganado. É que a experiência nos vai mostrando que existem muitos Noéis na vida, sem necessariamente usarem daquelas espalhafatosas vestes. Mas isso é outra história, para outro dia...

A verdade é que alguns cidadãos, já bem adultos e grandinhos, têm visto, com alguma frequência, até seres extraterrestres, e alguns, mais forte ainda, declaram que foram até mesmo abduzidos. Ora, e por que eu não acreditava no velho Noel? Se nesta terra de Nosso Senhor ocorre tudo isso e mais alguma coisa, por que um velhinho vindo das neves, nem que fosse da Festa das Neves da nossa Capital, não poderia estar em



Ilustração: Ronaldo Selistre

nosso interiorano brejo? Vejam vocês, as minhas fantasias de criança já se dissolviam ou se confundiam. Negava eu a máxima de que menino é bicho infantil?

Todavia, deixando ao lado o bom velhinho, lembro-me, também, de que outra coisa me chamava ainda mais a atenção naquele final de tarde: era a alegria que sentia pelo recebimento em si do presente, independentemente de quem o havia oferecido, do seu valor financeiro ou mesmo da sua importância visual, pois que sabia vindo dos meus queridos pais.

Lembro de haver ficado admirado e extremamente feliz com aquele pequeno pacote.

Após o desembulhar, estava o presente em um saquinho plástico transparente. Em seu interior algumas cartelas de bingo na cor preta e branca, soltas, de madeira, com números em alto relevo e um punhado de pedras numeradas.

Não havia tabuleiro conferente ou globo giratório para misturar as pedras, somente o que acima descrevi.

Pois é, vejam vocês, o mais simples dos jogos de bingo e eu todo feliz. A curiosidade é que esse foi o primeiro presente que lembro realmente haver recebido. E fiquei com ele, preso por uma das mãos, balançando o saco na frente de todo mundo, inocentemente, com a cabeça erguida, passeando na calçada em frente lá de casa, de um lado para outro, provavelmente para que todos compartilhassem da minha alegria e vissem o meu saquinho balançando. Imagino hoje a cena e, atenção, não proponho nenhum trocadilho!

Lembre-mo-nos, a tempo, repetindo-se, que, para a criança, o custo financeiro do presente pouco valor tem diante da sua representação emocional, né mesmo?

De certo modo, exatamente por menino ser bicho infantil, como diz o filósofo Marques Júnior, lembro-me que alguns colegas pirralhos da vizinhança receberam bolas de futebol e eu, um bingo. As bolas eram daquelas vermelhas amarronzadas. Quando chutadas fortemente, principalmente em ambiente fechado - como uma boa sala -, o estalido mais parecia um tiro de espingarda soca-soca, deixando o ouvido de quem chutava zunindo e o couro do pé quase soltando de tão queimado, e, mesmo assim, estavam eles também muito alegres com o que haviam recebido. Hoje, creio que naquela idade meu pai já havia identificado em mim o jogador "exageradamente grosso" que sempre fui. Ou seria influência de minha mãe, em defesa dos vários *biscuits* em cima da cristaleira na sala da frente lá de casa?

Menino é mesmo bicho infantil, né não? Apesar de desconfiar do Papai Noel, o que representava a ausência de uma fantasia típica da idade (isso necessita ser estudado analiticamente), estava eu extremamente feliz com um simples bingo presenteado. Bons tempos aqueles.

É natural que ainda hoje fantasio algumas coisas, claro. Mas acho que meu pragmatismo é bem mais antigo do que pensava, né não? ■



Mensagem de Ano Novo

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Às vezes procuramos em coisas ou em pessoas
Algo indefinível, que não está onde procuramos,
Não está nos outros, e sim em nós mesmos,
Imobilizados, trancafiados, desprezados e esquecidos.

E por mais que tentemos procurar, apesar do esforço,
Nunca conseguiremos encontrar em local algum,
Porque perdemos o jeito de olhar para dentro de nós,
Para os nossos sentimentos, prazeres e projetos,
Onde verdadeiramente nos encontramos
E podemos tentar tomar o leme de nossa vida.

Durante o ano há sempre a oportunidade de se refletir,
Para se repensar o que passou, nossos erros e acertos
Relembrar os bons momentos, perdoar e absorver
O que nos magoou ou constrangeu em algum momento.

Quando se vislumbra o nascer de um Novo Ano,
Temos que buscar o que nos toca fundo na alma,
Numa infindável busca de uma satisfação interior,
A realização dos sonhos mais ocultos e mais desejados.

A felicidade pode estar perto e não a poderemos alcançar
Tal como o fruto bom e doce no alto de uma árvore
Ao qual renunciamos por um amargo no galho mais baixo,
Que com bem menos esforço podemos pegar.
Aqueles sonhos que se tenta concretizar dia a dia,
Aos quais não se deve permitir que o pano negro da desilusão
Se sobreponha à chama de luz que exala de cada pessoa.

Devemos seguir adiante, os amigos verdadeiros
Estarão conosco, do nosso lado, a cada ano, cada dia
Torcendo sempre por um Feliz Ano Novo!

Espera

Luiz Sergio e Silva

Chuvinha fina.
A gota d'água paira sobre a folha da roseira.
Bolha pura e translúcida.
Certamente, um dia, a terra dela precisará.
Por ora, esse doce afago na verde folha.

Sol.
A gota evapora-se rumo ao céu.
Deixando a folha,
Que amadurece e vai ao chão.

Espera.
A ação da rota lenta e contínua.

Novo dia.
A mesma gota d'água
Que ontem se fez vapor,
Novamente cai em desejada chuva.
A folha apodrece
E se entranha no solo úmido.

Terra fecunda.
Passa um passarinho e semeia
O germe de um novo verde.

Silêncio

Manoel Messias Fernandes
de Souza

Suspenso, ao longe, um céu anilado...
Serenos, baixam sobre as nossas almas
Os eflúvios da tarde...
Não sei se estou vivo
Ou se sonho nesta tarde que desce...

Com o coração atado à vida
(Ou quem sabe absorto
Na ilusão de estar vivendo!)
Contemplo calado aquelas velas
Que navegam destemidas
O largo rio de meu pensamento...

Entretenho-me a olhar para elas
A navegarem brancas e silenciosas
Como se lhes fosse a própria existência
Uma mudez infinita e as águas calmas
De um vasto rio a navegar...

Olhos ao mar

José Sotrati Junior

Vejo-te perdida
Olho-te sem jeito
Tão distraída
Junto ao parapeito.

Contemplas o mar
Com os olhos molhados
A lhe balançar
Pra todos os lados.

O mar silencioso
Mas ainda agitado
Olha-te orgulhoso
Está apaixonado.

E a lágrima à toa
Que surge sozinha
Percorre a proa
No mar se aninha.

E o milagre se fez
Sem se explicar
Esverdeou-lhe a tez
Com seu verde olhar.

E o mar esverdeado
Por seus olhos ficou
Mais enamorado
Tal como agora estou.

De ti me acerco
E entendo o mar
Também eu me perco
No teu verde olhar.

Amor de areia e mar

José Sotrati Junior

A cada dia
A areia ansiosa
Espera paciente
O beijo das ondas
A banhar ternamente
Sua face sequiosa.

A cada dia
A areia sequiosa
Espera ansiosa
A onda, paciente,
Chegar docemente
Em sua face ardente
Com beijos roubados
Cheia de cuidados
Para ao se afastar
Com ela não levar
Grãos de sua pureza.

A areia espera o mar
Em ondas escaldantes
A se lançar delirantes
Sobre seu seio febril.
A areia espera e sente
Sabe ser gratificante
Sua espera consciente
De unir-se ao mar anil.

A areia ao sabor do vento
Sabe, o mar tem seu tempo,
E ao vê-lo aproximar
Sabe deixar-se amar.

A mosca

José Irajá de Almeida



Era um domingo chato. Lá fora uma cigarra chata, com seu assovio chato, anunciava que o domingo chato custaria a passar.

Pego meu jornal, vasculho em busca de algo interessante que mereça ser lido e, mal chego à página de economia, tenho minha concentração interrompida por uma enorme mosca entrando pela janela da varanda emitindo ruidosos bzzz. O domingo era dos insetos.

Era uma daquelas moscas bem verdes, sua carapaça era de um brilho tão intenso que lembrava aqueles brinquedos coloridos do Paraguai. Suas asas, pequenas em relação ao corpo, vibravam freneticamente e venciam com facilidade a lei da gravidade. Sem dúvida, era um belo espécime do reino dos insetos.

A mosca, após alguns rasantes, pousa tranquilamente sobre a página aberta do jornal e vai logo disparando:

- Olá, seu humano estúpido!

- Por que essa agressão gratuita? - perguntei, depois de passado o susto.

- Ora, porque vocês, humanos, são todos uns estúpidos, inconsequentes, ignorantes que se espalham por toda a Terra e só sabem produzir lixo!

- Espera aí! - argumentei. - Só lixo, não! A raça humana domina o planeta, mas produz muitas coisas boas também. Veja as obras monumentais e máquinas maravilhosas que já fizemos, veja o quanto a ciência está desenvolvida. As espécies devem evoluir e a nossa está à frente, é a mais avançada de todas.

- Bz, bz, bz - zombou a mosca verde. - O que é isso que você chama de bom? O que é isso que você chama de evolução? Tudo isso não passa de uma montanha de lixo. Veja o que vocês estão fazendo com o planeta nessa sua busca desenfreada por lucro, por riquezas. Vocês destroem tudo, queimam as florestas, matam os animais, contaminam o ar, as águas, e o resultado? Montes e montes de lixo!

- Mas... - tentei argumentar, sem sucesso.

- E tem mais! - prosseguia a mosca arrogante. - Esse lixo que vocês produzem é o lugar ideal para que nós, os insetos, nos multipliquemos aos bilhões até o dia em que invadiremos suas casas e, finalmente, dominaremos o mundo!

Ora, ora, uma mosca fascista, era só o que me faltava! - pensei.

Tentando assumir o controle do debate, argumentei com veemência:

- Ainda assim somos os mais evoluídos e os únicos que podem resolver esses problemas e mudar o curso da história. Os programas de reciclagem de lixo estão em plena evolução, logo seremos capazes de reaproveitar toda a sujeira que produzimos. Grandes usinas de reciclagem estão sendo construídas mundo afora. As florestas estão sendo replantadas, o uso das águas está sendo racionalizado, os mares estão sendo protegidos da exploração predatória. Nossas crianças estão recebendo educação adequada para aprender a proteger e zelar pelo meio ambiente.

- Bzzzzz, bzzzz, bzzzz! - a mosca quase explodiu de tanto rir. - Você é um sonhador, meu amigo! Olhe à sua volta, pergunte quantas pessoas separam o lixo em suas casas, pergunte em quantas cidades há coleta seletiva e eficiente. Olhe as florestas tombando e ardendo em chamas, olhe os mares sujos de óleo. Perceba esse calor escaldante. Perceba a fúria do vento, não há mais árvores para detê-lo. E vocês, "evoluídos", são os grandes responsáveis por isso!

- Nada disso! - rebati. - Os homens estão aprendendo com seus próprios erros. Ainda há tempo para reverter a situação. A humanidade está despertando para a necessidade de viver em harmonia com a natureza. O mundo, em breve, será um lugar melhor para todos, inclusive será livre de doenças e pragas como você.

- Duvide-o-dó! - debochou minha amiguinha verde. E por falar em doenças, deixe-me contar algo sobre nossos grandes aliados, os vírus. Eles são nossas melhores armas nessa guerra contra vocês, humanos. Assim como os insetos, eles proliferam no meio do lixo que vocês criam. Esses vírus embarcarão em nossos corpos e os espalharemos por todos os cantos da Terra!

Parei um pouco para refletir. Creio que esse serzinho verde tinha certa razão. Nós somos a raça dominante, nenhum outro ser vivo é capaz de pensar e criar coisas tão fantásticas como as que o homem cria; porém, nenhum outro ser vivo

é capaz de produzir tanta destruição quanto o homem.

O homem é a única criatura que, conscientemente, mata outros seres por mero capricho. Mata, inclusive, seu próprio semelhante! Será que merecemos continuar sendo a raça dominante? Será que a humanidade é capaz de perceber o caos no qual, aos poucos, está mergulhando?

Reflexões à parte, a mosquinha neofascista continuava seu discurso inflamado:

- A humanidade está com os dias contados, meu rapaz! Seu destino está traçado. Continuem a poluir o ar até o dia em que a atmosfera se torne venenosa, aí eu quero ver vocês respirarem. Que água você irão beber? Água contaminada por resíduos de esgoto e de petróleo? E para as doenças, vocês criarão vacinas? Bz, bz, bz... Para cada vacina que vocês criam, surge um novo e mais resistente vírus. É só uma questão de tempo, a raça humana está numa grande encruzilhada e não sabe como agir, ou não quer agir. O fim é seu futuro. Então nós, os insetos, únicos seres capazes de sobreviver nesse caos, assumiremos o controle, o mundo será nosso! Nós somos os herdeiros do mundo e... não, não... espere!

Paft!!!



Passagem

Leopoldo Viana Batista Júnior

Deitada lateralmente, gemia baixinho; no instante final, absolutamente calada, como que redimida dos seus sofrimentos; como últimos movimentos, moveu seus grandes olhos negros em minha direção, que, lânguidos, fitaram-me, com compreensão, em despedida, e suspirou, como que transmitindo seu derradeiro adeus.

É fácil falar daquele ser, não obstante a emoção que me invade. É que fora ela, em vida, uma criatura alegre, tranquila e ciosa das suas obrigações. Enquanto nossa verdadeira governanta, fora também ferrenha defensora de todos, mesmo aqueles que não eram seus filhos, como os componentes da minha família, e o fizera com força e determinação. Em alguns momentos, porquanto personalidade decidida e deveras protetora, reagia negativamente à presença de outras pessoas em nossa casa.

Parecia estar em vigília constante e em todos os lugares sempre, bastava a presença de um de nós, certamente ali a encontraríamos. Passara por essa vida cercada do carinho daqueles que a amavam, tendo oferecido, à sua maneira, as mais claras demonstrações de dedicação e zelo.

Desde muito nova, mostrara-se facilitadora aos relacionamentos consigo e com aqueles com quem convivera. Colocara, nesse mundo, registre-se que sozinha - pois seu parceiro sequer deles tomou conhecimento -, três rebentos que muito cedo seguiram seus próprios destinos, o que a fizera, mesmo que raramente, mostrar-se macambúzia.

Possuía imensa capacidade de expressão e comunicação. É bem verdade que não

necessitava sequer da verbalização para fazê-lo. Comunicava-se com as expressões dos seus olhos redondos e do seu corpo, quando gesticulava parcimoniosa e graciosamente. Raras vezes, observei expressões tristes que descobriam levemente seus alvos dentes.

Amiga, companheira, boa índole e sangue bom seriam qualidades que facilmente nela cabiam. Todavia, onde estivesse dominava seus semelhantes com imensa rapidez. Bastava um seu olhar, um contato mais amiúde, e logo estava ela a continuar como centro das atenções, reinando. Tivera uma ajudante de ordens, que, malgrado mais nova, partira deste mundo mais cedo que ela própria, deixando-a reconhecidamente triste por algum tempo. Parecia que o destino insistia em deixá-la, como deixou, sozinha.

Ao final de sua vida, tendo passado por todos os momentos que um ser de boa cepa poderia obter, recebera a provação de suportar um câncer ósseo, devastador, rapidamente alastrado por seu organismo, que a fez sofrer por alguns dias até sua passagem definitiva desta vida.

Com o carinho que o momento permitia e com a face molhada por algumas teimosas lágrimas, depusitei seu corpo velhinho e inerte, agora descansado, ao pé de um majestoso coqueiro, e roguei que, doravante, sua imensa energia positiva se transformasse em alimento para aqueles que venham a possuir o privilégio de provar dos frutos daquela árvore. Além do mais, a cada suave brisa, o leve balouçar das verdes folhas da palmeira, e seu farfalhar característico, trará em mim a lembrança, Lassie, da sua existência. ■

Por detrás dos sinais

Milton Magalhães

Parceria com Max Miller

Perdidos na velocidade do som e da luz
Dos faróis dos carros e das bebidas vividas
Dos vãos da noite e do medo da cidade escondida
Dos fantasmas do cais e da calma da brisa perdida.

Já são negros os sonhos
E de ventos de areia todos os ritos
A pairar o silêncio e o vazio das luas
Da contramão abatida, perdida, esquecida
Da garrafa vazia surge a fria poesia concreta das ruas.

Da bala que vem com o tempo o cruzamento da história
Na gíria dos meninos sonhadores e nas camisas furadas
Há uma placa de PARE meio embriagada na memória
Calada e despedaçada na fala muda de pais frustrados

Da vida já basta toda ela
Tudo é um duro aprendizado
Entre o poste e o meio fio
Há uma vida cortada
Oh meu filho! O que tu fizeste com tua estrada?

As luzes piscam freneticamente
Como em uma Rave com música sincopada
Os fliperamas caducaram com seus designs brilhantes
Olha as belas meninas maquiadas na calçada
E o meu pobre autorama do Ayrton Senna lá em casa.
Cuba Libre! Gin, chop, Pitu, Ballantines,
Negroni, Dry Martine, Cosmopolitan,
Gasolina, Álcool e Óleo Diesel.

"Há que endurecer sem perder la ternura"
Ainda guardo o pôster do Che Guevara
Oh, é minha linda chica rubra!
Te abracei mãe na escada e tu me dizes quase chorando:

PARE, PARE, PARE

Desculpas perversas

Marta Faustino

A vida é feita de muitas cobranças e culpas
Para elas inventamos muita insensatez e desculpas
Para cada culpa um rol de cinquenta desculpas
Para cada desculpa um rol de mais cinquenta e uma culpas

A balança pesa e a idade chega
E com ela
Mais culpas e desculpas e culpas e desculpas
A vida poderia ser considerada perversa

Se a resposta não estivesse nas ligações nervosas
De nossos neurônios máximos
No recôndito de um cérebro controvertido e complexo

Especialista (como nós) em esconder sentimentos
Embaixo do tapete e nas vias neuronais
Especialista em culpas e desculpas

Cálice

Robério César Camilo dos Santos

É duro sentir o que eu sinto.
É fácil sentir o que eu sinto.
É curto sentir o que eu sinto.
É duplo sentir o que eu sinto.

Tenho um sentimento dentro do peito,
talvez seja vontade mesmo de um beijo,
talvez um motivo brando, apenas,
[uma esperança tímida
ou só meio cálice de viver.

É fácil sentir o que eu sinto,
estou repleto de um tanto,
um tanto largo e profundo,
vasto de amor, eterno em tudo.



O Mosquito

Jayme de Azevedo Lima

O espaço era moderno, sala ampla, cadeiras confortáveis, carpet de 50mm imitando um gramado, uma mesa enorme e três poltronas presidenciais. Tudo embaixo das arquibancadas do estádio mais moderno do Brasil, a Arena da Baixada, sede do Furacão - o Clube Atlético Paranaense -, campeão brasileiro da virada do milênio e que, nesse ano, vinha enfrentando dificuldades homéricas para se manter na primeira divisão.

Os atletas foram convocados para a palestra motivacional a ser dada por um senhor de cabelos brancos, perfil atlético, um rosto forte e vincado pelo tempo, um bigode gauchesco e um par de olhos espertos, mas cansados. Os atletas profissionais, alguns com 34 anos ou mais, todos com passagens por times internacionais, pela Europa, Ásia e África, grande parte formada por jovens esperançosos de uma carreira profícua.

O psicólogo apresentou o palestrante, não disse seu nome e apenas falou que ele estava ali para lhes contar uma história.

O velho agradeceu, tossiu e, de pé, começou a contar sobre a vida de um jovem que aos 17 anos era reconhecido no colégio interno e na cidade como um craque fora de série, e olha que eram os anos 60, do Brasil bicampeão do mundo, de Pelé, Djalma Santos, Garrincha, Nilton Santos, Gilmar e outros que vieram a ser chamados em 1969 de "feras do Saldanha". Era o tempo da bola de capotão, chuteiras de couro, trava de prego e biqueira.

Ele sabia tudo sobre posicionamento em campo, táticas, estratégias e treinava com afinco os fundamentos do futebol, quer fosse o passe, o cruzamento, chutes a gol de qualquer distância. Treinava dia e noite, cruzava a bola cem vezes até acertar seguidamente a marca do "penalty". Batia



Ilustração: Ronaldo Selistre

faltas como ninguém, fazia da prática o seu exercício diário.

Era ponta direita, cruzava com perfeição e não se importava de ser *garçom*, de servir. Aliás, não cruzava a bola. Quando partia em velocidade para o gol adversário, parava, cortava o zagueiro com dribles desconcertantes, em um ápice levantava a cabeça e dava o passe com açúcar para os atacantes marcarem.

O padre alemão era o técnico do time e sempre dizia: o Abatiá faz gols, mas quem joga mesmo é o Mosquito. E não tardou para que levassem Tião Abatiá para os *coxas-brancas* e pouco tempo depois Mosquito estreava no rubro-negro. Fez três gols e deu passe para mais três contra um time pequeno

do interior, fazendo a pequena torcida vibrar. No próximo jogo já falavam de Mosquito como um craque com visão de jogo, com postura, um futebol limpo e, sobretudo, solidário. No segundo jogo não fez gol, mas deu três passes que valeram o ingresso e a vitória atleticana.

Finalmente veio o maior clássico, o Atletiba, Furacão versus Coxas, no campo deles, dos branquelos. Jogo difícil. Mosquito já tinha colocado os atacantes em condições diversas vezes. O empate persistia, até que aos 44 minutos do segundo tempo, acossado, cansado, Mosquito lançou e, de cabeça, Sicupira marcou um golaço. Um a zero, torcida em delírio, jogadores abraçados, quando perceberam Mosquito caído na área. Ao cruzar, no embate viril e jogo limpo, seu joelho bateu contra o do lateral Nilo e todos sentiram a dor e o drama de Mosquito, que saiu carregado.

Na década de 60, cirurgias de joelho eram uma temeridade e problemas patelares impediram que Mosquito, aos 20 anos de idade, continuasse no futebol. Entretanto, claudicando e de bengala, ele continuou sua vida, formou-se em Direito e continuou ajudando jovens a bater na bola com carinho, a passar com ambos os pés, a cruzar, bater faltas, a jogar com alegria, a ser solidário, a buscar vencer com humildade, com honestidade, e a viver com muito humor. Nunca mais jogou.

Disse ainda aos jogadores: "Somente a união de vocês, a dedicação em campo, buscando a bola como se fosse um prato de comida, não ter bola perdida, ter amor à camisa e respeito ao torcedor, somente assim, solidários, *garçons* que sirvam ao companheiro melhor colocado, é que vocês, juntos, encontrarão o caminho da vitória".

Dito isso, agradeceu e foi em direção à porta, claudicando e apoiado em uma velha bengala.

Alguns jogadores, com algumas lágrimas escorregando pelo rosto, de pé aplaudiam ao velho.

Aplaudiam Mosquito. ■■■



A viagem da leitura

Jairdes Carvalho Garcia

"(...) E lá estava eu escalando aquela montanha de pedra. Mochila às costas, andar trôpego, respiração ofegante, vontade férrea. O suor, tal qual as águas do mar, ardia nos olhos, miopizando a visão. As pernas, anestesiadas pela dor, insistiam na empreitada hercúlea. As mãos, esfoladas pela corda, procuravam fendas onde se agarrar. E assim foram cinquenta, cem, cento e vinte metros e nada do cume. Parecia inalcançável, inatingível, inacessível. Mas o objetivo traçado era maior. Não poderia simplesmente desistir. Meu limite era superar a todo instante minhas próprias limitações. Súbito começa a chover. A água da chuva e o suor do meu rosto embotam-me ainda mais a visão. As pedras esverdeadas pelo lodo tornam-se escorregadias como pisos ensaboados. Pelo menos parte do meu cansaço é aliviado com as águas pluviais. O bastante para me despertar um novo ânimo. Ânimo que se renova a cada centímetro de escalada e se esvai a cada tropeço ou escorregão. Já nem sei se deveria ter encarado tão monstruosa parede natural. Será que fui louco ao aceitar tal desafio, como me alertaram?! O esmorecimento me abate como um soco de pugilista. A mochila, outrora leve como palha, torna-se pesada feito chumbo. Tenho uma vontade medrosa de voltar. Mas como retornar se já estou a tantos metros do chão?! Chorar?! Nem forças tenho. Melhor gritar! É mesmo, melhor gritar. Talvez alguém me ouça. Aprumo as pregas vocais, tomo fôlego e... Ah, que sensação maravilhosa! Parece que todos os meus problemas se desfizeram no ar, como nuvens de fumaça. Sinto-me novamente um desbravador tão forte e

audacioso como Ulisses. Até a chuva, assim como veio, foi-se. Meus braços, pernas, vistas parecem ser dotados de superpoderes. Alguns minutos depois e já estou no pico. Uma alegria esfuziante se apossa de mim. Sou, neste momento, o senhor da montanha. A emoção é tão forte que, por um átimo, me esqueço do que fui fazer ali. O suficiente para um sono arrebatador me derrubar qual pluma naquela relva molhada. Acordo assustado com picadas de formiga e vejo que não foi um sonho. Eu realmente conseguira escalar aquela portentosa montanha. Domino o êxtase, abro a mochila, preparo o material ainda intacto, confiro as amarras, estico o parapente, invoco os santos protetores do ar e... Indescritível! Voar, sentir o ar bater de encontro ao rosto, olhar do alto as paisagens minúsculas é a melhor sensação já experimentada por um ser humano. Ver os pássaros planando a meu lado, tocar as nuvens, mirar o infinito do horizonte é um privilégio de deuses. E eu me sinto, neste momento único, um deus. Claro que um deus limitado por asas artificiais, mas mesmo assim, um deus. Só perco este sentimento de divindade quando uma térmica imprevisível arremessa minhas asas contra a montanha de pedra. Mal tenho tempo de pensar no que fazer e vejo meu rosto frente a frente àquela impassível crosta pétrea. Num ato de puro reflexo, tento com uma das mãos arremessar o balão reserva, mas..."

- O que é isso, meu filho? O que você está fazendo acordado até esta hora? Deixe já esse livro e trate de dormir!



Afonso Batista da Silva
Porto Velho/RO



André Falcão de Melo
Maceió/AL



Antônio Dilson Pereira
Curitiba/PR



Arcinélis Caldas
Campos dos Goytacazes/RJ



Éder Maurício Pezzi
Brasília/DF



Floriano Benevides
de Magalhães Neto
Fortaleza/CE



Francisco das Chagas Nunes
João Pessoa/PB



Francisco Spisla
Londrina/PR



Henrique Chagas
Presidente Prudente/SP



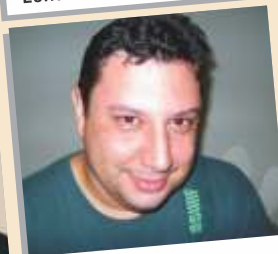
Jairdes Carvalho Garcia
Ipatinga/MG



Jayme de Azevedo Lima
Curitiba/PR



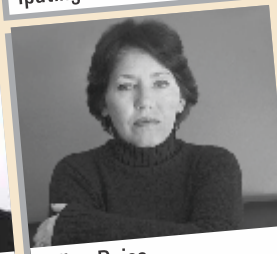
José Irajá de Almeida
Maringá/PR



José Sotrati Junior
Bauru/SP



Leopoldo Viana
Batista Júnior
João Pessoa/PB



Lillian Deise
de Andrade Guinski
Curitiba/PR



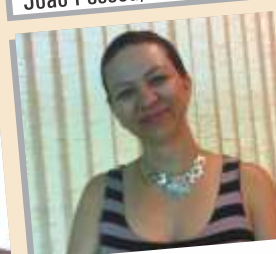
Luciane Martins de
Araújo Mascarenhas
Goiânia/GO



Luiz Sergio e Silva
Goiânia/GO



Manoel Messias
Fernandes de Souza
São Paulo/SP



Marta Faustino
Goiânia/GO



Milton Magalhães
Porto Alegre/RS



Robério César Camilo
dos Santos
Maceió/AL



Rodrigo Mello
Florianópolis/SC



Rogério Spanhe da Silva
Porto Alegre/RS



Satiro Lázaro da Cunha
Brasília/DF



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ADVOGADOS
DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL